



OS CONTOS DE BELAZARTE



MÁRIO DE ANDRADE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

 OS CONTOS DE BELAZARTE 

Mário de Andrade

 OS CONTOS DE BELAZARTE 

Estabelecimento do texto
Aline Nogueira Marques

NOVA FRONTEIRA | RIO DE JANEIRO 2013

A Antônio de Alcântara Machado ✨



SUMÁRIO



Capa

Folha de rosto

Dedicatória

Sumário

Uma história que Belazarte não contou

Nota da segunda edição

I. O Besouro e a Rosa

II. Jaburu malandro

III. Caim, Caim e o resto

IV. Menina de olho no fundo

V. Túmulo, túmulo, túmulo

VI. Piá não sofre? Sofre.

VII. Nízia Figueira, sua criada

Belazarte bem mais que modernista

Dossiê

Prefácio Inédito

Manuscritos e edições

Texto de orelha

Sobre o autor

Créditos

Ficha catalográfica

Texto de Quarta Capa



UMA HISTÓRIA
QUE BELAZARTE NÃO CONTOU

Aline Nogueira Marques

O interesse do público e da crítica em compreender as obras de Mário de Andrade, nos caminhos tomados em uma vida intelectualmente riquíssima, mas muito curta – 1893-1945 –, encontra respostas e possibilidades nos documentos do arquivo e na vasta correspondência do escritor. Os documentos, segundo ele, “fazem a história” e nas cartas, tem-se o compartilhar do trabalho, os projetos, as transformações. Essas fontes nos aproximam d’*Os contos de Belazarte*.

Assim como no livro de 1922, *Paulicéia desvairada*, o poeta moderno quisera – em um recorte no Prefácio interessantíssimo – exibir sua habilidade de sonetista parnasiano, em 1923, Mário de Andrade, tal como anunciara em carta de 15 de novembro a Manuel Bandeira, havia se empenhado na organização de *Primeiro andar*, um livro de contos demarcando o “resumo do meu melhor passado”.¹

Em 1926, ao assumir, com suas economias, a impressão de *Primeiro andar* na Casa Editora Antonio Tisi, o ficcionista recupera também suas primeiras incursões na prosa de ficção renovadora.

No título do livro e nas datas de redação apostas a cada conto selecionado, reconhece passos ou patamares que partem do exercício do caso regionalista, no decênio de 1910, e alcançam formas mais modernas, em Brasília e História com data, de 1921, Moral cotidiana, de 1922, e O besouro e a Rosa, de 1923.² Neste, oferecido como “a primeira história de Belazarte”, um narrador, assim batizado, “fala” como alguém do subúrbio paulistano, e manifesta, sem condenação moralista, clara solidariedade à heroína, apesar de um certo naturalismo à Aluísio Azevedo.

Belazarte, narrador e personagem, um *alter ego* de Mário de Andrade, nascera nas Crônicas de Malazarte, assinadas pelo escritor

na *América Brasileira*, entre outubro de 1923 e julho de 1924. Na revista carioca de Elísio de Carvalho, esta série de dez crônicas, cuja tônica era acontecimentos modernistas, dois "intermédios", O besouro e a Rosa, em fevereiro e, logo depois, Caim, Caim e o resto, em julho de 1924, tinham firmado o espaço do contista.³ A primeira linha de ambos, "Belazarte me contou:" com dois pontos, subsiste em O besouro e a Rosa no *Primeiro andar*, tornando-se bordão em todos os contos, no livro específico desse narrador, *Belazarte*, em 1934.

Conforme se detecta em seu arquivo, talvez em 1925, o autor arrancou as páginas dos contos de exemplares dos dois números da *América Brasileira*, e, desenvolveu, em cada um dos dois, uma nova versão, ao conjugar alterações autógrafas ao texto impresso, de modo a constituir uma segunda versão ou dois novos manuscritos em dois "exemplares de trabalho".

Quando se focaliza a criação de Mário de Andrade, sempre em movimento, nunca terminada, cabe informar, abertos parênteses, que, mesmo sendo um escritor que destruiu notas, planos, rascunhos ou versões, manuscritos autógrafos ou datiloscritos anteriores à publicação de suas obras, ele conservou diversos "exemplares de trabalho". A expressão/classificação de sua lavra, "exemplar de trabalho", correspondia a seus textos impressos – em livros, jornais ou revistas – que, rasurados a mão, passavam a propor novas versões e se tornavam originais de uma nova edição, manuscritos, portanto, de acordo com a crítica genética.

As alterações em O besouro e a Rosa, provavelmente de 1925, bem como em Caim, Caim e o resto, convergiram, em 1933 ao que se supõe, para os "exemplares de trabalho" vinculados à *América Brasileira*, acompanhadas de outras, na versão desse primeiro conto no livro de 1926, e na versão do segundo, no *Belazarte* de 1934.

Em 1925, o oferecimento de colaboração à revista do modernismo carioca *Estética*, aponta para Prudente de Moraes, neto, a existência de um conjunto onde estão mais dois títulos: "Ou posso mandar um dos contos de Belazarte, escolha pelo nome Jaburu malandro ou Menina de olho no fundo. São ambos trabalhos longos."⁴ O conjunto

é definido para Carlos Drummond de Andrade, em 23 de novembro de 1926:

Sei que comentando o Nízia Figueira, sua criada, você me demonstrou um conceito muito apertado e dogmático do conto. Não aceito não. Aliás meu livro se intitulará *Histórias de Belazarte*... São histórias dum sujeito historiento e cuja personalidade se define muito dentro dos contos, personalidade que rapidamente esbocei numa das Crônicas de Malazarte.⁵

A Mário de Andrade, além de, escrever e reescrever, cabe providenciar a publicação. Um livro implica dívidas e dúvidas, como confia a Manuel Bandeira, em 27 de dezembro de 1929:

Comigo sucedeu uma coisa engraçada, faz uns dois meses. Passei a limpo os contos de *Belazarte*, levei pro impressor, combinei preço, tudo, dei ordem pra se imprimir. Cheguei em casa, me bateu uma tal descoragem para publicar o livro agora! É estúpido a gente estar imaginando em literatura numa época destas em que nem se sabe o Brasil em que irá dar. Crise, inda por cima, e a gente criando "luxo". Achei que era besteira publicar e no dia seguinte retirei os originais da tipografia. Tem momentos porém que me volta a vontade de publicar já a coisa.⁶

No ano seguinte, em 11 de fevereiro, quando avalia a situação política do país para o mesmo destinatário, a idéia de tirar *Belazarte* da gaveta se reapresenta:

Passando as eleições, um mês ou dois depois, se não vier revolução, já é tempo da gente principiar pensando em literatura outra vez. Pretendo então editar o *Belazarte* que levará dois contos de que gosto bem, o caso do Piá que sofre e o Nízia Figueira.⁷

E, em agosto de 1931, Mário conta a Paulo Magalhães as dificuldades que o rodeiam:

Até estou com um livro que queria publicar agora, de contos, e não posso editar. Pensei em arranjar um editor, mas... tenho vergonha de ir procurar, não tenho jeito.⁸

Um prefácio para Belazarte

Em 1928, em *Macunaíma*, na relação das obras do autor, *Belazarte* surge como "em preparo". Em 1930, Mário de Andrade compõe um

prefácio e, no ano seguinte, mais um.⁹ Funde-os, resguardando, porém, a indicação “Prefácios abandonados de Belazarte”. Apraz-lhe escrever prefácios que não publica, como aqueles destinados a *Amar, verbo intransitivo* e a *Macunaíma*. Sabe da importância de refletir sobre uma arte interessada em captar o Brasil, sem esquecer o universal. O Prefácio unificado, ou a terceira versão do mesmo, desvela dois momentos na datilografia, em sete fólios diferentes nas medidas e no papel. A data no final, “2-V-930”, atém-se, ao que se analisa, a um primeiro texto, de página única, sucedido por outro, desconhecido em sua integralidade, cujo início foi descartado, assim como algumas parcelas, para montar, por meio de fragmentos cortados a tesoura, certamente em fevereiro 1931, a versão que se tem no arquivo de Mário. A hipótese quanto à data repousa em um trecho da crônica Terno itinerário ou trecho de antologia, datilografado no verso da sexta folha. Essa crônica, publicada no dia 15 daquele mês e ano, na coluna de Mário no *Diário Nacional*, em São Paulo, atesta a reutilização do papel.

Belazarte nas livrarias

Superadas as dificuldades, em 30 de dezembro de 1933, *Belazarte* sai do prelo da Editora Piratininga, de São Paulo. O Ano Novo o expõe nas livrarias. As despesas da edição, ao que se pode entender a partir de um lembrete rabiscado pelo escritor em seu exemplar do nº 22 da revista *Le mois*, foram pagas por ele, em prestações.¹⁰ O livro, brochura costurada, tem capa moderna e colorida, assinada por Iokanaan, pseudônimo de Joaquim Alves (1911-1985), transpondo plasticamente a história de Ellis, o criado de Belazarte. A seqüência original mescla Caso em que entra bugre, narrativa regionalista distinguida como “intermédio”, impressa em itálico, aos contos a cargo do narrador homônimo à coletânea: Caim, Caim e o resto, Piá não sofre? Sofre., Túmulo, túmulo, túmulo, Menina de olho no fundo, Jaburu malandro e Nízia Figueira, sua criada. Como se vê, não inclui O besouro e a Rosa que, nesse momento, figura em *Primeiro andar*, com dedicatória ao modernista argentino Luis Emilio Soto. Na nota Bibliografia, no final de *Belazarte*, o autor, ao explicar

a montagem, confunde o título de sua própria série Crônicas de Malazarte:

Estes contos foram planejados pra servirem de intermédios a umas Crônicas de Belazarte, publicadas na *América Brasileira*. De cinco em cinco crônicas, um se intercalava. Foram assim publicados os dois primeiros, O besouro e a Rosa (*América Brasileira* de fevereiro de 1924) e Caim, Caim, e o resto (*América Brasileira* de julho de 1924). Depois, impulsos de camaradagem me obrigaram a sair da revista, que aliás morreu logo. Ficaram os contos já escritos no calor do plano inventado, e outros no desejo. Destes, alguns tiveram realização, e vão também aqui. O besouro e a Rosa foi ainda publicado, e sem as restrições de revista, no livro *Primeiro andar*, como página de encerro. O Caso em que entra bugre, escrito aliás muito posteriormente e fora do plano, foi publicado no número de 14 de julho de 1929, do *Diário Nacional*, de São Paulo. O conto Menina de olho no fundo foi publicado no n.º 6 da *Revista Nova*, de São Paulo.¹¹

A nota de 1934 traz à tona, além da participação do contista em periódicos culturais – em 1924, na citada *América Brasileira* e, em abril de 1932, na *Revista Nova* do modernismo paulista –, o projeto de um livro de contos. Em sua correspondência, Mário comenta aspectos de seu trabalho. A Carlos Drummond de Andrade, ao discutir o comportamento de Nízia Figueira, salienta a infelicidade como uma linha mestra nas narrativas:

Depois se fixou em mim é verdade que um poucadinho metamorfoseada, mais vivacidade e menos pessimismo tristonho. Mas pessimista. Quase todas as histórias acabam com o refrão Fulano foi muito *infeliz*. Fulano foi muito *feliz* vem em duas histórias só, são felizes uma bêbeda esquecida do mundo Nízia Figueira e um moço bobo. Bobo no sentido da medicina popular. E veja, hoje, todos os gêneros se baralham, isso até Croce já decretou e está certo. Romances que são estudos científicos, poemas que são apenas lirismo, contos que são poemas, histórias que são filosofias etc. etc. Não tem a mínima importância e vamos agora saber qual é o conceito exato de romance! Eu estou achando que o defeito de certas histórias de *Belazarte* é que estão um pouco pesadonas de tão compridas porém contra isso não posso nada. É estilo de Belazarte e não meu. Por mais que considere artisticamente esses casos não posso diminuí-los! Não são meus e palavra que não estou fazendo blague. São de Belazarte figura imodificável.¹²

A infelicidade estende-se, pode-se pensar, ao nome do narrador solidário, no qual está contida a palavra *azar*. O Belazarte suburbano que circula num meio de certo modo intocado pela renovação, no qual ainda pontificam as “belas artes” e são freqüentes os erros de concordância de número, narra oralmente – por artifício – suas histórias. O nome dele desenha-se, pois, como uma espécie de transliteração na “gramática” do imigrante ítalo-paulistano que se descuida da concordância no plural.¹³ Uma transliteração como a praticada em Caim, Caim e o resto.

A proposta estética do texto como a fala que se constrói conforme a língua portuguesa oral, no Brasil, quase deu a *Belazarte* mais um conto, Foi sonho, em 1933, este desconhecendo, todavia, o bordão inicial. Em 22 de abril, novamente Mário resume seu intento ao amigo Manuel Bandeira:

Ia me esquecendo: lhe mando junto uma página engraçada que escrevi na terça-feira de Carnaval, quase exclusivamente com dados colhidos da minha própria janela. Estou com vontade de ajuntar isso, como segundo intermédio do *Belazarte*, que acha? (não guardei cópia).¹⁴

Apesar da aprovação do interlocutor, e do ficcionista lhe reiterar sua intenção em uma segunda carta, em 12 de junho ¹⁵, a narrativa em que ocorre uma apropriação radical da linguagem de um narrador popular, mulato inculto, não integrou a primeira tiragem de *Belazarte*, em 1934, nem as reedições.

Datado de 28 de fevereiro de 1933, Foi sonho, em novembro de 1935, está na *Revista Acadêmica*, nº 15, no Rio de Janeiro, tendo as idéias, que lhe pautaram a criação, explicitadas para o editor, Murilo Miranda, na mesma época:

Vou também lhe mandar uma coisa minha que só será publicada com a promessa formal de você que sairá graficamente exatamente igual ao original que eu mandar. Isso é bobagem minha, mas tentei grafar exatamente, com o mais contraditório realismo, as inseqüências da fala popular. O caso é quase que a reprodução fotográfica duma fala que escutei numa segunda-feira de carnaval. Bordei um bocado a coisa, mas as frases justamente mais curiosas saíram tal-e-qual da boca do mulato. Eu acordava, era, aí pelas dezessete horas, depois da farra da véspera, cheguei até a

veneziana, e escutei a conversa que ia embaixo. Minha casa, por causa da caixa-de-ressonância do vale da Barra Funda, tem um poder acústico extraordinário. Se escuta tudo o que falam na rua, até em voz baixa. De resto o mulato não estava nada falando em voz baixa, não se amolava com ninguém. Fiquei logo interessado na conversa corri buscar papel e lápis, e fui anotando o que podia. Com esses pedaços fiz o continho ou coisa que o valha. Os que o conhecem gostaram muito e por isso me lembrei de mandar um inédito pra sua revista. Mas grafei mais como objeto de estudo da fala popular, que como arte, que requer maior unidade e... parença. Se você quiser mesmo publicar a coisa, faça um esforço danado pra sair sem nenhum erro tipográfico.¹⁶

Em 1943, a coletânea de crônicas *Os filhos da Candinha*, nas Obras Completas, abrigará Foi sonho.¹⁷

A crítica festeja *Belazarte*, em 1934. Tasso da Silveira, na revista Festa, como que resume a recepção entusiástica: "Mário de Andrade fixou, positivamente, com este livro, seu nome na lista dos valores inegáveis da literatura de ficção na América."¹⁸

Belazarte vai ao Rio

Perto de dez anos da publicação do livro, em 1943, a Americ-Edit, de Max Fischer (1880-1957), judeu francês refugiado do nazismo, no Rio de Janeiro, compreende a importância da obra de Mário de Andrade. Encarrega o crítico Álvaro Lins da Coleção Joaquim Nabuco, série voltada para "autores de hoje e autores de ontem, livros do momento e livros em reedição". *Aspectos da literatura brasileira*, de Mário, "escritor ilustre, mestre de gerações mais novas", a inaugura.¹⁹

Em 1944 vem à luz *Belazarte*, precedido da nota que deixa implícito o processo de criação contínuo, com permutas e entrelaçamentos, ao aludir às modificações operadas no volume. São elas: a exclusão de Caso em que entra bugre, transferido para *Primeiro andar*, e o ingresso de O besouro e a Rosa, completando o ciclo do narrador Belazarte. A nota não conta que, para emergir ali, este conto havia passado por refusão, em 1943 talvez, quando o escritor retornara ao *Primeiro andar* para instituir um exemplar de trabalho de *Belazarte*.

No livro de capa simples que, em 1944, combina preto e laranja, o índice ordena os títulos: O besouro e a Rosa, Jaburu malandro, Caim, Caim e o resto, Menina de olho no fundo, Túmulo, túmulo, túmulo, Piá não sofre? Sofre. e Nízia Figueira, sua criada.

A edição, todavia, não merecera a confiança do autor, segundo cartas dele aos amigos. Além disso, outra porta se abriu. Em 28 de janeiro de 1944, Mário de Andrade externara a Moacir Werneck de Castro, da *Revista Acadêmica* do Rio de Janeiro, sua decepção com a demora do livro e relatara negociação mais sólida encetada com a Livraria Martins Editora, de São Paulo:

Esse caso do Fischer, nem é bom falar! Sobre ele só quem me prevenira fora o Murilo... que trabalhara pro Fischer! e com argumentos de Murilo. Não dei atenção. Está claro que sei que não é crime nem erro, mas me aborrece ter dois livros com ele, agora que você esclarece mesmo as coisas. Se ele passar mais de um ano sem tirar o *Belazarte*, tiro o livro da Americ. O que é ótimo, pra sair logo aqui nas "Obras completas" que é muito provável o Martins assine contrato comigo. De boca já estamos firmados.²⁰

Dessa tiragem de *Belazarte* que, afinal, chega às livrarias, Mário separa um exemplar, no qual não retrabalha o texto com vistas em uma reedição. Prepara um *sui generis* exemplar de trabalho, manuscrito votado à correção, o qual, concretamente, vale como o último manuscrito. A grafite, tinta preta, lápis vermelho e azul, acusa as muitas infidelidades perpetradas, os trechos saltados, tudo que lhe dá vontade de mandar recolher a obra. Rompe com Fischer, conforme anuncia a Newton Freitas, em 15 de fevereiro de 1945:

Estou brigando com a Americ Edit que fez uma edição do *Belazarte* que em 180 e poucas páginas tinha 124 erros de revisão! Fiz suspenderem a venda, e a Associação Brasileira de Escritores a quem entreguei o caso, está pleiteando rescisão do contrato ou edição nova. Prefiro rescisão, que assim o livro já iria pras *Obras Completas*, mas justo pra não demonstrar que estou com má vontade pus o caso nas mãos da ABDE.²¹

O plano das Obras Completas com a Livraria Martins Editora materializa-se para o escritor nas edições de *Os filhos da Candinha*,

Amar, verbo intransitivo e *Macunaíma*, em 1943-1944. Estampado nos dois últimos, indica *Os contos de Belazarte*, como o volume V. Na noite de 25 de fevereiro de 1945, Mário de Andrade morre, sem ver a nova edição. Em 1947, a primeira edição da Martins acata a versão dos textos na Americ-Edit, considerando as emendas a lápis de cor naquele exemplar de 1944 preservado pelo autor.

As andanças de um livrinho cor de vinho

O ano era 1968, na ditadura militar. Valentim Faccioli, estudante de Direito em São Paulo e revisor na Livraria Martins Editora, de repente flagrou um livro pequeno, cor de vinho, calçando a mesinha no canto da sala em que trabalhava. Apanhou-o e descobriu um boneco d'*Os contos de Belazarte*, com as páginas crivadas de anotações a lápis que julgou traçadas pelo autor. Guardou consigo o volume, pois, na editora, ninguém lhe sugeriu outro destino. Preso político nessa época, perdeu o emprego e teve que abandonar o curso de Direito. Libertado, tornou-se professor, no ensino médio e, em seguida, na Universidade de São Paulo, onde, no Instituto de Estudos Brasileiros, está o acervo do autor de *Macunaíma*. Ao saber disso, concluiu que o IEB seria o destino certo para o livrinho, o qual – sabemos agora –, é um documento da maior relevância nesta história que Belazarte não contou.

Encadernação tosca em percalux vinho, o volume *in octavo*, sem a capa original e sem a folha de rosto, não precisa, à primeira vista, um exemplar da edição *princeps*, de 1934. Não tem, na verdade, sequer o título declinado. No final, no verso do “Índice” impresso, riscadíssimo, vigora outro, datilografado. Este “ÍNDICE” dispõe os contos tal qual a edição Americ-Edit de 1944. Para obedecê-lo, o exemplar foi descosturado, conferindo ao miolo uma nova seqüência, com a numeração das páginas corrigida a grafite, a partir de Jaburu malandro, o segundo texto. Assim acontece porque o primeiro conto, neste plano de *Belazarte*, O besouro e a Rosa, está naquela versão constituída pela aposição das rasuras a tinta vermelha ao texto no exemplar de *Primeiro andar*. Além disso, o índice conta uma Nota inicial.

O livrinho revela-se, então, um exemplar da tiragem na tipografia da Piratininga, documento com dupla natureza. Existe como o boneco preparado para uma segunda edição e, ao mesmo tempo, como apógrafo de um exemplar de trabalho, isto é, cópia de uma versão rasurada, por Mário de Andrade, do texto da *princeps*, visando a um novo *Belazarte*. É boneco porque determina os passos da composição por meio de marcas convencionais das oficinas gráficas, a grafite, a lápis de ponta vermelha, azul, e a tinta preta. É exemplar de trabalho apógrafo porque as rasuras – acréscimos, substituições, supressões e correções –, reproduzidas a lápis preto, por mão alheia, refluem, a maior parte, no livro de 1944, pela Americ-Edit, descontados, é claro, os erros que exasperaram o escritor, como já se sabe. Deste modo, pode-se concluir que o contista entregou sua última versão do *Belazarte* à editora de Max Fischer, em 1944, em um exemplar de trabalho. E que esse mesmo exemplar foi por ele resgatado e entregue à Livraria Martins Editora, onde deu origem à réplica revestida em percalux a qual guiou, na gráfica, em São Paulo, a produção de *Os contos de Belazarte*, em 1947.

Belazarte pede passagem

Esta edição Agir, que acata o título conforme o plano das Obras Completas, associa *Os contos de Belazarte* ao Prefácio de 1930, nunca publicado por Mário de Andrade. O texto dos contos aqui divulgado, com exceção de O besouro e a Rosa, resultou do confronto dos textos na edição *princeps* de 1934, no exemplar corrigido de *Belazarte* da edição Americ-Edit, no apógrafo sem título e na edição póstuma de *Os contos de Belazarte*, nas Obras Completas, pela Livraria Martins, prevalecendo a versão no apógrafo. Em O besouro e a Rosa, o texto apurado adveio do cotejo que se debruçou sobre o “intermédio” na *América Brasileira*, de 1924, a reescritura do conto sobrepota à página arrancada dessa revista, talvez de 1925; a comparação envolveu o mesmo texto, impresso em *Primeiro andar*, livro de 1926, e o do exemplar de trabalho, possivelmente de 1943, destinado ao *Belazarte* de Fischer, bem como a edição Martins de 1947.

A edição, agora lançada, atualizou a ortografia pela norma vigente, excetuadas as grafias que objetivam o artifício da oralidade como princípio essencial do projeto estético do livro, prosa experimental modernista, desde os primórdios da escritura. Vale lembrar que é o próprio autor quem, em carta a Manuel Bandeira, ressalta: “*Belazarte* é estilo falado e não, escrito.”²² A atualização ortográfica acolheu o duplo L de Ellis, nome inglês do protagonista de *Túmulo*, *túmulo*, *túmulo*, sofisticado batismo que ironiza a condição do moço negro, pobre e desvalido.

Sérgio Milliet, em 1934, aplaudiu *Belazarte* como a cristalização de Mário de Andrade prosador; valorizou a recriação da “linguagem do povo em dia de semana”, bem como a “expressão simples, lapidada,²³ sem falhas nem sobras, de uma emoção forte”. O exame do projeto literário dos contos nas publicações, nos exemplares de trabalho e nas cartas do escritor, reforçou a necessidade de cumprir todos os traços da “fala” que sustenta a coerência do narrador, enquanto personagem ligada à periferia paulistana, embora sem a ela pertencer. O texto fixado preocupou-se, conseqüentemente, em respeitar a sonoridade dos recontos, parcela importante na elaboração artística. Assim pensando, esta edição conservou as formas “si”, “sinão”, “quasi”, “rúim”, “milhor”, “viada”, “milréis”, “xicra”, “óleo”, “guspe”, “malestar”, “sopetão”; todos os barbarismos e os solecismos.

No texto estabelecido comparece, ainda, o artista que funda sua criação no anseio de compreender a realidade de seu país; comprometido com seu tempo, arrisca idiosincrasias para ajustar a grafia ao ritmo da frase, como “hei-de”, “de-tarde”, “dor-de-cabeça” ou “beijaflor”, “caixadóculos” e tantas outras.

Como muito se especulou a respeito de tiragens, rasuras e refusão dos contos ao longo dos anos, Mário de Andrade vivo, esta edição julgou do interesse do leitor visualizar parcelas desse trajeto em fac-símiles de documentos.

No título, perdura a letra Z – de azar –, adotada por Mário de Andrade em todas as referências que fez ao livro e no anúncio do mesmo nas *Obras Completas Martins. Belazarte e Os contos de*

Belazarte soam sempre como uma provocação ou ironia às belas artes. Estas, obedientes à norma culta, desconhecem a linguagem capaz de traduzir a pobreza e a dor na gente do subúrbio. Agripino Grieco, crítico, apreendeu, em 1935, este importante aspecto do projeto ficcional:

Exagera às vezes o sr. Mário, para irritar os cultores da arte elegante, bem composta, bem ajeitada na tradição clássica. Mas também, sem querer, ou querendo-o velhacamente (velhacaria apenas cerebral) realiza algo que se ajusta aos cânones de muito boa arte literária.²⁴

¹ MORAES, Marcos Antonio de, org. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2ª ed. São Paulo: Edusp/IEB, 2001, p. 104.

² Na edição de *Primeiro andar*, em 1926, a data 1923 refere-se possivelmente à primeira redação de *O besouro e a Rosa*, embora o texto absorva as rasuras apostas à publicação na *América Brasileira* em fevereiro de 1924.

³ Os contos estão, respectivamente, nos nº 26 e 31 da *América Brasileira* (Rio de Janeiro, fev. e jul. 1924).

⁴ KOIFMAN, Georgina, org. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. 1924/1936. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 89; data estabelecida como posterior a 14 de julho de 1925.

⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos & Mário: correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*. Organização: Lélia Coelho Frota; apresentação e notas às cartas de Mário de Andrade: Carlos Drummond de Andrade; apresentação e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade: Silvano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002, p. 262.

⁶ MORAES, Marcos Antonio de. Op. cit., p. 435.

⁷ Ibidem, p. 441.

⁸ DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: EDART, 1971, p. 42.

⁹ Em 19 de maio de 1930, Mário relata a Manuel Bandeira: "Mas chegou justamente no momento em que eu acabava de escrever um prefácio maluco pro *Belazarte*, em que dizia 'e se Deus me der dinheiro é no Nordeste que hei-de-morrer'. Casa já tenho e a resolução de passar no Nordeste meu fim de vida é séria. Não aturo esta amaldiçoada São Paulo, que na semana passada inda me botou de cama três dias, com um resfriado filho da mãe".

MORAES, Marcos Antonio de. Op. cit., p. 446. A referência ao nordeste permaneceu no prefácio retrabalhado em 1931.

10 Na folha de guarda desse nº 22, de Paris, 1º de outubro a 1º de novembro de 1932, o lápis, de Mário leitor, deixou: "Belazarte 10\$000 pg 1000 ex", referendando a possível leitura em 1933, ano em que o livro de contos sai do prelo em 30 de dezembro, já datado de 1934, na capa.

11 O nº 6 da *Revista Nova* saiu em São Paulo, em 15 de abril de 1932, p. 190-206.

12 ANDRADE, Carlos Drummond de. Op. cit., p. 262 ; carta de 23 de novembro de 1926. A resposta indignada do poeta mineiro insiste na questão da autoria: "Mas me parece que você é que está errado quando diz certas histórias do Belazarte estão de fato meio compridas; estão, porém você não pode consertá-las porque 'é estilo de Belazarte e não meu'. Ora, sebo, seu Mário, então isso é coisa que se diga? Quem escreve os contos de Belazarte é você ou é Belazarte?" (p. 269).

13 A composição do nome, escorada na construção do plural fora da regra gramatical, foi objeto da atenção de Maria Célia Rua de Almeida Paulillo, em *Mário de Andrade contista* (dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 1980).

14 MORAES, Marcos Antonio de. Op. cit., p. 557.

15 *Ibidem*, p. 561 ; carta de 12 de junho de 1933.

16 ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda*. 1934/1945. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 23 -24 ; carta de dezembro de 1935.

17 *Idem*. *Os filhos da Candinha*. Edição anotada de João Francisco Franklin Gonçalves. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 51-54.

18 SILVEIRA, Tasso da. Belazarte. *Festa: revista de arte e pensamento*. 2ª fase, a. 1, nº 4, Rio de Janeiro, out. 1934, p. 4.

19 LINS, Álvaro. "Ensaio". *Jornal de Crítica*. 4ª série (Rio de Janeiro: José Olympio, 1946), citado por Regina Salgado Campos em Max Fischer: um editor francês no Rio de Janeiro dos anos 1940. *Palavra*, Departamento de Letras da PUC-Rio, nº 10, Rio de Janeiro: Editora Trarepa, 2003, p. 111-125.

20 CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade: exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 213.

21 Correspondência de Mário de Andrade. Apresentação e notas de Newton Freitas. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros - USP*, nº 17. São Paulo, 1975, p. 120.

22 MORAES, Marcos Antonio de. Op. cit., p. 661 ; carta de 20 de abril de 1942.

23 MILLIET, Sérgio. Belazarte. *A Platéia*. São Paulo, 23 abr. 1934, p. 18-19. Artigo recolhido por Diléa Zanotto Manfio em sua pesquisa sobre a fortuna crítica de Mário de Andrade.

24 GRIECO, Agripino. Belazarte. In: *Gente nova do Brasil: veteranos – alguns mortos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935, p. 124. Artigo presente na mesma pesquisa de Diléa Zanotto Manfio.

NOTA
da segunda edição



Só nesta segunda edição os contos de *Belazarte* aparecem reunidos em seu agrupamento legítimo.

Na primeira edição do livro, em 1934, não veio o conto O besouro e a rosa, publicado em 1926 pelo autor, no seu primeiro volume de contos, *Primeiro andar*, no intuito de oferecer aos seus leitores a evolução que fizera no gênero. Em compensação, o *Belazarte* de 1934 apresentava, sob a ressalva de "intermédio", o conto Caso em que entra bugre, escrito em 1929, já inteiramente fora do espírito dos contos de *Belazarte*. A sua inclusão no livro fora ditada apenas por exigências editoriais.

O besouro e a Rosa foi incluído nesta segunda edição, e dela retirado o Caso em que entra bugre. Fica salvo desse jeito o espírito do livro, que agora, com as correções feitas no texto, o Autor acredita estar em sua integridade livre e definitiva.

MÁRIO DE ANDRADE  1944

I  O BESOURO E A ROSA
1923 [1925,1943]

Belazarte me contou:

Não acredito em bicho maligno mas besouro, não sei não. Olhe o que sucedeu com a Rosa... Dezoito anos. E não sabia que os tinha. Ninguém reparara nisso. Nem dona Carlotinha nem dona Ana, entretanto já velhucas e solteironas, ambas quarenta e muito. Rosa viera pra companhia delas aos sete anos quando lhe morreu a mãe. Morreu ou deu a filha que é a mesma coisa que morrer. Rosa crescia. O português adorável do tipo dela se desbastava aos poucos das vaguezas físicas da infância. Dez anos, quatorze anos, quinze... Afinal dezoito em maio passado. Porém Rosa continuava com sete, pelo menos no que faz a alma da gente. Servia sempre as duas solteironas com a mesma fantasia caprichosa da antiga Rosinha. Ora limpava bem a casa, ora mal. Às vezes se esquecia do paliteiro no botar a mesa pro almoço. E no quarto aflagava com a mesma ignorância de mãe de brinquedo a mesma boneca, faz quanto tempo nem sei! Lhe dera dona Carlotinha no intuito de se mostrar simpática. Parece incrível, não? porém nosso mundo está cheio desses incríveis: Rosa mocetona já, era infantil e de pureza infantil. Que as purezas como as morais são muitas e diferentes... Mudam com os tempos e com a idade da gente... Não devia ser assim, porém é assim, e não temos que discutir. Mas com dezoito anos em 1923, Rosa possuía a pureza das crianças dali... pela batalha do Riachuelo mais ou menos... Isso: das crianças de 1865. Rosa... que anacronismo!

Na casinha em que moravam as três, caminho da Lapa, a mocidade dela se desenvolvera só no corpo. Também saía pouco e a cidade era pra ela a viagem que a gente faz uma vez por ano quando muito, finados chegando. Então dona Ana e dona Carlotinha vestiam seda preta, sim senhor! botavam um sedume preto

barulhando que era um desperdício. Rosa acompanhava as patroas na cassa mais novinha, levando os copos-de-leite e as avencas todas da horta. Iam no Araçá aonde repousava a lembrança do capitão Fragoso Vale, pai das duas tias. Junto do mármore raso dona Carlotinha e dona Ana choravam. Rosa chorava também, pra fazer companhia. Enxergava as outras chorando, imaginava que carecia chorar também, pronto! chororó... abria as torneirinhas dos olhos pretos pretos, que ficavam brilhando ainda mais. Depois visitavam comentando os túmulos endomingados. Aquele cheiro... Velas derretidas, famílias bivacando, afobação encrocada pra pegar o bonde... que atordoamento meu Deus! A impressão cheia de medos era desagradável.

Essa anualmente a viagem grande da Rosa. No mais: chegadas até a igreja da Lapa algum domingo solto e na Semana Santa. Rosa não sonhava nem matutava. Sempre tratando da horta e de dona Carlotinha. Tratando da janta e de dona Ana. Tudo com a mesma igualdade infantil que não implica desamor não. Nem era indiferença, era não imaginar as diferenças, isso sim. A gente bota dez dedos pra fazer comida, dois braços pra varrer a casa, um bocadinho de amizade pra fulano, três bocadinhos de amizade pra sicrano que é mais simpático, um olhar pra vista bonita do lado com o espigão de Nossa Senhora do Ó numa pasmaceira lá longe, e de sopetão, zás! bota tudo no amor que nem no campista pra ver se pega uma cartada boa. Assim é que fazemos... A Rosa não fazia. Era sempre o mesmo bocado de corpo que ela punha em todas as coisas: dedos braços vista e boca. Chorava com isso e com o mesmo isso tratava de dona Carlotinha. Indistinta e bem varridinha. Vazia. Uma freirinha. O mundo não existia pra... qual freira! santinha de igreja perdida nos arredores de Évora. Falo da santinha representativa que está no altar, feita de massa pintada. A outra, a representada, você bem sabe: está lá no céu não intercedendo pela gente... Rosa si carecesse intercedia. Porém sem saber por quê. Intercedia com o mesmo pedaço de corpo dedos braços vista e boca sem mais nada. A pureza, a infantilidade, a pobreza-de-espírito se vidravam numa redoma que a separava da vida. Vizinhaça? Só a casinha além, na mesma rua sem calçamento, barro escuro, verde

de capim livre. A viela era engulida num rompante pelo chinfrim civilizado da rua dos bondes. Mas já na esquina a vendinha de seu Costa impedia Rosa de entrar na rua dos bondes. E seu Costa passava dos cinquenta, viúvo sem filhos, pitando num cachimbo fedido. Rosa parava ali. A venda movia toda a dinâmica alimentar da existência de dona Ana, de dona Carlotinha e dela. E isso nas horas apressadas da manhã, depois de ferver o leite que o leiteiro deixava muito cedo no portão.

Rosa saudava as vizinhas da outra casa. De longe em longe parava um minuto conversando com a Ricardina. Porém não tinha assunto, que que havia de fazer? partia depressa. Com essas despreocupações de viver e de gostar da vida, como é que podia reparar na própria mocidade! não podia. Só quem pôs reparo nisso foi o João. De primeiro ele enrolava os dois pães no papel acinzentado e atirava o embrulho na varanda. Batia pra saberem e ia-se embora tllndliirim dlimdlrim, na carrocinha dele. Só quando a chuva era de vento, esperava com o embrulho na mão.

- Bom-dia.
- Bom-dia.
- Que chuva.
- Um horror.
- Até amanhã.
- Até amanhã.

Porém duma feita, quando embrulhava os pães na carrocinha, percebeu Rosa que voltava da venda. Esperou muito naturalmente, não era nenhum malcriado não. O sol dava de chapa no corpo que vinha vindo. Foi então que João pôs reparo na mudança da Rosa, estava outra. Inteiramente mulher com pernas bem delineadas e dois seios agudos se contando na lisura da blusa, que nem rubi de anel dentro da luva. Isto é... João não viu nada disso, estou fantasiando a história. Depois do século dezenove os contadores parece que se sentem na obrigação de esmiuçar com sem-vergonhice essas coisas. Nem aquela cor de maçã camoesa amorenada limpa... Nem aqueles olhos de esplendor solar... João reparou apenas que tinha um malestar por dentro e concluiu que o malestar vinha da Rosa. Era a Rosa que estava dando aquilo nele

não tem dúvida. Alastrou um riso perdido na cara. Foi-se embora tonto, sem nem falar bom-dia direito. Mas daí em diante não jogou mais os pães no passeio. Esperava que a Rosa viesse buscá-los das mãos dele.

- Bom-dia.
- Bom-dia. Por que não atirou?
- É... Pode sujar.
- Até amanhã.
- Até amanhã, Rosa!

Sentia o tal de malestar e ia-se embora.

João era quasi uma Rosa também. Só que tinha pai e mãe, isso ensina a gente. E talvez por causa dos vinte anos... De deveras chegara nessa idade sem contato de mulher, porém os sonhos o atiçavam, vivia mordido de impaciências curtas. Porém fazia pão, entregava pão e dormia cedo. Domingo jogava futebol no Lapa Atlético. Quando descobriu que não podia mais viver sem a Rosa, confessou tudo pro pai.

- Pois casa, filho. É rapariga boa, não é?
- É, meu pai.
- Pois então casa! A padaria é tua mesmo... não tenho mais filhos... E si a rapariga é boa...

Nessa tarde dona Ana e dona Carlotinha recebiam a visita envergonhada do João. Que custo falar aquilo! Afinal quando elas adivinharam que aquele mocetão, manco na fala porém sereno de gestos, lhes levava a Rosa, se comoveram muito. Se comoveram porque acharam o caso muito bonito, muito comovente. E num instante repararam também que a criadinha estava ùa mocetona já. Carecia se casar. Que maravilha, Rosa se casava! Havia de ter filhos! Elas seriam as madrinhas... Quasi se desvirginavam no gozo de serem mães dos filhos da Rosinha. Se sentiam até abraçadas, apertadas e, cruz credo! faziam cada pecadão na inconsciência...

- Rosa!
- Senhora?
- Venha cá!
- Já vou, sim senhora!

Ainda não sabiam si o João era bom mas parecia. E queriam gozar o encafifamento de Rosa e do moço, que maravilha!

Apertados nos batentes da porta relumearam dezoito anos fresquinhos.

– Rosa, olhe aqui. O moço veio pedir você em casamento.

– Pedir o que!...

– O moço diz que quer casar com você.

Rosa fizera da boca uma roda vermelha. Os dentes regulares muito brancos. Não se envergonhou. Não abaixou os olhos. Rosa principiou a chorar. Fugiu pra dentro soluçando. Dona Carlotinha foi encontrar ela sentada na tripeça junto do fogão. Chorava gritadinho, soluçava aguçando os ombros, desamparada.

– Rosa, que é isso! Então é assim que se faz!? Si você não quer, fale!

– Não! Dona Carlotinha, não! Como é que vai ser! Eu não quero largar da senhora!...

Dona Carlotinha ponderou, gozou, aconselhou... Rosa não sabia pra onde ir si casasse, Rosa só sabia tratar de dona Carlotinha... Rosa pôs-se a chorar alto. Careceu tapar a boca dela, salvo seja! pra que o moço não escutasse, coitado! Afinal dona Ana veio saber o que sucedia, morta de curiosidade.

João ficou sozinho na sala, não sabia o que tinha acontecido lá dentro, mas porém adivinhando que lhe parecia que a Rosa não gostava dele.

Agora sim, estava mesmo atordoado. Ficou com vergonha da sala, de estar sozinho, não sei, foi pegando no chapéu e saindo num passo de boi-de-carro. Arredondava os olhos espantado. Agora percebia que gostava mesmo da Rosa. A tábua dera uma dor nele, o pobre!

Foi tarde de silêncio na casa dele. O pai praguejou, ofendeu a menina. Depois percebendo que aquilo fazia mal ao filho se calou. No dia seguinte João atirou o pão no passeio e foi-se embora. Lhe dava de sopetão uma coisa esquisita por dentro, vinha lá de baixo do corpo apertando, quasi sufocava e a imagem da Rosa saía pelos olhos dele trelendo com a vida indiferente da rua e da entrega do pão. Graças a Deus que chegou em casa! Mas era muito sem letras

nem cidade pra cultivar a tristeza. E Rosa não aparecia pra cultivar o desejo... No domingo ele foi um zagueiro estupendo. Por causa dele o Lapa Atlético venceu. Venceu porque derrepentemente ela aparecia no corpo dele e lhe dava aquela vontade, isto é, duas vontades: a... já sabida e outra, de esquecimento e continuar dominando a vida... Então ele via a bola, adivinhava pra que lado ela ia, se atirava, que lhe incomodava agora de levar pé na cara! quebrar a espinha! arreventasse tudo! morresse! porém a bola não havia de entrar no gol. João naturalmente pensava que era por causa da bola.

Rosa quando viu que não deixava mesmo dona Ana e dona Carlotinha teve um alegrão. Cantou. Agora é que o besouro entra em cena... Rosa sentiu uma calma grande. E não pensou mais no João.

– Você se esqueceu do paliteiro outra vez!

– Dona Ana, me desculpe!

Continuou limpando a casa ora bem ora mal. Continuou ninando a boneca de louça. Continuou.

Essa noite muito quente, quis dormir com a janela aberta. Rolava satisfeita o corpo nu dentro da camisola, e depois dormiu. Um besouro entrou. Zzz, zzz, zzzuuuuuummmm, pá! Rosa dormida estremeceu à sensação daquelas pernas metálicas no colo. Abriu os olhos na escuridão. O besouro passeava lentamente. Encontrou o orifício da camisola e avançava pelo vale ardente entre morros. Rosa imaginou ãa mordida horrível no peito, sentou-se num pulo, comprimindo o colo. Com o movimento, o besouro se despegara da epiderme lisa e tombara na barriga dela, zzz tzzz... tz. Rosa soltou um grito agudíssimo. Caiu na cama se estorcendo. O bicho continuava descendo, tzz... Afinal se emaranhou tzz-tzz, estava preso. Rosa estirava as pernas com endurecimentos de ataque. Rolava. Caiu.

Dona Ana e dona Carlotinha vieram encontrá-la assim, espasmódica, com a espuma escorrendo do canto da boca. Olhos esgazeados relampejando que nem brasa. Mas como saber o que era! Rosa não falava, se contorcendo. Porém dona Ana orientada pelo gesto que a pobre repetia, descobriu o bicho. Arrancou-o com

aspereza, aspereza pra livrar depressa a moça. E foi uma dificuldade acalmá-la... Ia sossegando sossegando... de repente voltava tudo e era tal-e-qual ataque, atirava as cobertas rosnavas, se contorcendo, olhos revirados, uhm... Terror sem fundamento, bem se vê. Nova trabalhadeira. Lavaram ela, dona Carlotinha se deu ao trabalho de acender fogo pra ter água morna que sossega mais, dizem. Trocaram a camisola, muita água com açúcar...

– Também por que você deixou janela aberta, Rosa...

Só umas duas horas depois tudo dormia na casa outra vez. Tudo não. Dois olhos fixando a treva, atentos a qualquer ressaibo perdido de luz e aos vultos silenciosos da escuridão. Rosa não dorme toda a noite. Afinal escuta os ruídos da casa acordando. Dona Ana vem saber. Rosa finge dormir, desarrazoadamente enraivecida. Tem um ódio daquela coroca! Tem nojo de dona Carlotinha... Ouve o estalo da lenha no fogo. Escuta o barulho do pão atirado contra a porta do passeio. Rosa esfrega os dedos fortemente pelo corpo. Se espreguiça. Afinal levantou.

Agora caminha mais pausado. Traz uma seriedade nunca vista ainda, na comissura dos lábios. Que negros nas pálpebras! Pensa que vai trabalhar e trabalha. Limpa com dever a casa toda, botando dez dedos pra fazer a comida, botando dois braços pra varrer, botando os olhos na mesa pra não esquecer o paliteiro. Dona Carlotinha se resfriou. Pois Rosa lhe dá uma porção de amizade. Prepara chás pra ela. Senta na cabeceira da cama, velando muito, sem falar. As duas velhas olham pra ela ressabiadas. Não a reconhecem mais e têm medo da estranha. Com efeito Rosa mudou, é outra Rosa. É uma rosa aberta. Imperativa, enérgica. Se impõe. Dona Carlotinha tem medo de lhe perguntar se passou bem a noite. Dona Ana tem medo de lhe aconselhar que descanse mais. É sábado porém podia lavar a casa na segunda-feira... Rosa lava toda a casa como nunca lavou. Faz uma limpeza completa no próprio quarto. A boneca... Rosa lhe desgruda os últimos crespos da cabeça, gesto frio. Afunda um olho dela, portuguesmente, à Camões. Porém pensa que dona Carlotinha vai sentir. A gente nunca deve dar desgostos inúteis aos outros, a vida é já tão cheia deles!... pensa. Suspira. Esconde a boneca no fundo da canastra.

Quando foi dormir teve um pavor repentino: dormir só!... E si ficar solteira! O pensamento salta na cabeça dela assim, sem razão. Rosa tem um medo doloroso de ficar solteira. Um medo impaciente, sobretudo impaciente, de ficar solteira. Isso é medonho! É UMA VERGONHA!

Se vê bem que nunca tinha sofrido, a coitada! Toda a noite não dormiu. Não sei a que horas a cama se tornou insuportavelmente solitária pra ela. Se ergue. Escancara a janela, entra com o peito na noite, desesperadamente temerária. Rosa espera o besouro. Não tem besouros essa noite. Ficou se cansando naquela posição, à espera. Não sabia o que estava esperando. Nós é que sabemos, não? Porém o besouro não vinha mesmo. Era uma noite quente... A vida latejava num ardor de estrelas pipocantes imóveis. Um silêncio!... O sono de todos os homens, dormindo indiferentes, sem se amolar com ela... O cheiro de campo requeimado endurecia o ar que parara de circular, não entrava no peito! Não tinha mesmo nada na noite vazia. Rosa espera mais um pouquinho. Desiludida, se deita depois. Adormece agitada. Sonha misturas impossíveis. Sonha que acabaram todos os besouros desse mundo e que um grupo de moças caçoa dela zumbindo: Solteira! às gargalhadas. Chora em sonho.

No outro dia dona Ana pensa que carece passear a moça. Vão na missa. Rosa segue na frente e vai namorar todos os homens que encontra. Tem de prender um. Qualquer. Tem de prender um pra não ficar solteira. Na venda de seu Costa, Pedro Mulatão já veio beber a primeira pinga do dia. Rosa tira uma linha pra ele que mais parece de mulher-da-vida. Pedro Mulatão sente um desejo fácil daquele corpo, e segue atrás. Rosa sabe disso. Quem é aquele homem? Isso não sabe. Nem que soubesse do vagabundo e beberrão, é o primeiro homem que encontra, carece agarrá-lo sinão morre solteira. Agora não namorará mais ninguém. Se finge de inocente e virgem, riquezas que não tem mais... Porém é artista e representa. De vez em quando se vira pra olhar. Olhar dona Ana. Se ri pra ela nesse riso provocante que enche os corpos de vontade.

Na saída da missa outro olhar mais canalha ainda. Pedro Mulatão pára na venda. Bebe mais e trama coisas feias. Rosa imagina que

falta açúcar, só pra ir na venda. É Pedro que traz o embrulho, conversando. Convida-a pra de-noite. Ela recusa porque assim não casará. Isso pra ele é indiferente: casar ou não casar... Irá pedir.

Desta vez as duas tias nem chamam Rosa, homem repugnante não? Como casá-la com aqueles trinta-e-cinco anos!... No mínimo, de trinta-e-cinco pra quarenta. E mulato, amarelo pálido já descorado... pela pinga, Nossa Senhora!... Desculpasse, porém a Rosa não queria casar. Então ela aparece e fala que quer casar com Pedro Mulatão. Elas não podem aconselhar nada diante dele, despedem Pedro. Vão tirar informações. Que volte na quinta-feira.

As informações são as que a gente imagina, péssimas. Vaga 36 bundo, chuva, mau-caráter, não serve não. Rosa chora. Há-de casar com Pedro Mulatão e si não deixarem, ela foge. Dona Ana e dona Carlotinha cedem com a morte na alma.

Quando o João soube que a Rosa ia casar, teve um desespero na barriga. Saiu tonto, pra espaiar. Achou companheiros e se meteu na caninha. Deixaram ele por aí, sentado na guia da calçada, manhãzinha, podre de bebedeira. O rondante fez ele se erguer.

– Moço, não pode dormir nesse lugar não! Vá pra sua casa!

Ele partiu, chorando alto, falando que não tinha a culpa. Depois deitou no capim numa travessa e dormiu. O sol o chamou. Dor-de-cabeça, gosto ruim na boca... E a vergonha. Nem sabe como entra em casa. O estrilo do pai é danado. Que insultos! seu filho disto, seu não-sei-que-mais, palavras feias que arrepiam... Ninguém imaginaria que homem tão bom pudesse falar aquelas coisas. Ora! todo homem sabe bocagens, é só ter uma dor desesperada que elas saem. Porque o pai de João sofre de veras. Tanto como a mãe que apenas chora. Chora muito. João tem repugnância de si mesmo. De-tarde quando volta do serviço, a Carmela chama ele na cerca. Fala que João não deve de beber mais assim, porque a mãe chorou muito. Carmela chora também. João percebe que si beber outra vez, se prejudicará demais. Jura que não cai noutra, Carmela e ele suspiram se olhando. Ficam ali.

Ia me esquecendo da Rosa... Conto o resto do que sucedeu pro João um outro dia. Prepararam enxoval apressado pra ela, menos de mês. Ainda na véspera do casamento, dona Carlotinha insistiu com

ela pra que mandasse o noivo embora. Pedro Mulatão era um infame, até gatuno, Deus me perdoe! Rosa não escutou nada. Bateu o pé. Quis casar e casou. Meia que sentia que estava errada porém não queria pensar e não pensava. As duas solteironas choraram muito quando ela partiu casada e vitoriosa, sem uma lágrima. Dura.

Rosa foi muito infeliz.

II  JABURU MALANDRO
1924 [1934, 1943-1944]

Belazarte me contou:

Pois é... tem vidas assim, tão bem preparadinhas, sem surpresa... São ver gaveta arranjada, com que facilidade você tira a cueca até no escuro, mesmo que ela esteja no fundo! Mas vem um estabanado, revira tudo, que-dê cueca? – Maria, você não viu a minha cueca listrada de azul? – Está aí mesmo, seu dotoire! – Não está! Já procurei, não está... E é um custo a gente encontrar a cueca. Você se lembra do João? Ara, se lembra! o padeiro que gostava da Rosa, aquela uma que casou com o mulato... Pois quando contei o caso, falei que o João não era homem educado pra estar cultivando males de amor... Sofreu uns pares de dias, até bebeu, se lembra? e encontrou a Carmela que principiou a consolá-lo. Não durou muito se consolou. Os dois passavam uma porção de vinte minutos ali na cerca, falando nessas coisas corriqueiras que alimentam amor de gente pobre.

Ora a Carmela... será que ela gostava mesmo do João? Difícil de saber. Era moça bonita, isso era, desses tipos de italiana que envelhecem muito cedo, isto é, envelhecem não, engordam, ficam chatas, enjoativas. Porém nos dezenove, que gostosura! Forte, um pouco baixa, beijos tão repartidinhos no centro, um trevo encarnado! Cabelo mais preto nem de brasileira! Porém o sublime era a pele, com todos os cambiantes do rosado, desde o róseo-azul do queixo com as veinhas de cá pra lá sapecas, até o rubro esplendor ao lado dos olhos, querendo extravasar pela fronte nos dias de verão brabo. Filha de italiano já se sabe...

Mas Carmela não tinha a ciência das outras moças italianas daqui. Pudera, as outras saíam todo santo dia, freqüentavam as oficinas de costura, as mais humildes estavam nos curtumes, na fiação, que acontecia? Se acostumavam com a vida. Não tinha homem que não

lhes falasse uma graça ou no mínimo olhasse pra elas daquele jeito que ensina as coisas. Ficavam sabendo logo de tudo e até segredavam imoralidades umas pras outras, nos olhos. Ficavam finas, de tanta grosseria que escutavam. A grosseria vinha, pam! batia nelas. Geralmente caía no chão. Poucas, em comparação ao número delas, muito poucas se abaixavam pra erguer a grosseria. Essas se perdiam, as pobres! Si não casavam na Polícia, o que era uma felicidade rara, davam nas pensões.

Nas outras a grosseria relava apenas, escorregando pro chão. Mas o choque desbastava um pouco essa crosta inútil de inocência que reveste a gente no começo. Ficavam sabendo, se acostumavam facilmente com o manejo da vida e escolhiam depois o rapaz que mais lhes convinha, seleção natural. Casavam e o destino se cumpria. De chiques e aladas, viravam mães anuais; filho na barriga, filho no peitume, filho agarrado na perna. Domingo iam passear na cidade, espondongadas, cabelo caindo na cara. Não tinha importância, não. Os trabalhadores o que queriam era mãe pros oito a doze filhos do destino.

Carmela não. Vizin hava com a padaria em casa própria. O pai afinal tinha seus cobres de tanta ferradura ordinária que passara adiante, e tanta roda e varal consertados. E, fora as duas menores que nem na escola inda iam, o resto eram filhos, meia-dúzia, gente bem macha trabalhando numa conta. Dois casados já. Só um ninguém sabia dele, talvez andasse pelas fazendas... Sei que fora visto uma vez em Botucatu. Era o defeito físico da família. Si o nome dele caía na conversa, a gente só escutava os palavrões que o pai dizia, porca la miséria. Restava a metade de meia-dúzia, menores que Carmela, treze, quatorze e dezesseis anos, que seguiam o caminho bom dos mais velhos.

Assim florescentes, todos imaginaram de comum acordo que Carmela não carecia de trabalhar. Deram um estadão pra ela, bonita! O pai olhava a filha e sentia uma ternura diferente. Pra esvaziar a ternura, comprava uma renda, sapatos de pelica alvinha, fitas, coisas assim.

Padeiro portuga e ferreiro italiano, de tanta vizinhança, ficaram amigos. Quando o Serafino Quaglia viu que a filha pendia pro João,

gostou bem. Afinal, padaria instalada e afreguesada não é coisa que a gente despreze numa época destas... Porém a história é que Carmela, seqüestrada assim da vida, apesar de ter na família uma ascendência que a fazia dona em casa, possuía coração que não sabia de nada. O João era simpático, era. Forte, com os longos braços dependurados, e o bigode principiando, não vê que galego larga bigode!... Carmela gostou do João. Quando pediu pra ele que não bebesse mais, João se comoveu. Principiou sentindo Carmela. As entrevistas na cerca tornaram-se diárias. Precisão não havia, ninguém se opunha, e um entrava na casa do outro sem cerimônia, mas é sempre assim porém... Não carece a gente ser de muitos livros, nem da alta, pra inventar a poesia das coisas, amor sempre despertou inspiração... Ora você há-de convir que aqueles encontros na cerca tinham seu encanto. Pra eles e pros outros. Ali estavam mais sós, não tinham irmãos em roda. Pois então podiam passar muitos minutos sem falar nada, que é a melhor maneira de fazer vibrar o sentimento. Os que passavam viam aquele par tão bonito, brincando com a trepadeira, tirando lasca do pau seco... Isso reconciliava a gente com a malvadeza do mundo.

– Sabe!... a Carmela anda namorando com o João!

– Sai daí, você... Vem contar isso pra mim!... Pois se até fui eu que descobri primeiro!

Pam!... Pam!... Pam!... Pam!... Pampampam!... toda a gente correu na esquina pra ver. O carro vinha a passo.

GRANDE CIRCO BAHIA dos irmão Garcias!

Hoje! Serata de estreia! Cachorros e maccacos sabios!

Irmãos Fô-Hi equilibristas! Grandes numeros de
actração mundial!

Apresentação de toda a Compania!

Todos os dias novas estreias!

O homem Cobra. Malunga, o elephante sabio!

Terminará a função a grande pantommima

OS SALTHEADORES DA CALABRIA
Tres palhaços e o tony Come Mosca
Evohé! Todos ao Grande Circo Bahia! Hoje!
(Esquina da rua Guaicurús)
Só 2\$000 – Cadeiras a Quatro
Imposto a cargo do respeitável Público!

Eviva!

O circo Bahia vinha tirar um pouco o bairro da rotina do cinema. Pam! Pam!... Pam!... Lá seguia o carro de anúncio entre desejos. Carmela foi contar pro João que ela ia com os três fratelos. João vai também.

O circo estava cheio. Pipoca! Amendoim torrado!... Batat'assat'ô furrn!... Vozinha amarela: Nugá! nugá! nugá!... Dentadura na escuriza: Baleiro!... Balas de coco, chocolate, canela!... E a banda sarapintando de saxofone a noite calma. Estrelas. Foram pras cadeiras, Carmela alumeando de boniteza. O circo não vinha pobre nem nada!

– Todos os números são bons, hein! Eu volto! Você?

Come-Mosca quis espiar a caixa tão grande toda de lantejoulas, verde e amarela, que os araras traziam pro centro do picadeiro, prendeu o pé debaixo dela. Foi uma gargalhada com o berro que ele deu.

– Volto também.

Música. O reposteiro escarlata se abriu. O artista veio correndo lá de dentro, com um malhê todo de lantejoulas, listrado de verde e amarelo. Era o Homem Cobra. Fez o gesto em curva, braços no ar, deformação do antigo beijo pro público... é pena... tradição que já vai se perdendo... Tipo esquisito o Homem Cobra... esguio! esguio. Assim de malhê, então, era ver uma lâmina. Tudo lantejoula menos a cabeça, até as mãos! Feio não era não. Esse gênero de brasileiro quasi branco já, bem pálido. Cabelo liso, grosso, rutilando azul. O nariz não é chato mais, mesmo delicado de tão pequenininho. Aliás a

gente só via os olhos, puxa! negros, enormes! aumentados pelas olheiras. Tomavam a cara toda. Carmela sentiu uma admiração. E um malestar. Pressentimento não era, nem curiosidade... malestar.

O número causou sensação. Já pra trepar na caixa só vendo o que o Homem Cobra fez! caiu no tapete, uma perna foi se arrastando caixa arriba, a outra, depois o corpo, direitinho que nem cobra! até que ficou em cima. Parecia que nem tinha osso, de tão deslocado. Fez coisas incríveis! dava nós com as pernas, ficava um embrulhinho em cima da caixa... Palmas de toda a parte. Depois a música parou, era agora! Ergueu o corpo numa curva, barriga pro ar, pés e mãos nos cantos da caixa. Vieram os irmãos Garcias, de casaca, e o Dr. Cerquinho tão conhecido, médico do bairro. – Olha o doutor Cerquinho! – O doutor Cerquinho!... Homem tão bom, consultas a três milréis... Quando não podia pagar, não fazia mal, ficava pra outra vez. Os irmãos Garcias puxavam a cabeça do Homem Cobra, houve um estalo no bombo da música e a cabeça pendeu deslocada, balanceando. Trrrrrrrr... tambor. A cabeça principiou girando. Trrr... Meu Deus! girava rapidíssimo! Trrrr... “Chega! Chega!” toda a gente gritavam. Trrrr... Foi parando. Os irmãos Garcias endireitaram a cabeça dele e o Dr. Cerquinho ajudou. Quando acabaram, o moço levantou meio tonto, se rindo. Foi uma ovação. Não sei quantas vezes ele veio lá de dentro agradecer. Os olhos vinham vindo, vinham vindo, aquele gesto de beijo deformado, partiu. As palmas recomeçavam. Carmela pequitinha, agarrada no João, que calor delicioso pra ele! Virou-se, deu um beijo de olhos nela, francamente, sem-vergonha nenhuma, apesar de tanto pessoal em roda.

– Coitado não?

– Batuta!

No dia seguinte deu-se isto: estavam almoçando quando a porta se abriu, Pietro! Era um ingrato, era tudo o que você quiser, mas era filho. Foi uma festa. Tanto tempo, como é que viera sem avisar! como estava grande! Pois fazem seis anos já!

– Meu pai desculpa...

O velho resmungou, porém o filho estava bem vestido, não era vagabundo, não pense, estudara. Sabia música e viera dirigindo a banda do circo, foi um frio. O velho desembuchou logo o que

pensava de gente de circo. Então Pietro meio que zangou-se, estavam muito enganados! olhem: a moça que anda na bola é mulher do equilibrista, a amazona se casara com o Garcia mais velho, Dolores, uma uruguaia. Gente honesta, até os dois japoneses. Todos espantados.

– Meu pai, o senhor vai comigo lá no circo pra ver como todos são direitos. Eu mesmo, si não casei até agora é porque nesta vida, hoje aqui, amanhã não se sabe onde, inda não encontrei moça de minha simpatia. E você, Carmela?

Ela sorriu, baixando o rosto, orgulhosa de já ter encontrado.

– Temos coisa, não? Por que não foram no circo ontem? É!... Pois não vi não! Também estava uma enchente!... Trouxe entrada pra vocês hoje.

Conversa vai, conversa vem, caiu sobre o Homem Cobra. Afinal não é que o número fosse mais importante que os outros não, até os irmãos de Carmela tinham preferido outras artistas, principalmente o de dezesseis, falando sempre que a dançarina, filha-da-mãe! botava o pé mais alto que a cabeça. Os outros tinham gostado mais da pantomima. Porém da pantomima, Carmela só enxergara, só seguira os gestos heróicos, maquinais, do chefe dos salteadores, aquele moreno pálido, esguio, flexível, e os grandes olhos. Quando morreu com o tiro do polícia bersagliere, retorcendo no chão que até parecia de deveras, Carmela teve “uma” dó. Sem saber, estava torcendo pra que os salteadores escapassem.

– O Almeidinha... Está aí! um rapaz excelente! é do norte. Toda a gente gosta dele. Faz todas aquelas maravilhas, você viu como ele representa, pois não tem orgulho nenhum não, pau pra toda obra. Serve de arara sem se incomodar... Até foi convidado pra fazer parte duma companhia dramática, uma feita, em Vitória do Espírito Santo, mas não aceitou. É muito meu amigo...

Carmela fitou o irmão, agradecida.

Afinal, pra encurtar as coisas, você logo imagina que o pai de Pietro foi se acostumando fácil com o ofício do filho. Aquilo dava uma grande ascendência pra ele, sobre a vizinhança... Quando no intervalo, o Pietro veio trazer o Garcia mais velho pra junto da família, venceu o pai. Todo mundo estava olhando pra eles com

desejo. Conhecer o dono dum circo tão bom!... já era alguma coisa. O João, esse teve só prazer. Fora companheiro de infância do Pietro, este mais velho. Já combinaram um encontro pro dia seguinte de-tarde. Pietro mostrará tudo lá dentro, João queria ver. E que Pietro apareça também lá na padaria... Os pais ficariam contentes de ver ele já homem, ah, meu caro, tempo corre!...

No dia seguinte de-tardinha, João já estava meio tonto com as apresentações. Afinal, no picadeiro vazio, foram dar com o Almeidinha assobiando. Endireitava o nó duma corda.

– Boas-tardes. Desculpe, estou com a mão suja.

Sorria. Tinha esse rosto inda mal desenhado das crianças, faltava perfil. Quando se ria, eram notas claras sem preocupação. Distráido, Nossa Senhora! “Meidinha, você me arranja esta meia, a malha fugiu...” Almeidinha puxava a malha da meia, assobiando. “Meidinha, dá comida pro Malunga, faz favor, tenho de ir buscar os bilhetes.” Lá ia o Almeidinha assobiando, dar comida pro Malunga. Então carregar a filhinha da Dolores, dez meses, não havia como ele, a criança adormecia logo com o assobio doce, doce. E conversava tão delicado! João teve um entusiasmo pelo Almeida. E quando, na noite seguinte, o Homem Cobra recebendo aplausos, fez pra ele aquele gesto especial de intimidade, João sentiu-se mais feliz que o rei Dom Carlos. Safado rei dão Carlos...

Carmela tanto falava, Pietro tanto insistiu, que o velho Quaglia recebeu o Almeida em casa mas muito bem. Em dez minutos de conversa, o moço já era estimado por todos. Carmela não pôde ir na cerca, já se vê, tinha visita em casa. João que entrasse, pois não conhecia o Almeida também!

E, vamos falando logo a verdade, o Homem Cobra, assim com aquele jeito indiferente, agarrou tendo uma atenção especial pra Carmela. Ninguém percebia porque, afinal, a Carmela estava quasi noiva do João.

Nunca mulher nenhuma tivera uma atenção especial pro Meidinha, Carmela era a primeira. Ele percebeu. Só ele, porque os outros sabiam que ela estava quasi noiva do João. E tem coisas que só mesmo entre dois se percebem. Carmela dum momento pra outro, você já sabe o que é a gente se tornar criminoso, ficara hábil.

Mesma habilidade no Meidinha, que fazia tudo o que ela fazia primeiro. Até o caso da flor passou despercebido, também quem é que percebe uma sempreviva destamanho! O certo é que de-noite o Homem Cobra trabalhou com ela entre as lantejoulas. Só olho com vontade de ver é que enxerga uma pobre florzinha no meio de tanto brilho artificial.

Era uma hora da madrugada, noite inteiramente adormecida no bairro da Lapa, quando o esguio passou assobiando pela rua. Carmela, não sei que loucura deu nela, acender luz não quis, podiam ver, saltou da cama, e, com o casaquinho de veludo nas costas, entreabriu a janela. Abriu-a. Esperou. O esguio voltava, mãos nos bolsos, assobiando. Vendo Carmela emudeceu. Essas casas de gente meia pobre são tão baixas... Tocou no chapéu passando.

– Psiu...

Se chegou.

– Boa-noite.

– Safa! A senhora ainda não foi dormir!

– Estava. Mas escutei o senhor, e vim.

– Noite muito bonita...

– É.

– Bom, boas-noites.

– Já vai... Fique um pouco...

Ele botara as costas na parede, mãos sempre nos bolsos. Olhava a rua, com vontade de ir-se embora decerto. Carmela é que trabalhou:

– Vi a flor no seu peito.

– Viu?

– Fiquei muito agradecida.

– Ora.

– Por que o senhor botou a flor, hein?... Podiam perceber! Almeida se virou, muito admirado:

– O que tinha que vissem!

– É! tinha muita coisa, sabe!

Ele tirara as mãos dos bolsos. Se encostara de novo na janela, e olhava pro chão, brincando o pé numas folhinhas, a mão descansava ali do peitoril. Carmela já conhecia a doçura das mãos dadas com o João, de manso guardou a do moço entre as ardentes dela.

Meidinha encarou-a inteiramente, se riu. Virou-se duma vez e retribuiu o carinho pondo a mão livre sobre as de Carmela.

– As mãos da senhora estão queimando, safá!

E não pararam mais de se olhar e se sorrir. Porém os artistas, mesmo ignorantes de vida, sabem tantas coisas por profissão... não durou muito, Carmela e o Meidinha trocaram o beijo nº 1. Então ele partiu.

Estaria zangada?... Aquela frieza decidiu o João: pedia a moça nessa noite mesmo. Mas, e foi bom sinão a história ficava mais feia, não sei o que deu nele de ir falar com ela primeiro. Cerca? era lugar aonde Carmela não chegava desde a quarta-feira. João mandou Sandro chamá-la. Que estava muito ocupada, não podia vir. O que seria!... pois si não tinha feito nada!... resolveu entrar, não era homem pra complicações. Porém a moça nem respondeu aos olhares dele. Pietro é que se divertiu com a rusga, até fez uma caçoadinha. João teve um deslumbramento, gostou. Mas Carmela ficou toda azaranzada. Desenhou um muxoxo de desdém e foi pra dentro. Não sabia bem por quê, porém de repente principiou a chorar. Veio a mãe ralhando com Pietro, onça da vida. É verdade que dona Lina não sabia o que se passara, viu a filha chorando e deu razão à filha. João, quando soube que a namorada estava chorando, teve um pressentimento horrível, pressentimento de que, meu Deus!... pressentimento sem mais nada. Entrou em casa tonto, chegou-se pra janela sem pensamento, e ficou olhando a rua. Cada bonde, carroça que passava, eram vulcões de poeira. Ar se manchando, que nem cara cheia de panos. O jasmineiro da frente, e mesmo do outro lado da rua, por cima do muro, os primeiros galhos das árvores tudo avermelhado. Não vê que Prefeitura se lembra de vir calçar estas ruas! é só asfalto pras ruas vizinhas dos Campos Elíseos... Gente pobre que engula poeira dia inteirinho!

Si jantou, João nem percebeu. Depois caiu uma noite insuportável sem ar. João na janela. Os pais, vendo ele assim, se puseram a amá-lo. Doente não estava, pois então devia de ser algum desgosto... Carmela. Não podia ser outra coisa. Mas o que teria sucedido! E afinal, gente pobre tem também suas delicadezas, perguntaram de

lado, o filho respondeu “não”. Consolar não sabiam. Nem tinham de que, ele embirrava negando. Então puseram-se a amar.

É assim que o amor se vinga do desinteresse em que a gente deixa ele. A vida corre tão sossegada, ninguém não bota reparo no amor. Ahn... é assim, é!... esperem que hão-de ver!... o amor resmunga. E fica desimportante no lugarzinho que lhe deram. De repente a pessoa amada, filho, mulher, qualquer um, sofre, e é então, quando mais a gente carece de força pra combater o mal, é então que o amor reaparece, incomodativo, tapando caminho, atrapalhando tudo, ajuntando mais dores a esta vida já de si tão difícil de ser vivida.

Assim foi com os pais do João. O filho sofria, isso notava-se bem... Pois careciam de calma, da energia acumulada em anos e anos de trabalhadeira que endurece a gente... Em vez: viram que uma outra coisa também se fora ajuntando, crescendo sem que eles reparassem, e era enorme agora, guaçu, macota, gigantesca! amavam o João! adoravam o João! Como era engraçado, todo fechadinho, olho fechado, mãozinha fechada, logo depois de nascido!... os choros, noites sem dormir, o primeiro riso enfim, balbucios, primeiro dente, a roupinha de cetineta cor-de-rosa, a Rosa que não quisera casar com ele, e escola, as doenças, as sovas, a primeira comunhão, o trabalho, a bondade, a força, o futebol, os olhos, aqueles braços dependurados, meu Deus! todos os dias: o João!... Si tivessem vivido esse amor dia por dia, se compreende: agora só tinham que amar aquele sofrimento do instante, isso inda cristão agüenta. Mas os dias tinham passado sem que dessem tento do amor, e agora, por uma causa que não sabiam, por causa daqueles cotovelos afincados na janela, daquele queixo dobrando o pulso largo, olhar abrindo pra noite sem resposta, vinha todo aquele amor grande de dias mil multiplicados por mil. Amaram com desespero, desesperados de amor.

Quando João viu os vizinhos partindo pro circo, nem discutiu a verdade do peito: vou também. Pegou no chapéu. Pra mãe ele se riu como si fosse possível enganar mãe.

– Vou pro circo... Divertir um bocado.

Depois do que se passara, ir junto dela também era sem-vergonhice, procurou companheiros na arquibancada.

– Ué! você não vai junto da Carmela?

– Não me amole mais com essa carcamana!

– Brigaram!

– Não me amole, já disse!

Mas ver circo, quem é que podia ver circo num atarantamento daqueles! O Homem Cobra com a sempreviva no peito. Gestos, olhares inconvenientes não fez nenhum que se apontasse, João porém descobriu tudo. A gente não pode culpar o Meidinha, não sabia que o outro gostava de Carmela. Um moço pode estar sentado junto d'ũa moça sem ser pra namorar...

Nessa noite o assobio chamou duas pessoas na janela. Bater, arrebentar com aquele chicapiau desengonçado! confesso que o João espiando, matutou nisso. Depois imaginou melhor, Carmela era dona do seu nariz e se tinha que fazer das suas, antes agora! aprendia a ver adonde ia caindo, livra! são todas umas galinhas. E bastava. Foi pra cama aparentemente sossegado. Porém que-dê sono! vinha de sopetão aquela vontade de ver, tinha que espiar mesmo. Não podia enxergar bem, parece que se beijavam... ôh, que angústia na barriga!...

Afinal foi preciso partir, e o Meidinha andou naquele passo coreográfico dos flexíveis. Ali mesmo na esquina distraiu-se, o assobio contorcido enfiou no ouvido da noite um maxixe acariocado. Carmela... você imagine que noites!

Convenhamos que o costume é lei grande. João mal entredormiu ali pelas três horas, pois às quatro e trinta já estava de pé. Pesava a cabeça, não tem dúvida, mas tinha que trabalhar e trabalhou. Botou o cavalo na carrocinha perfumada com pão novo e tlim... tlrintintim... lá foi numa festança de campainha, tirando um por um os prisioneiros das camas. São cinco horas, padeiro passou.

– É! circo, circo toda noite!... Pois agora não vai mais!

Também agora pouco se amolava que a mãe proibisse espetáculo. Gozar mesmo, só gozou na primeira noite. Depois, um poder de inquietações, de vontades, remorsos, remorsos não, duvidinhas...

tomavam todo o tempo do espetáculo e ela não podia mais se divertir.

Dona Lina tinha razão. Quando Carmela apareceu, o irregular do corado, manchas soltas, falavam que isso não é vida que se dê pra uma rapariga de dezenove anos. Pelos olhos ninguém podia pensar isso porque brilhavam mais ainda. Estavam caindo pros lados das faces num requebro doce, descansado, de pessoa feliz. Não digo mais linda, porém, assim, a boniteza de Carmela se... se humanizara. Isso: perdera aquele convencional de pintura, pra adquirir certa violência de malvadez. Não sei si por causa de olhar Carmela, ou por causa da pantomima, a gente se punha matutando sobre os salteadores da Calábria. Não havia razão pra isso, os pais dela eram gente dos arredores de Gênova...

João, outro dia hei-de contar o que sentiu e o que sucedeu pra ele, agora só me lembro dele ainda porque foi o primeiro a ver chegar o Almeida de-tardinha. Veio, já se sabe, mãos nos bolsos, assobio no meio da boca, bamboleando saltadinho no passo miúdo de cabra. Tinha pés de borracha na certa, João tremeu de ódio. Pegou no chapéu, foi até muito longe caminhando. O mal não é a gente amar... O mal é a gente vestir a pessoa amada com um despropósito de atributos divinos, que chegam a triplicar às vezes o volume do amor, o que se dá? Uma pessoa natural é fácil da gente substituir por outra natural também, questão de sair uma e entrar outra... Porém a que sai do nosso peito é amor que sofre de gigantismo idealista, e não se acha outra de tanta gordura pra botar logo no lugar. Por isso fica um vazio doendo, doendo... Então a gente anda cada estirão a pé... Aquilo dura bastante tempo, até que o vazio, graças aos ventinhos da boca-da-noite, se encha de pó. Se encha de pó.

Estamos no fim. São engraçadas essas mães... Proíbem circo, obrigam as meninas a ir cedo pra cama, pensam que deitar é dormir. Aliás, esta é mesmo ãa das fraquezas mais constantes dos homens... Geralmente nós não visamos o mal, visamos o remédio. Daí trinta por cento de desgraças que podiam ser evitadas, trinta por cento é muito, vinte. Carmela entra na conta. Também como é que dona Lina podia imaginar que quem está numa cama não dorme?

não podia. Mas nem bem o assobio vinha vindo pra lá da esquina, já Carmela estava de pé. Beijo principiou. Até quando ela retirava um pouco a cara pro respiro de encher, ele espichava o pescoço, vinha salpicar beijos de guanumbi nos lábios dela. Sempre olhando muito, percorrendo, parecia por curiosidade, a cara dela. Mas os beijos grandes, os beijos engulidos, era a diabinha que dava. Ele se deixava enlambuzar. Mestre e discípulo, não? Aquela inocentinha que não trabalhava nas fábricas, quem que havia de dizer!... Eis a inocência no que dá: não vê que moça aprendida trocava o João pelo Homem Cobra... Si este penetrasse no quarto, creio que nenhum gesto de recusa encontraria no caminho, Carmela estava louca. Só a loucura explica uma loucura dessas. Mas até os desejos se cansam porém, a horas tantas ela sentiu-se exausta de amor. Puseram-se a conversar. Meidinha, mãos nos bolsos, encostara as costas na parede e olhava o chão. Carmela o incomodava com a cobra aderente do abraço, rosto contra rosto. E perdidas, umas frases de intimidade. Ela gemendo:

– Eu gosto tanto de você!

– Eu também.

Engraçado a ambigüidade das respostas elípticas! Gostava de quem? da namorada ou dele mesmo?...

– Você trabalhou hoje?

– Trabalhei. Vamos dar uma pantomima nova. Eu faço o violeiro do Cubatão, venha ver.

– Querido!

Beijo.

– É verdade! não se vê mais o João... É parente de você, é?

– Parente? Deus te livre! deu um muxoxo. Não sei onde anda. Não gosto dele!

Silêncio. Carmela sentiu um instinto vago de arranjar as coisas. Afinal, o caso dela se tornara uma dessas gavetas reviradas, aonde a gente não encontra a cueca mais. Continuou:

– Ele queria casar comigo, mas porém não gosto dele, é bobo. Só com você que hei-de casar!

Meidinha estava olhando o chão. Ficou olhando. Depois se virou manso e encarou a bonita. Os olhos dele, grandes, inda mais

grandes, enguliram os da moça, contemplava. Contemplava embevecido. Carmela pousou nesses beijos entreabertos o incêndio úmido dos dela. Meidinha agora deixava os olhos caírem numa banda. Abraçados assim de frente, Carmela descansou o queixo no ombro do moço, e respirava sossegada o aroma de vida que vinha subindo da nuca dele. Ele sempre de olhos grandes, mais grandes ainda, caídos dum lado, perdidos na escuridão do quarto indiferente.

– A gente há-de ser muito feliz, não me incomode que você trabalhe no circo... Irei aonde você for. Si papai não quiser, eu fujo. Uhm...

Até conseguiu beijar o pescoço dele atrás. O Meidinha... os lábios dele mexiam, mas não falavam porém. Uma impressão de surpresa vibrou-lhe os músculos da cara de repente. Foi-se esvaindo, não, foi descendo pros beijos que ficaram caídos, com dor. Duramente uma energia lhe ajuntou quasi as sobrancelhas. Acalmou. Veio o sorriso. Tirou Carmela do ombro. Na realidade era o primeiro gesto de posse que fazia, segurou a cabeça dela. Contemplou-a. Riu pra ela.

– Vou embora. É muito tarde...

Enlaçou-a. Beijou-lhe a boca ardentemente e tornou a beijar. Carmela sentiu uma felicidade, que si ela fosse dessas lidas nos livros, dava recordação pra vida inteira. Ficou imóvel, vendo ele se afastar. Assobio não se escutou.

No dia seguinte, que-dele o Homem Cobra?

– Vocês não viram o Meidinha, gente!

– Pois não dormiu em casa!

– Não dormiu não!

– Decerto alguma farra...

– Que o que!...

Que-dele o Almeida? Só de-tarde, alguns grupos sabiam na Lapa que o Homem Cobra embarcara não sei pra onde, o Abraão é que contava. Tinham ido juntos, no primeiro bonde “Anastácio” da madrugada. Vendo o outro de mala, indagou:

– Vai viajar!

– Vou.

– Deixa o circo!

– Deixo.

– Pra sempre é!

O Homem Cobra olhara pra ele, parecendo zangado.

– Não tenho que lhe dar satisfações.

Virou a cara pro bairro trepando das Perdizes.

De repente, vocês não imaginam, principiou a assobiar, alegre! um assobio de apito, nunca vi assobiar tão bem! Trabalho na Avenida Tiradentes... fui seguindo ele. Entrou na estação da Sorocabana.

– Era o melhor número do circo...

A essa hora já tivera tempo quente na casa dos Quaglias, Pietro levara a notícia. Carmela abriu uma boca que não tinha; ataque, gente do povo não sabe ter, caiu numa choradeira de desespero, só vendo! descobriram tudo. Não que ela contasse, porém era muito fácil de adivinhar. Soluçava gritando, querendo sair pra rua, chamando pelo Meidinha. Tiveram certeza duma calúnia exagerada, pavorosa, que só o tempo desmentiu. O velho Quaglia perdeu a cabeça duma vez, desancou a filha que não foi vida. Carmela falava berrado que não era o que imaginavam... mas só mesmo quando não teve mais força misturada com a dor, é que o velho parou. Parou pra ficar chorando que nem bezerro. Pietro andava fechando porta, fechando quanta janela encontrava, pra ninguém de fora ouvir, mas boato corre ninguém sabe como, as paredes têm ouvidos... E língua muito leviana, isso é que é. Os rapazes principiaram olhando pra Carmela dum jeito especial, e ficavam se rindo uns pros outros. Até propostas lhe fizeram. E ninguém mais não quis casar com ela. E só se vendo como ela procurava!... Uma verdadeira... nem sei o que!

Até que ficou... não-sei-o-quê de verdade. E sabe inda por cima o que andaram espalhando? Que quem principiou foi o irmão dela mesmo, o tal da dançarina... Porém coisa que não vi, não juro. E falo sempre que não sei.

Só sei que Carmela foi muito infeliz.

III  CAIM, CAIM E O RESTO
1924 [1934, 1943-1944]

Belazarte me contou:

Talvez ninguém reparasse, nem eles mesmo, porém foi sim, foi depois daquela noite, que os dois começaram brigando por um nada. Dois manos brigando desse jeito, onde se viu! E dantes tão amigos... Pois foi naquela noite. Sentados um a par do outro, olhavam a quermesse. O leilão estava engraçado. O Sadresky dera três milréis por um cravo da Flora, êta mulatinha esperta! Também com cada olhão de jabuticaba rachada, branco e preto luzindo melado, ver suco de jabuticaba mesmo... onde estará ela agora? até com seu doutor Cerquinho!...

– Você foi pagar a conta pra ele, Aldo?

– Já.

Contemplavam o povo entrançado no largo. Seguiam um, seguiam outro, pensando só com os olhos. Nem trocavam palavra, não era preciso mais: se conheciam bem por dentro. De repente viraram-se um pro outro como pra espiar onde que o mano olhava. Aldo fixou Tino. Tino não quis retirar primeiro os olhos. Olho que não pestaneja cansa logo, fica ardendo que nem com areia e pega a relampear. Quatro fuzis, meu caro, quatro fuzis de raiva. Nem raiva, era ódio já. Aldo fez assim um jeito de muxoxo pro magricela do irmão, riu com desprezo. Tino arreganhou o focinho como gato assanhado.

Se separaram. Aldo foi falar com uns rapazes, Tino foi falar com outros. Às vinte-e-duas horas tudo se acabava mesmo... voltaram pra casa. Mas cada qual vinha numa calçada. Braço a torcer é que nenhum não dava, não vê! Dentro do quarto brigaram. Por um nadinha, questão de roupa na guarda da cama. Dona Maria veio saber o que era aquilo espantada. Foi uma discussão temível.

Da discussão aos murros não levou três dias. E por quê? Ninguém sabia. A verdade é que a vida mudou pra aqueles três. Inútil a mãe

chorar, se lamentar, até insultando os filhos. Quê! nem si o defunto marido estivesse inda vivo!... Pegou fogo e a vida antiga não voltava mais.

E dantes tão irmãos um do outro!... Aldo até protegia Tino que era enfezado, cor escura. herdara o brasileiro do pai, aquela cor caíinha que não dava nada de si e uns musculinhos que nem o trabalho vivo de pedreiro consertava. Quando tirava fora a camisa pra se lavar no sábado, qual! mesmo de camisa e paletó, as espáduas pousavam sobre o dorso curvo como duas asas fechadas.

E era mesmo um anjo o Tino, tão quietinho! humilde, talhado pra sacristão. Cantava com voz fraca muito bonita, principalmente a *Mamma mia* num napolitano duvidoso de bairro da Lapa. Quando depois da janta, fazendo algum trabalhinho, lá dentro ele cantava, Aldo junto da janela sentia-se orgulhoso si algum passante parava escutando. Si o tal não parava, Aldo punha este pensamento na cachola: "Esse não gosta de música... estúpido." Que alguém não apreciasse a voz do Tino, isso Aldo não podia pensar porque adorava o mano.

Era bem forte, puxara mais a mãe que o pai. Só que a gordura materna se transformava em músculos no corpo vermelho dele. Pois então, percebendo que os outros abusavam do Tino, não deixava mais que o irmão se empregasse isolado, estavam sempre juntos na construção da mesma casa. Ganhavam bem.

Naquela casinha do bairro da Lapa, a vida era de paraíso. Dona Maria lavava o que não dava o dia. O defunto marido, uma pena morrer tão cedo! fora assinzinho... Homem, até fora bom, porque isso de beber no sábado, quem que não bebe!... Paciência, lavando também se ganha. Além disso, logo os filhos tão bonzinhos principiaram trabalhando. Si a Lina fosse viva... que bonita!... Felizmente os filhos a consolavam. Lhe entregavam todo o dinheiro ganho. Gente pobre e assim é raro.

– Meus filhos, mas vocês podem precisar... Então tomem.

Aqueles dois dez milréis duravam quasi o mês inteirinho. Fumar não fumavam. Uma guaraná no domingo, de vez em quando a entrada no Recreio ou no Carlos Gomes recentemente inaugurado, nos dias dos filmes com muito anúncio.

Mas no geral os manos passavam os descansos junto da mãe. No verão iam pra porta, aquelas noites mansas, imensas da Lapa... Plão, tlão, tralharão, tão, plão, plãorrrrr... bonde passava. E o silêncio. A casa ficava um pouco apartada, sem vizinhos paredes-meias. Na frente, do outro lado da rua, era o muro da fábrica, tal-e-qual uma cinta de couro separando a terra da noite esbranquiçada pela neblina. Chaminés. A cinqüenta metros outras casas. O cachorro latia, uau, uau... uau...

– Pedro diz que vai deixar o emprego.

Silêncio.

– Vamos no jogo domingo, Tino?

– Não vale a pena, o Palestra vai perder. Bianco não joga.

– Mas Amílcar.

– Você com seu Amílcar!

Silêncio. Tino não queria ir.

– E tanto pessoal, Aldo...

– Você quer, a gente vai cedo.

Silêncio. Aldo acabava fazendo a vontade do irmão.

Às vezes também algum camarada vinha conversar.

Agora? até já se comenta. Mãe que descomponha, que insulte... Mais chora que descompõe, a coitada! Lá estão os dois discutindo, ninguém sabe por quê. De repente, tapas. E Tino não apanha mais que o outro, não pense, é duma perversidade inventiva extraordinária. O irmão acaba sempre sofrendo mais do que ele. Aldo é mais forte e por isso naturalmente mais saranga. Porém paciência se esgota um dia, e quando se esgotava era cada surra no irmão! Tino ficava com a cara vermelha de tanta bofetada. Um pouco tonto dos socos. Aldo porém tinha sempre ãa mordida, ãa alfinetada, coisa assim com perigo de arruinar. Os estragos da briga duravam mais tempo nele.

Não se falavam mais. E agora cada qual andava num emprego diferente. O mais engraçado é que quando um ia no cinema o outro ia também. Sempre era o Tino que espiava Aldo sair, saía atrás.

Nunca iam à missa. De religião só tirar o chapéu quando passavam pela porta das igrejas. Por que tiravam não sabiam, tinham visto o pai fazer assim e muita gente fazia assim, faziam

também, costume. Isso mesmo quando não estavam com algum companheiro que era fachista e anticlerical porque lera no *Fanfulla*. Então passavam muito indiferentes, mãos nos bolsos talvez. E não sentiam remorso algum.

Pois nesse domingo foram à N. S. da Lapa outra vez. Agora que estavam maus filhos, maus irmãos, enfim maus homens, davam pra ir na missa! Quando a reza acabou ficaram ali, no adro da igreja meia construída, cada um do seu lado, já sabe. Tino à esquerda da porta, Aldo à direita. Toda a gente foi saindo e afinal tudo acabou. Ficaram apenas alguns rapazes proseando.

Aldo voltou pra casa com uma tristeza, Tino com outra que, você vai ver, era a mesma. Até se sentiram mais irmãos por um minuto. Minuto e meio. Desejos de voltar à vida antiga... Era só cada um chegar até no meio da rua, pronto: se abraçavam chorando, "Fratello!..." Que paz viria depois! Mas, e o desespero, então? onde que leva? Reagiram contra o sentimento bom. Uma raiva do irmão... Uma raiva iminente do irmão. Dali, iam só procurar o primeiro motivo e agora que tinham mais essa tristeza por descarregar, temos tapa na certa.

Chegaram em casa e dito-e-feito: brigaram medonhamente. Porca la miséria, dava medo! Se engalfinharam mudos. Aldo, subia o sangue no rosto dele, tinha os olhos que nem fogaréu. Derrubou o mano, agarrou o corpo do outro entre os joelhos e páa! Tino se ajeitando, rilhava os dentes, muito pálido, engulindo tunda numa conta. A janela estava aberta... Dona Maria no quintal, não sei si ouviu, pressentiu com certeza, coitada! era mãe... ia entrar. Porém teve que saudar primeiro a conhecida que vinha passando no outro lado da rua. Até quis botar um riso na boca pra outra não desconfiar.

– Sabe, dona Maria, a conhecida gritava de lá, a Teresinha vai casar! Com o Alfredo.

– Ahn...

– Pois é. De repente. Bom, até logo.

– Té-logo.

O soco parou no ar, inútil, os dois manos se olharam. Viram muito bem que não havia mais razão pra brigas agora. Não havia mesmo, deviam ser irmãos outra vez. A felicidade voltava na certa e aquele

sossego antigo... O soco seguiu na trajetória, foi martelar na testa do Tino, peim! seco, seco. Tino com um jeito rápido, histérico, não sei como, virou um bocado entre as pernas de Aldo. Conseguiu com as mãos livres agarrar o pulso do outro. Encolheu-se todinho em bola e mordeu onde pôde, que dentada! Aldo puxou a mão desesperado, pleque! sofreu com o estralo do dedo que não foi vida. Mas por ver sangue é que cegou.

– Morde agora, filho-da-puta!

Na garganta. Apertou. Dona Maria entrava.

– Meu filho!

– Morde agora!

Tino desesperado buscava com as mãos alargar aquele nó, sufocava. Encontrou no caminho a mão do outro e uma coisa pendente, meia solta, molhada, agarrou. E num esforço de última vida, puxou pra ver se abria a tenaz que o enforcava. Dona Maria não conseguia separar ninguém. Tino puxou, que eu disse, e de repente a mão dele sem mais resistência riscou um semicírculo no ar. Foi bater no chão aberta ensangüentada, atirando pra longe o dedo arrancado de Aldo.

– Morde agora!

Tino se inteirando. Abriu com os dentes uma risada lateral, até corara um pouco. Dona Maria chegava só ao portãozinho, gritando. Não podia ir mais além, lhe dava aquela curiosidade amorosa, entrava de novo. Tino se inteirando. Ela saía outra vez:

– Socorro! meu filho!

Meu Deus, era domingo! entrava de novo. Batia com os punhos na cabeça. Pois batesse forte com um pau na cabeça do Aldo! Mas quem disse que ela se lembrava de bater!

– Socorro! meu filho morre!

Entrava. Saía. Às vezes dava umas viravoltas, até parecia que estava dançando... Balancez, tour, era horrível.

O primeiro homem que acorreu já chegou tarde. E só três juntos afinal conseguiram livrar o morto das mãos do irmão. Aldo como que enlouquecera, olho parado no meio da testa, boca aberta com uns resmungos ofegantes.

Levaram ele preso. Dona Maria é que nem sei como não enlouqueceu de verdade. Berrava atirada sobre o cadáver do filho, porém quando o outro foi-se embora na ambulância, até bateu nos soldados. Foram brutos com ela. Esses soldados da Polícia são assim mesmo, gente mais ordinária que há! ãa mãe... compreende-se que tivesse atos inconscientes! pois tivessem paciência com ela! Que paciência nem mané paciência! em vez, davam cada empurrão na pobre...

– Fique quieta, mulher, sinão levo você também!

Fecharam a portinhola e a sereia cantou numa fermata de "Addio" rumo da correição.

Seguiu-se toda a miséria do aparelho judiciário. Solidão. Raciocínio. O julgamento. Aldo saiu livre. Pra que vale um dedo perdido? Caso de legítima defesa complicada com perturbação de sentidos, é lógico, art. 32, art. 27 § 4º... A medicina do advogadinho salvou o réu.

Recomeçou no trabalho. Muito silencioso sempre, sossegado, parecia bom. Às vezes parava um pouco o gesto como que refletindo. Afinal todos na obra acabaram esquecendo o passado e Aldo encontrou simpatias. Camaradagens até. Não: camaradagem não, porque não dava mais que duas palavras pra cada um. Mas muitos operários simpatizavam com ele. São coisas que acontecem, falavam, e a culpa fora do mano, a prova é que Aldo saíra livre. E o dedo.

Mas o caso não terminou. Um dia Aldo desapareceu e nem semana depois encontraram ele morto, já bem podrezinho, num campo. Quem seria? Procura daqui, procura dali, a Polícia de São Paulo, você sabe, às vezes é feliz, acabaram descobrindo que o assassino era o marido da Teresinha.

E por que, agora! Ninguém não sabia. A pobre da Teresinha é que chorava agarrada nos dois filhinhos imaginando por que seria que o marido matara esse outro. De que se lembrava muito vagamente, é capaz que dancei com ele numa festa? Mas não lembrava bem, tantos moços... E não pertencera ao grupinho dela. Mas que o Alfredo era bom, ela jurava.

– Meu marido está inocente! repetia cem vezes inúteis por dia. O Alfredo gritava que fora provocado, que o outro o convidara pra irem ver uma casa, não sei o quê! pra irem ver um terreno, e de repente se atirara sobre ele quando atravessavam o campo... Então pra que não veio contar tudo logo! Em vez: continuou tranqüilo indo no serviço todo santo dia, muito satisfeito..., que “fascínora”! Toda a gente estava contra ele, o Aldo tão quieto!...

O advogado devassou a série completa dos argumentos de defesa própria. E lembrou com termos convincentes que o Alfredo era bom. Afinal vinte-e-dois anos de honestidade e bom-comportamento provam alguma coisa, senhores jurados! E a Teresinha com as duas crianças ali, chorosa... Grupo comovente. O maior, de quinze meses, procurava enfiar o caracaxá vermelho na boca da mãe. Não brinque com essa história de isolar sempre que falo em mãe, o caso é triste. Pois tudo inútil, o criminoso estava com todos os dedos. Foi condenado a nem sei quantos anos de prisão.

A Terezinha lavava roupa, costurava, mas qual! com filho de ano e pouco e outro mamando, trabalhava mal. E, parece incrível! inda por cima com a mãe nas costas, velha, sem valer nada... Si ao menos soubesse aonde que estavam esses irmãos pelas fazendas... Mas não ajudariam, estou certo disso, uns desalmados que nunca deram sinal de si... Então desesperava, ralhava com a mãe, dava nos pequenos que era uma judiaria.

A sogra, essa quando chegava até o porão da nora, trazia ãa esmola entre pragas, odiava a moça. Adivinhava muito, com instinto de mãe, e odiava a moça. Amaldiçoava os netos. Os dez milréis sobre um monte de insultos ficavam ali atirados, aviltantes, relumeando no escuro. Teresinha pegava neles, ia comprar coisas pra si, pros filhos, como ajudavam! Ainda sobrava um pouco pra facilitar o pagamento do aluguel no mês seguinte. Mas não lhe mitigavam a desgraça.

Também lhe faziam propostas, que inda restavam bons pedaços de mulher no corpo dela. Recusava com medo do marido ao sair da prisão, um assassino, credo!

Teresinha era muito infeliz.

IV  MENINA DE OLHO NO FUNDO
1925 [1932, 1943-1944]

Belazarte me contou:

Você é músico, e do conservatório grande lá da avenida São João, por isso há-de se divertir com o caso...

O maestro Marchese era maestro uma ova, foi mas violinista numa companhia de operetas, isso sim. Até me contaram que na Itália ele esfregava rabecão num barzinho de Gênova, não sei. Chegou aqui, virou maestro. Mas como não tinha bastante aluno particular, botou uma espécie de escola de música diurna e serale numa casinha da avenida Rangel Pestana, lá no Brás. Cinco milréis mensais por cabeça, trazendo instrumento. O maestro ensinava tudo, canto, piano, violino, cavaquinho, sanfona. Choveu aluno que nem passarão no rio Negro tempo de migrar. O Marchese não dava mais conta do recado e precisou de tomar uns professores de ajuda. Mesmo no Brás tinha um moço muito bonzinho, coitado! que estudava violino com o professor Bastiani, colega de você. Pra encurtar: o maestro Marchese mandou chamar o Carlos da Silva Gomes, e lá ficou seu Gomes como professor de viola e artinha no conservatório. Ia me esquecendo de contar que a tal escola se chamava Conservatório Giacomo Puccini.

A empresa progredia. Até a gente mais endinheirada do bairro principiou botando os filhos lá, ficava mais perto e não carecia de acompanhar ninguém na cidade. O Marchese, esse então virou rei da música do Brás. No cinema torcia o nariz porque a orquestrinha não prestava e o saxofone tinha desafinado. No dia seguinte toda a gente falava pra seu Fifo que o saxofone estava desafinando e crocotó! maré vazava pro pesado do saxofone. Seu Fifo mandava falar pra ele que não careciam mais de saxofone na orquestrinha e quem que arranjava saxofonista novo? já sabe: o maestro Marchese já de brilhantão no dedo e quatro marchinhos com bastante

macarrão na barriga lá em casa. Até sala-de-visitas arranhou no lar, com piano a prestação e retrato do Giacomo Puccini.

O maestro bem que gostava de ficar com todas as alunas que lhe pareciam gente mais arranjada, porém, quando a filha do Bermudes foi se matricular, parafusou, parafusou e afinal achou melhor colocar a moça no curso de seu Gomes. Não vê que a Dolores sempre botava umas olhadas pra ele e a Pascoalina não era coisa de que a gente não fizesse caso não: desconfiando, era capaz dalgum escândalo dos diabos. Por isso o maestro falou pra mãe da mocinha que a sinhora vai vedere que num stantinho sua filha fica una artista, lo giuro! Seu Gomes é un professore molto bon, ah questo!... proprio la minha scuola!

A mãe da Dolores até saiu bem contente porque tinha vindo pro bairro, fazia tempo, recém-casada ainda... Sabia que a família de seu Gomes era gente fina, parente dos Prados. Tinham continuado pobres. Ela, da casinha de porta e janela fora subindo até aquele número 25 assobradado. E agora a filha estava aprendendo com o parente dos Prados. Sorriu numa satisfa que lhe inchava toda a banha, oitenta-e-nove quilos pra mais. Tirou o chapéu de renda preta, procurou na manga da blusa o lenço marcado M. S. B., Marina Sarti Bermudes, e limpou o orvalho do bigodinho. Foi no quintal, colheu não sei quantas dúzias de margaridas, botou numa cesta e mandou a criada levar na casa de seu Gomes que a filha mandava.

Dolores era um desses tipos que o Brasil importa a mãe e o pai pra bancar que também dá moça linda. Direitinho certas indústrias de São Paulo... Da terra e da nossa raça não tinha nada, porém se pode afirmar que tinha o demais, porque não havia ninguém mais brasileiro que ela. Falassem mal do Brasil perto dela pra ver o que sucedia! Desbaratava logo com o amaldiçoado que vem comer o pão da gente, agora! pra que não ficou lá na sua terra morrendo de fome! vá saindo!... Ah! perto de mim você não fala do Brasil, não porque eu dou pra trás, sabe! Eu sei bem que a Itália é mais bonita, mais bonita o quê!... uma porcariada de casas velhas, isso sim, e gente rúim, só calabrês assassino é que se vê!... Aqui tem cada amor de bangalozinho!... e a estação da Luz, então! Você nunca, aposto, que já entrou no teatro Municipal! Si entrou, foi pro

galinheiro, não viu o fuaiér! Itália... A nossa catedral... aquilo é gótico, sabe! não está acabada mas falaram pra mim que vai ter as torres mais compridas do mundo!

E Dolores ficava muito bonita na irritação, com cada olho enorme lá no fundo relumeando que nem esmeralda. Era uma belezinha. Esguia, bem feita, com tudo saltadinho, ombros descidos, pescoço penujado de iereré. Então do pescoço pra cima! Morena, com cada jambinho madurando nas faces que si a gente provasse uma vez só, virava no sufragante ijucapirama do amor. Cabelo cor-de-castanha pra mais claro, cheio de muitos cachos de verdade que ela ainda não tivera coragem de cortar pra seguir a moda das amigas. Quando for pra suspender, eu corto em vez de suspender, falava. E aqueles crespos lhe rodeavam tão bem a cor! dando pra boniteza dela uma esquisitice rara com que a gente primeiro carecia se acostumar. A boca não era grande coisa mas não prejudicava. E os olhos, Nossa Senhora! tinha verde de breo com vagalume estrelando por cima, num Cruzeiro do Sul de noite e dia.

Estava pra fazer dezessete. Era bem educadinha, isto é... tinha seguido o curso dum colégio meio econômico mas bem freqüentado. Ainda se obstinava no francês, como as amigas faziam, e experimentava as danças da moda com a melhor professora da cidade. Contava muitas amigas ali da Vila Buarque, que é bairro de pobreza escondida, e tinha sobre elas a ascendência respeitável de quem não manda reformar vestido. Andava nuns trinquês!...

Era natural que revolucionasse o curso de seu Gomes, pois foi. Já sabia seus vibratos de violino aprendido no colégio e até terceira posição ia bem direitinho. Faltava afinação mas não faltava inteligência. O Gomes principiou alimentando a idéia de que a Dolores era bem capaz de fazer a notoriedade dele como professor.

Logo simpatizara com ela. Mas não envenene o caso não, era simpatia de amizade apenas. E um poucadinho de ambição também. Professor é sempre assim: por mais pura que seja a amizade dele por aluno, há sempre uma esperancinha de perpetuação enfeando o sentimento. Não dizem, porém a gente percebe que estão procedendo como si dissessem: Isto quem fez fui eu. Seu Gomes imaginou que a Dolores ia fazer a celebridade dele e teve simpatia

por ela. Em amor não pensou e, franqueza: nem sentiu nada diante dela. Era sossegado, meio tímido e chegara aos vinte-e-quatro sem nunca ter chamego por ninguém.

Nem sabia se casava ou não. Tinha primeiro que arranjar reputação de professor bom, o que já é bastante difícil pra mestre “juvenal”, como chamam aos solteirões no Nordeste. Aliás, sem querer, outro dia, seu Gomes levantara os olhos, saudara a vizinha, uma creio que modista. Até encafifara porque nunca tirava chapéu pra vizinho. Não sabia por que tirara, ia tão distraído, foi de repente. Mas, saudara uma vez e continuou saudando.

Outra razão importante acabou por destruir qualquer vontade que ele pudesse ter de se enguiçar pela Dolores. Ela era vivinha, foi logo se chegando pra maiores intimidades. Que que ele havia de fazer! tinha que falar “muito obrigado” por causa das margaridas, por causa dos cravos, por causa dos bolinhos que era quasi toda semana iam parar na casa dele.

– Então o senhor gostou, é? Ainda hei-de mandar pro senhor mas é um bolo que eu faço, esse sim! Mas precisa figos cristalizados e o empório não tinha. Quando eu for na cidade, trago. Papai? a gente encomenda pra ele, o pobre! esquece.

– Mas dona Dolores...

– Pra que que o senhor me chama “dona”, fica tão feio! Pois não sou sua aluna! Fale “Dores”, “Dores” como fiz me chamarem lá em casa. “Dores”, “você”, e pronto!

Ele achava graça naquela voz de criança.

– Pois então chamo. Ia dizendo que você não deve se incomodar assim comigo...

– Me incomodar! Não fale isso, seu Carlos!

– Mas sua mãe, Dolores...

– Dores! “Dolores” é espanhol, não gosto! Sou tão brasileira como o senhor, fique sabendo! Já não basta esse Bermudes tão feio que não posso mudar... Fale “Dores”! São tão bonitos os nomes brasileiros... Carlos da Silva Gomes! Ah, si eu tivesse um nome assim!

– Pois eu acho Dolores um nome bem bonito.

– Ora, seu Carlos!... O senhor vai me chamar “Dores”, chama? Não custa nada pro senhor e fico tão feliz! Diga que chama!

– Pois chamo... a senhora...

– Olhe! “Dores”, “você”.

– Espere um pouco também! deixe eu me acostumar. No começo a gente confunde... Dores.

Ela fechou os ombros numa expressão de gosto alegre. Riu.

– Do que você está rindo?

– Eu sempre falo que consigo tudo dos meus professores! Já no colégio era assim. O professor de aritmética me avisou que eu tomava bomba, e tomava mesmo porque tenho horror de aritmética, credo! Pois apostei com as colegas, não estudei mesmo nada e passei!

– E como é que você fez!

– Ah, isso... são cá uns segredinhos! A gente não estuda mas... ihi... então pra que que a gente tem olhos então!...

– Dolores!

– Ora, seu Carlos! são uns professores coiós, qualquer coisa já pensam que a gente está doida por eles... a gente aproveita, é lógico!

– Mas Dolores...

– Dores!

– Você é uma criança, Dores! Teve coragem de namorar o professor só pra passar!

– Namorar? que nada! Olhava dum certo jeitinho e ele é que pensava que eu estava namorando. Ihi... quando chegou no exame, fez a prova e disfarçando botou na minha carteira, foi só copiar! Distinção! As outras é que estrilaram! Outro coió é o professor de francês, tamanho velho!... Uma vez se queixou pra mamãe e ela me bateu. Espera aí, seu caixadóclos, que eu faço você ficar manso!... do que que o senhor está se rindo tanto, seu Carlos!

– Pois Dores, eu sou seu professor e você vem contar isso pra mim!

Dolores ficou séria de repente. E apertando a mão dele com força:

– Seu Carlos, o senhor não vá pensar que trato o senhor desse jeito quando... ah, não!

Já se ria outra vez. Retirou a mão. E por faceirice, num gesto de inocência fingida:

– Posso contar pro senhor porque já sei com quem estou tratando.

– Ah, isso, você pode ter certeza, Dores! Já falei que você tem jeito pra música mas si não estudar, comigo é que você não passa nem que remexa os olhares mais arrevesados desse mundo!

– Ihi... não é arrevesado que a gente faz, seu Carlos!

– Então como é?

– Não tem palavra pra explicar, só fazendo... Mas diante do senhor tenho vergonha!

E ficou talqual um jenipapo, roxa de vergonha sem razão. E o verde fundo dos olhos fuzilando... Seu Gomes pensou a palavra “bonita” e fez a menina repetir mais três vezes a escala de ré maior.

– Dores, você carece estudar mais! Olhe que lição você me trouxe! Assim não serve porque afinal nós dois perdemos tempo à toa. Não estou aqui pra isso não!

– Oh, seu Carlos...

E num átimo ele se viu todo coberto de esmeraldas tristes. Percebeu que fora ríspido demais, melhorou:

– Dores, você não sabe... Um professor, si é deveras professor, quer bem as alunas como... filhas, Dores. Quer que elas progridam, que fiquem tocando muito bem... Você, Dores... você precisa aproveitar os dotes que tem! De todas as minhas alunas é a mais bem dotada, é... é a melhor, estude, faz favor! Você já me disse que gosta muito de mim como professor...

– Gosto muito!

–...pois então, estude... pra me fazer feliz!

– Seu Carlos, eu vou estudar muito agora!

– Então vá!

– Té quinta, seu Carlos!

– Té mais.

Ficou sozinho na sala, todo cheio de esmeraldas alegres. Não percebia que tinha melhorado por demais a zanga, eis como os casos principiam, meu caro. A gente vai melhorar e daí que a joça destempera duma vez. Seu Gomes ficara zangado por timidez. A

palavra “bonita” avisou que si ele não pusesse reparo seria o bobão próximo. E ainda restava um certo despeito de classe por ver os professores tão brincados por uma criança, então zangou meio sem razão. Mas tristura de olho no fundo quem que agüenta? Seu Gomes acalmou fácil. Não sentiu mais nada que continuasse a palavra “bonita” e quis carinhosamente fazer estudar mais, uma aluna de que esperava muita coisa. Pôs ambição no conselho e a boba da mocinha sentiu um golpe bom dentro da impaciência. Saiu feliz sem saber de que, porém mesmo nesse dia inda foram quasi duas horas de ré maior.

Seu Gomes sorumbático puxou a cigarreira pra fumar. Viu a cara embaçada na tampa de prata. E daquela cara regular dum moreno pálido, com o cabelo crespo negrejando sobre as entradas, descia um corpo que não era fraco não: capaz de agüentar com a dona que encostasse nele. E seu Gomes piazinho inda machucara muito uma unha. Ficara aquela mancha preta grande que até dava espírito pra mão. Saiu sorumbático. Aquela menina era bem capaz de fazer dele... isso não, que não era nenhum leso! A Serafina. (É a vizinha). Não podia ser acaso não. De primeiro inda era só de-tarde, hora mesmo da gente estar na janela, mas agora ao meio-dia, pronto: sorrindo pálido pra saudação dele. Serafina. Doce nome... Todas as raças são iguais... Seu Gomes entardeceu num sossego largado, muito suave. Sorriu livre, tornando a pensar na Dolores, que sapequinha! Enfim, fora bom porque agora sabia com quem estava tratando.

E ensinou a Dolores com muito carinho, com imensa amizade, cada vez mais íntima e mais amizade.

E depois: ela progredia. Muito preguiçosa, porém seu Gomes logo descobriu que falando com certo jeitinho, voz mais baixa meio surda... só fazendo, a Dores saía dali e estudava até umas quatro horas por dia durante uma semana. Pois então, queria que ela estudasse? duas três vezes por mês falava do tal jeitinho. Isso chovia esmeralda de bandeirante numa conta em cima dele. Até, no fim desse mesmo ano, quando o maestro Marchese disse que bisognava arranjar alguma músicas pra la signorina tocare náa

festa, nem seu Gomes precisou se incomodar muito: a signorina teve um sucesso com o *Noturno* de Chopin transcrito.

Estamos três anos depois dessa festa e lá por dezembro Dolores recebe o diploma do Giacomo Puccini. É sempre a mesma coisa como carinha bonita mas anda mais desmerecida. Estuda muito agora e toca de deveras com espírito o que toca. Era considerada a melhor aluna do “Giacomo”, como se falava no Brás, deixando rabi o nome do conservatório. O Marchese andava enciumado e sei que andou chamando umas colegas da Dolores na sala da diretoria, perguntando umas coisas, filho-da-mãe!...

Uhm, me esquecia... meses antes ela ficara noiva. Seu Gomes fora na casa dela acertar umas músicas, de repente ela mostrou a aliança de prata na mão direita:

– Já reparou?

– Já. Não sabia que a minha Dores estava casada, o que você carece mas é estudar mais, sabe!

– Não estou casada não, seu Carlos! As noivas é que usam aliança de prata.

– Você está noiva, Dores!

Ela abaixou a cabeça, rindo manso e mandou lá do fundo um feixe de esmeraldas pra seu Gomes. Ele estava sério. Antes de mais nada, se lembrou da aluna, tanta trabalhadeira de estudo e pronto! se apaixonava pelo primeiro sarambé que aparecia.

– Meus parabéns. Não sabia.

– O senhor... parece que não gostou, seu Carlos!

– Gostei, Dores. Mas acho que é uma pena você casar já, tão moça. E depois: por causa dos seus estudos que vão tão bem.

– Seu Carlos não quer, eu não caso!

– Não quero? Deus me livre, Dores! Pois... eu quero é que você seja feliz. Você gosta dele, naturalmente é rapaz bom...

Falando, o malestar em que ficara desde o princípio do diálogo foi se substituindo pela imagem da vizinha costureira. Apoiou-se na imagem e sentiu chão firme.

– Não gosto nem desgosto... Mamãe com papai que quiseram, diz-que é bom partido. É muito simpático, bonzinho...

– Pois seja feliz, Dores. Mas vamos continuar a lição.

E a lição voou apesar duma certa distração na sala. Dolores tocou como nunca. Humilde, riso impassível meio amarelo, muito calma. Seu Gomes saiu satisfeitíssimo.

– Eu não devia dizer, Dores... mas é uma pena si você casar logo! Com mais dois anos eu punha você artista, garanto.

– Já falei! é só o senhor não querer que eu não caso, seu Carlos!

– Case sim, Deus me livre agora de andar desmanchando casamento de ninguém! Té mais.

– Té quinta, seu Carlos!

Seu Gomes saiu. Todo coberto de esmeraldas tristes. O mais engraçado é que pouco depois uma pessoa que conhecia bem os Bermudes afirmou pra ele que a Dolores não estava noiva. Não compreendeu nada e, indagando, ela tornou a afirmar que estava. Então é porque estava e não se incomodou mais com aquilo. Sarambé era ele que não entendia, e não os moços que tiram as moças da casa dos pais! Dolores continuou representando o noivado por mais de mês. Era assunto que lhe permitia dizer que casava com aquele como podia casar com qualquer um e não tinha mais esperança neste mundo. Um dia apareceu sem aliança na aula.

– Que-dele o anel, Dores?

– Acabou-se tudo, seu Carlos! Agora o senhor pode ficar sossegado que não caso mais, ouviu! Si um dia me casar há-de ser com o consentimento do senhor!

– Mas, Dores, eu não quero tomar essa responsabilidade, não! Olhe, você quer uma palavra de amigo? essas coisas a gente não vai fazendo e desfazendo assim à toa!

– Ah, só pra experimentar um pouco... eu não gostava dele!

– Mas fez o pobre moço sofrer!

– Ara, isso todos nós sofremos, seu Carlos! Porque a gente não há-de gostar duma pessoa e ser logo correspondida!

E principiou chorando, muito nervosa, ali mesmo na sala, podiam ver. Seu Gomes espantadíssimo.

– Que é isso, Dores! não faça assim!

– Ah, seu Carlos... sou uma desgraçada!...

– Sossegue, Dores! Pode passar alguém, não fica bonito ver você chorando assim!

Dolores soluçando muito sacudida, apagava esmeraldas no lencinho. Já sorria:

– Você tá nervosa, vá pra casa. Olhe: não se esqueça de repassar a *Ave-Maria* pra missa de domingo.

– Sei, seu Carlos.

Suspirou fundo que doía, foi-se embora.

Pois não durou nem vinte dias, seu Gomes recebeu o cartão em que “Temos a honra de participar a V. Excia. e Exma. Família que contratamos o casamento de nossa adorada filha Dolores Sarti Bermudes com o sr. Agostinho Nardelli. Alonso Bermudes”, rua tal, etc. Desta vez era certo. Escreveu agradecendo e com os votos.

Casar... é. Seu Gomes já estava com quatrocentos milréis das lições. E com moça boa, trabalhadeira... Mesmo que não ajudasse no ganho, ao menos que fizesse os próprios vestidos... Cento-e-cinqüenta pro aluguel, cento-e-cinqüenta pra comerem. Inda restava cem pro que desse e viesse. Nessa noite seu Gomes teve um sonho bem desagradável. Era uma rua, num beco, tapado por um casarão no fundo. A vizinha estava numa janela alugável aí por uns trezentos milréis por mês. Mas na outra calçada a mãe da Dores sacudia as banhas numa risada sem educação, dizendo: “É muito!” Seu Gomes apesar da vergonha continuou andando e saudou a modista, pra que saudou! Saiu de dentro do chapéu dele um papagaio com um cinzeiro de prata no bico. Dentro do cinzeiro está todo o meu dinheiro, pensava o sonho assustado. Seu Gomes ficou num desespero enorme e resolveu subir pelo poste pra ver si agarrava o papagaio. A vizinha rindo pálido falou assim:

– Quer que ajude?

Seu Gomes implorou:

– Me ajude, Serafina!

Nem bem falou, a modista já estava agarrada nas costas dele. Chê... ficou difícil de trepar no poste com mais aquele peso nas costas, ficou impossível de trepar. Também não era preciso mais porque desaparecera o papagaio e estava tão bom que seu Gomes mexia na cama até que o chão se abriu. Seu Gomes com a Serafina caíram e o sonhador acordou com uma sede louca.

Dolores se explicou bem sobre o primeiro noivado secreto. O segundo é que não durou três meses, dona Marina contou pra seu Gomes que tinham desmanchado porque o moço não prestava. Essas coisas não aborreciam seu Gomes porque por uma curiosa inversão de papéis o tímido substituía secretamente a Dolores pela Serafina naquele casa-não-casa e tanto falar em casamento cotidianizava na hesitação dele a evidência do casamento: precisava se casar. E tudo isso prova também que ele não estava de todo inocente a respeito da Dores. Mas o importante no momento era preparar bem o Pugnani-Kreisler pra festa de formatura.

Estava nisso quando a Dores apareceu inquieta na lição. Era nesse tempo que parecia mais magrinha, olhos cada vez mais no fundo, toda a gente imaginando que era o estudo. Outra aluna estava ali, falou baixinho:

– Preciso falar muito com o senhor!

– Pois fa...

– Fale baixo! Tenho um assunto muito importante pra dizer pro senhor. Vá amanhã na missa e suba no coro, vou tocar. É coisa muito séria, seu Carlos!

Ele reparou que era coisa muito séria mesmo. Aqueles olhos, aquela boca tremendo entre angústia e autoridade... Passou meio inquieto uma parte da noite. Foi na missa.

Dolores desfiou uma lengalenga muito atrapalhada, cheia de reticências, de vergonhas, que já estavam falando muito deles, que não havia nada porém o senhor sabe como é boca do mundo, as colegas, seu Carlos!... e os olhos dela encheram-se de lágrimas, as colegas vivem bulindo comigo, que o senhor gosta de mim, mas eu sei que não gosta! foram contar pra seu Marchese, ele mandou me chamar, vive falando pra mim que, quihihi... eu sei que o senhor é tão bom, é tão sério, mas ele vive me falando que o senhor não presta, que está me namorando por causa do meu dinheiro, que ficou muito feio pra mim!... Toda a gente já sabe! que eu devia largar da aula com o senhor, e que depois o senhor não casa comigo, tá só se divertindo, seu Carlos!... eu sei que o senhor é incapaz de me enganar mas ele mandou chamar mamãe, falou tudo

pra ela, ela me deu uma surra, seu... seu Carlos! me deu duas bofetadas na cara, quihi, quihihi... e chorava de não falar mais.

– Mas o que você está me contando, Dores!... Será possível!

– É possível sim! Toda a gente caçoa de mim por causa do senhor! Nunca falei nada porque eu gosto muito do senhor, não quis que o senhor ficasse triste. Sabe? meu noivado desmanchou só por sua causa, foram contar tudo pro Agostinho! outro dia no baile ninguém mais não queria dançar comigo porque diziam que eu estava ocupada! “Ocupada”! seu Carlos! falaram assim mesmo! De já-hoje quando o senhor entrou não viu a cara que a organista fez!...

– Meu Deus! mas si nunca houve nada, Dores! como é que...

– Tenho sofrido, seu Carlos! tenho sofrido muito!... dizem que estou doente, doença nada!... É tudo por sua causa mesmo!... mas eu sei que o senhor não gosta de mim e não queria que o senhor soubesse disso mas... quihihi... não posso mais!... e mamãe me falou pra mim que quer falar com o senhor...

– Pois falo, Dores! Sempre tratei você como minha aluna e não tenho medo de ninguém!

– Vá amanhã lá em casa mas... seu Carlos! eu não quero largar do senhor! não deixe me darem pra outro professor! com outro eu não estudo mais!...

Seu Gomes olhou com dó aquele corpinho magro estalando.

Segurou-lhe as mãos que apertavam os lábios querendo gritar. Quis levantar-lhe a cabeça, porém estava desamparada, tornou a cair pra frente com os lábios colados na mão dele num beijo de fogo molhado. Tirou rápido a mão. Desceu a escadinha do coro, partiu. Estava com a mão insuportável com a lembrança do beijo, estava tonto. Estava nem querendo pensar. Seguia com muita pressa, louco pra chegar em casa porque parece mesmo que a casa da gente nos protege de tudo.

Em casa lhe deram o recado que o maestro Marchese pedia pra seu Gomes ir falar com ele, foi.

– Bom-dia.

– Bom-dia, s’accomodi. Professore, mandei chamar o signore por causa dum assunto molto serio! Il Giacomo é un stabilimento sério!

Qui non si fa scherzi com moças, signor professore! Si lei aveva l'intenzione di namorare careceva de andare noutro...

– Seu Marchese, o senhor dobre a língua já, ouviu! O senhor tirou alguma coisa a limpo pra saber si estou namorando, hein! Fique sabendo que eu não estou disposto a agüentar insulto de ninguém e faço o senhor calar a boca já!

– Ma non dzangate! non dzan-ga-te, signor professore! non cé mica male in quello que eu disse! Sei molto bene que lei é honestíssimo ma che posso fare, io! todos falam! S'accomodi, per favore!

– Tou bem de-pé.

– Ma non dzangate, signor fessore!... Stó falando sul serio! Sono un povero uomo con quatro figlioli in casa, si! signor professore, che beleza de criancinhas! non posso expulsare questa ragazza Bermudes sinon m'ísculhamba tutta la vida! Sono inrovinato, Dia Santo! non posso mandare la ragazza s'imbora! é ó non é!...

– Isso é o de menos, seu Marchese... o senhor... ponha a Dolores no seu curso, não me incomodo.

Seu Gomes tinha pensado primeiro em se retirar do Giacomo, porém lembrou dos cem milréis, se acovardou. Pois é: Dolores passava pro curso do outro e tudo se arranjava.

– Ma, signore professore, non basta! Bermudes stá uma fera! e io ho paúra dun scandalo!... Bisogna dare una satisfazione a tutto il Brás!...

Seu Gomes estava cansado. Era muito frouxo pra pelejar mais.

– Está bem, seu Marchese, eu saio do Giacomo.

– Bravo! Si vede que lei é um bravo moço! sempre falei pra todos que lei é um bravo moço!

– Já sei. Passe bem.

– Ah, ma o signore si esquece o dinheiro, isto nó! Mancano cinco dias ma il Giacomo paga tutta la mensalítá. Tante grazie, signor professore, tante grazie!... Á rivederlo!

Careceu de gritar o "rivederlo", seu Gomes já ia longe. Chegou em casa abatido, nem almoçou. De repente lhe veio aquela vontade de resolver tudo aquele dia mesmo, pegou no chapéu, foi pra casa da Dores.

O violino parou e dois olhos relampearam na sombra da janela. Dolores veio correndo abrir a porta.

– O que foi!

– Quero falar com sua mãe já.

– Sente, seu Carlos. Mamãe não está mas eu mando chamar, é aqui pertinho! E foi bom porque assim a gente pode combinar primeiro. Maria, vá chamar mamãe na casa de seu Almeida, fale pra ela que seu Gomes está aqui, ela já sabe.

Houve um momento de silêncio. Ela tomara um ar tímido de viada, rostinho baixo. De repente seu Gomes ficou todo coberto de esmeraldas alegres. Dores sorriu:

– Então?...

– Não tem nada, Dores, não se luta com boca de povo. Mas você carece ter paciência também!

A frase deixara a coitadinha supliciada de novo. Seu Gomes sentiu uma vontade de machucar inda mais quem lhe roubava tanto cem milréis seguro.

– Acabo de ser expulso do Giacomo.

– Seu Carlos!...

Ele ficou com dó. Remediou:

– Não se incomode não! A vida tem mesmo dessas... A gente põe tanta esperança numa coisa ahh... tudo escapa de repente.

Dores chorando.

– Você que carece de ser mais enérgica, vai pra outro professor, paciência. Pra que você não continua com o Bastiani? Ao menos vai pra melhor.

– Eu não quero, seu Carlos! não largue de mim!... deixe eu ficar com o senhor!...

Ele estava muito calmo, carinhoso, piorando tudo.

– Tomara eu ficar com você, Dores, mas não pode ser, se acalme! Olhe, você se forma e depois continua com o...

– Não continuo com ninguém! seu Carlos... é mamãe! fale pra ela, o senhor consegue, fale!

A gordura de dona Marina enlambuzou a porta.

– Já está chorando outra vez! que menina.... Não se incomode, seu Gomes, etc.

Foi uma explicação muito simples, os dois procederam bonito de verdade. A lealdade sem recantos da dona fortificou seu Gomes. Só que um pouco atrapalhados pela Dores que se metia chorando, falando bobices até que dona Marina lhe deu aquele tabefe na boca. Então seu Gomes não pôde suportar!

– Dona Marina, não vim aqui pra ver a senhora bater na sua filha. Acho que não temos mais nada pra explicar. Quanto aos estudos dela, quando a senhora quiser, vá lá em casa que dou a recomendação pro Bastiani, passe bem. Adeus, Dores.

Então é que foi a história. Ela agarrou na mão, no braço dele, olho veio vindo e ficou saltado bem na frente feito holofote verde.

– Não! o senhor não larga de mim! Me leve daqui! é mentira!

Nem podia falar, feito louca.

– É mentira! não largue de mim, eu gosto tanto do senhor! Eu morro! É tudo mentira! Ninguém está falando mal de nós! Fui eu que falei pras colegas! Eu! Eu não posso ficar sem o senhor! Nem que seja só pra estudar! mamãe! Fui eu que falei pro diretor! me deixe com o senhor!...

Era grito já.

Seu Gomes voltou com uma piedade amarga.

– Dores, você...

Ela apertou-o nos braços, mais baixa, esfregando o queixo no peito dele. Dona Marina brutaça arrancando a filha. Seu Gomes com doçura se desenlaçando. Dores gritava, dando cotoveladas na mãe, “Me largue! me largue!” rouca numa vez. “Eu quero ir com ele!...”

Mas seu Gomes bem percebia que agora era tarde pra começar o amor. Havia ãa modista inteirinha entre os dois e três anos de costume com a modista no sentimento. Meio sorrindo desapontado:

– Que criança, Dores!

– Não!!

Foi o grito maior, se escutou da rua. Seu Gomes fugiu pela porta.

Ela ficara parada, presa na cintura pelos braços da mãe, ofegando, boca aberta, cada olho destamanho bem na frente brilhando claro claro. Só deu tento de si com a bofetada. Não ardeu. Nem essa nem as outras nem os cocres e tabefes pelas costas peito cabeça. Foi

chorando pra cama, com uma dor de angústia aguda, sem ninguém dentro do corpo.

Mas três meses depois estava curada.

V  TÚMULO, TÚMULO, TÚMULO
1926 [1934, 1943-1944]

Belazarte me contou:

Caso triste foi o que sucedeu lá em casa mesmo... Eu sempre falo que a gente deve ser enérgico, nunca desanimar, que se entregar é covardia, porém quando a coisa desanda mesmo não tem vontade, não tem paciência que faça desgracia parar.

Um tempo andei mais endinheirado, com emprego bom e inda por cima arranjando sempre uns biscates por aí, que me deixavam viver à larga. Dinheiro faz cócega em bolso de brasileiro, enquanto não se gasta não há meios de sossegar, pois imaginei ter um criado só pra mim. Achava gostoso esses pedaços de cinema: o dono vai saindo, vem o criado com chapéu e bengala na mão, "Prudêncio, hoje não bóio em casa, querendo sair, pode. Té logo". "Té logo, seu Belazarte."

Veio um criado mas eu não simpatizava com ele não. Sei lá si percebeu? uma noite pediu a conta e dei graças. Levei uns pares de dias assim, até que indo ver uns terrenos longe, estava no mesmo banco do bonde um tiziu extraordinário de simpático. Que olhos sossegados! você não imagina. Adoçavam tudo que nem verso de Rilke. Desci matutando, vi os terrenos, peguei o bonde que voltava. Instinto é uma curiosidade: quando o condutor veio cobrar a passagem e percebi que era o mesmo da ida, tive a certeza que o negrinho havia de estar no carro. Olhei para trás, pois não é que estava mesmo! Encontrei os olhos dele, dito e feito: senti uma doçura por dentro uma calma lenta, pensei: está aí, disso é que você carece pra criado. Mudei de banco e meio juruviá puxei conversa:

– Me diga ãa coisa, você não sabe por acaso de algum moço que queira ser meu criado? Mas quero brasileiro e preto.

Riu manso, apalpando a vista com a pálpebra. Me olhou, respondendo com voz silenciosa, essa mesma de gente que não

pensa nem viveu passado:

– Tem eu, sim senhor. O senhor querendo...

– Eu, eu quero sim, por que não havia de querer? Quanto você pede?

Etc. E ele entrou pro meu serviço.

Quando indaguei o nome dele, falou que chamava Ellis.

Ellis era preto, já disse... Mas uma boniteza de pretura como nunca eu tinha visto assim. Como linhas até que não era essas coisas, meio nhato, porém aquela cor elevava o meu criado a tipo-de-beleza da raça tizia. Com dezenove anos sem nem um poucadico de barba, a epiderme de Ellis era um esplendor. Não brilhava mas não brilhava nada mesmo! Nem que ele estivesse trabalhando pesado, suor corria, ficava o risco da gota feito rastinho de lesma e só. Bastava que lavasse a cara, pronto: voltava o preto opaco outra vez. Era doce, aveludado o preto de Ellis... A gente se punha matutando que havia de ser bom passar a mão naquela cor humilde, mão que andou todo o dia apertando passe-bem de muito branco emproado e filho-da-mãe. Ellis trazia o cabelo sempre bem roçado, arredondando o coco. Pixaim fininho, tão fofo que era ver piri de beira-rio. Beijo, não se percebia, negro também. Só mesmo o olhar amarelado, cor de óleo de babosa, é que descansava no meio daquela igualdade perfeita. É verdade que os dentes eram brancos, mas isso raramente se enxergava, porque Ellis tinha um sorriso apenas entreaberto. Estava muito igualado com o movimento da miséria pra andar mostrando gengiva a cada passo. A gente tinha impressão de que nada o espantava mais, e que Ellis via tudo preto, do mesmo preto exato da epiderme.

Como criado, manda a justiça contar que ele não foi inteiramente o que a gente está acostumado a chamar de criado bom. Não é que fosse rúim não, porém tinha seus carnegões, moleza chegou ali, parou. Limpava bem as coisas mas levava uma vida pra limpar esta janela. E depois deu de sair muito, não tinha noite que ficasse em casa. Mas no sentido de criado moral, Ellis foi sublime. De inteira confiança, discreto, e sobretudo amigo. Quando eu asperejava com ele, escutava tudo num desaponto que só vendo. Sei que eu desbaratava, ia desbaratando, ia ficando sem assunto pra

desbaratar, meio com dó daquele tão humilde que, a gente percebia, não tinha feito nada por mal. Acabava sendo eu mesmo a discutir comigo:

– Sei bem que de tanto lavar copo vem um dia em que um escapole da mão... Está bom, veja si não quebra mais, ouviu?

– Sei, seu Belazarte.

E ficava esperando, jururu que fazia dó. Eu é que encafifava. Com aquele olho-de-pomba me seguindo, arrulhando pelo meu corpo numa bulha penarosa de carinho batido, eu nem sabia o que fazer. Pegava numa gravata, reparando que tinha pegado nela só pra gesticular, largava da gravata, arranja cabelo, arranja não-sei-o-quê, acabava sempre descobrindo poeira na roupa, ãa mancha, qualquer coisa assim:

– Ellis, me limpe isto.

Ele vinha chegando meio encolhido e limpava. Então olho-de-babosa pousava em minha justiça, tremendo:

– Está bom assim, seu Belazarte?

– Está. Pode ir.

Ia. Porém ficava rondando. Mesmo que fosse lá no andar térreo trabalhar, me levava no pensamento, ia imaginando um jeito de me agradar. E não tinha mais parada nos agradinhos discretos enquanto eu não ria pra ele. Então gengiva aparecia. Quando chegava de noite já sabe, vinha pedindo pra ir no cinema, eu tinha pena, deixava. E quantas vezes ainda não acabei dando dinheiro pro cinema!

Nesse andar é lógico que eu mesmo estava fazendo arte de ficar sem criado. Foi o que sucedeu. Ellis tomou conta de mim numa vez. Piorar, piorou não, mas já estava difícil de dizer quem era o criado de nós dois. Sim, porque, afinal das contas quem que é o criado? quem serve ou quem não pode mais passar sem o serviço, digo mais, sem a companhia do outro?

– Ellis, você já sabe ler?... Uhm... acho que vou ensinar francês pra você, porque si um dia eu for pra Europa, não vou sem você.

– Si seu Belazarte for, eu vou também.

Sempre com o mesmo respeito. Às vezes eu chegava em casa sorumbático, moído com a trabalhadeira do dia, Ellis não falava nada,

nem vinha com amolação, porém não arredava pé de mim, descobrindo o que eu queria pra fazer. Foi uma dessas vezes que escutei ele falando no portão pra um companheiro:

– Hoje não, seu Belazarte carece de mim.

Até achei graça. E principiei verificando que aquilo não tinha jeito mais, Ellis não trabalhava. Estava tomando um lugar muito grande em minha vida. Pois então vamos fazer alguma coisa pelo futuro dele, decidi. Entramos os dois numa explicação que me abateu, por causa dos sentimentos desencontrados que me percorreram. Ellis me confessou que pensava mesmo em ser chofer, mas não tinha dinheiro pra tirar a carta. Tive ciúmes, palavra. Secretamente eu achava que ele devia só pensar em ser meu criado. Mas venci o sentimento besta e falei que isso era o de menos, porque eu emprestava os cobres. Só que não pude vencer a fraqueza e, com pretexto de esclarecer, ajuntei:

– Você pense bem, decida e volte me falar. Chofer é bom, dá bem, só que é ofício perigoso e já tem muito chofer por aí. Muitas vezes a gente imagina que faz um giro e faz mas é um jirau. Enfim, tudo isso é com você. Já falei que ajudo, ajudo.

Foi então que ele me confessou que precisava ganhar mais porque estava com vontade de casar.

– Ellis, mas que idade você tem, Ellis!

– Dezanove, sim senhor.

– Puxa! e você já quer casar!

Deu aquele sorriso entreaberto, sossegado:

– Gente pobre carece casar cedo, seu Belazarte, sinão vira que nem cachorro sem dono.

Não entendi logo a comparação. Ellis esclareceu:

– Pois é: cachorro sem dono não vive comendo lixo dos outros?...

Meio que me despeitava também, isso do Ellis gostar de mais outra pessoa que do patrão, porém já sei me livrar com facilidade destes egoísmos. Perguntei quem era a moça.

– É tizia que nem eu mesmo, seu Belazarte. Se chama Dora. Encabulou, tocando na namorada. Falei mais uma vez pra ele pensar bem no que ia fazer e me comunicasse.

Dias depois ele veio:

– Seu Belazarte... andei matutando no que o senhor me falou, semana atrás...

– Resolveu?

– Pois então a gente pode fazer uma coisa: espero o dia-dos-anos do senhor e depois saio.

Tive um despeito machucando. Decerto fui duro:

– Está bom, Ellis.

Não se mexeu. Depois de algum tempo, muito baixinho:

– Seu Belazarte...

– O que é.

– Mas... seu Belazarte... eu quero sair por bem da casa do senhor... até a Dora me falou que... me falou que decerto o senhor aceitava ser nosso padrinho...

Custou ele falar de tanta comoção. Olhei pra ele. O óleo de babosa destilava duas lágrimas negras no pretume liso. Me comovi também.

– Sai por bem, é lógico! Não tenho queixa nenhuma de você.

– Quando o senhor quiser alguma coisa, me chame que eu venho fazer. O senhor foi muito bom para mim...

– Não fui bom, Ellis, fui como devia porque você também foi direito.

Botei a mão no ombro dele pra sossegar o comovido soluçante, estava engasgado, o pobre!... Sem se esperar, rápido, virou a cara de lado, encolheu o ombro, beijou minha mão, partiu fechando a porta.

Já me sentava outra vez, pensando naquele beijo que fazia a minha mão tão recompensada por toda a humanidade, a porta abriu de leve. E ele, não se mostrando:

– Seu Belazarte, o senhor não falou que aceitava... Até me ri.

– Aceito, Ellis! Quando que você casa?

– Si arranjar licença logo, caso no 8 de dezembro, sim senhor, dia da Virgem Maria.

Não me logrou, porém logrou a Virgem Maria. Saiu de casa dias depois do meu aniversário, e nem bem dona República fez anos, casou com a Dora, num dia claro que parecia querer durar a vida inteira. Cheguei do casamento com uma felicidade artística dentro de mim. Você não imagina que coisa mais bonita Ellis e Dora juntos!

Mulatinha lisa, lisa, cor de ouro, isto é, cor de óleo de babosa, cor dos olhos de Ellis! E nos olhos então todo esse pretume impossível que o medo põe na cor do mato à noite. Você decerto que já reparou: a gente vê uns olhos de menina boa e jura: “Palavra que nunca vi olho tão preto”, vai ver? quando muito olho é cor de fumo de Mappingüi. É o receio da gente que bota escureza temível nos olhos desses nossos pecados... Que gostosa a Dora! Era uma pretarana de cabelo acolchoado e corpo de potranquinha independente. Tinha um jeito de não-querer, muito fiteiro, um dengue meio fatigado oscilando na brisa, tinha uma fineza de S espichado, que fazia ela parecer maior do que era, uma graça flexível... Nem sei bem o que é que o corpo dela tinha, só sei que espantava tanto o desejo da gente, que desejo ficava de boca aberta, extasiado, sem gesto, deixando respeitosa e ela passar por entre toda a cristandade... Dora linda!

Ellis desapareceu uns meses e me esqueci dele. A vida é tão bondosa que nunca senti falta de ninguém. Reapareceu. Foi engraçado até. Me levantei tarde, desci pra beber meu mate, Ellis no hol, encerando.

– Bom-dia, seu Belazarte.

– Ué! que que você está fazendo aqui!

– Dona Mariquinha me chamou pra limpar a casa.

– Mas você não está trabalhando então!

– Trabalho, sim senhor, mas a vida anda mesmo dura, seu Belazarte, a gente carece de ir pegando o que acha.

A fúria de casar borrara os sonhos do chofer. Vivia de pedreiro. Mamãe encontrou com ele e se lembrou de dar esse dinheiro semanal pro mendigo quasi. Um Ellis esmolambado, todo sujo de cal. Dora andava com muito enjôo, coisa do filho vindo. Não trabalhava mais. Ellis com pouco serviço. Estava magro e bem mais feio. De repente uma semana não apareceu. Que é, que não é, afinal veio uma conhecida contar que Ellis tinha adoecido de resfriado, estava tossindo muito, aparecendo uns caroços do lado da cara. Quando vi ele até assustei, era um caroço medonho, parecendo abscesso. Foi no dentista, não sei... dentista andou engambelando Ellis um sem-fim de tempo, começou aparecendo

novo caroço do outro lado da cara. Mamãe imaginou que era anemia. Mandamos Ellis no médico de casa, com recomendação. Resultado: estava fraquíssimo do peito e si não tomasse cuidado, bom!

Calvário começou. Ele não sabia bem o que havia de fazer, eu também não podia estar recolhendo dois em casa. Inda mais doentes! Vacas magras também estavam pastando no meu campo nesse tempo... Foi uma tristeza. Ellis andou de cá pra lá, fazendo tudo e não fazendo nada. Mandou buscar a mãe, que vivia numa chacinha emprestada em Botucatu, foram morar todos juntos na lonjura da Casa Verde, diz-que pra criar galinha e por causa do ar bom. Não arranjaram nada com as galinhas nem com os ares. Vieram pra cidade outra vez. Foram morar perto de casa, num porão, depois eu vi o porão, que coisa! Todos morando no buraco de tatu, Ellis, Dora, a mãe dele e mais dois gafanhotinhos concebidos de passagem.

Ellis voltara pra pedreiro, encerava nossa casa e outras que arranjamos, andou consertando esgotos, depois na Companhia de Gás... Não tinha parada, emagrecendo, não se descobriu remédio que acabasse inteiramente com os caroços.

Meio rindo, meio sério, nem eram bem sete da manhã, um dia apareceu contando que era pai. Vinha participar e:

– Seu Belazarte, vinha também saber si o senhor queria ser padrinho do tiziu, o senhor já está servindo de meu tudo mesmo.

Falei que sim, meio sem gostar nem desgostar, estava já me acostumando. Dei vinte milréis. Mamãe, que era a madrinha, andou indo lá no porão deles, arranjando roupas de lã pro desgraçadinho novo.

Nem semana depois, chego em casa e mamãe me conta que Dora tinha adoecido. Pedi pra ela ir lá outra vez, ela foi. Mandamos médico. Dora piorou do dia pra noite, e morreu quem a gente menos imaginava que morresse. Número um.

Agora sim, e a criança? É verdade que a mãe do Ellis tinha inda filho de peito, desmamou o safadinho que já estava errando língua portuguesa, e o leite dela foi mudando de porão.

O dia do batizado, sofri um desses desgostos, fatigantes pra mim que vivo reparando nas coisas. Primeiro quis que o menino se chamasse Benedito, nome abençoado de todos os escravos sinceros, porém a mãe do Ellis resmungou que a gente não devia desrespeitar vontade de morto, que Dora queria que o filho chamasse Armando ou Luis Carlos. Então pus autoridade na questão e cedendo um pouco também, acabamos carimbando o desgraçadinho com o título de Luís.

Havia muita lembrança de Dora naquilo tudo, há só dois dias que ela adormecera. Fizemos logo o batizado porque o menino estava muito aniquiladinho.

Engraçado o Ellis... Até hoje não me arrisco a entender bem qual era o sentimento dele pela Dora. Quando veio me comunicar a morte da pobre, até parecia que eu gostava mais dela, com este meu jeito de ficar logo num pasmo danado, sucedendo coisa triste.

– Dora morreu, seu Belazarte.

– Morreu, Ellis!

Nem posto explicar com quanto sentimento gritei. Ellis também não estava sossegado não, mas parecia mais incapacidade de sofrer que tristeza verdadeira. O amarelão dos olhos ficara rodeado dum branco vazio. Dora ia fazer falta física pra ele, como é que havia de ser agora com os desejos? Isso é que está me parecendo foi o sofrimento perguntado do Ellis. E pra decidir duma vez a indecisão, ele vinha pra mim cuja amizade compensava. E seria mesmo por amizade? Aqui nem a gente pode saber mais, de tanto que os interesses se misturavam no gesto, e determinavam a fuga de Ellis pra junto de mim. Eu era amigo dele, não tinha dúvida, porém numa ocasião como aquela não é muito de amigo que a gente precisa não, é mais de pessoa que saiba as coisas. Eu sabia as coisas, e havia de arranjar um jeito de acomodar a interrogação.

...e quem diz que na amizade também não existe esse interesse de auxílio?... Existe, só que mais bonito que no amor, porque interesse está longe do corpo, é mistério da vida silenciosa espiritual. Depois, amor... É inútil os pernósticos estarem inventando coisas atrapalhadas pra encherem o amor de trezentas auroras-boreais ou caem no domínio da amizade, que também pode existir

entre bigode e seios, ou então principiam sutilizando os gestos físicos do amor, caem na bandalheira. Observando, feito eu, amor de sem-educação, a gente percebe mesmo que nele não tem metafísica: uma escolha proveniente do sentimento que a babosa recebe dum corpo estranho, e em seguida furrum-fum-fum. A força do amor é que ele pode ser ao mesmo tempo amizade. Mas tudo o que existe de bonito nele, não vem dele não, vem da amizade grudada nele. Amor quando enxerga defeito no objeto amado, cega: "Não faz mal!" Mas o amigo sente: "Eu perdôo você." Isso é que é sublime no amigo, essa repartição contínua de si mesmo, coisa humana profundamente, que faz a gente viver duplicado, se repartindo num casal de espíritos amantes que vão, feito passarinhos de vôo baixo, pairando rente ao chão sem tocar nele...

Dora era corpo só. E uma bondade inconsciente. Eu não tinha corpo mas era protetor. E principalmente era o que sabia as coisas. Desta vez amor não se uniu com amizade: o amor foi pra Dora, a amizade pra mim. Natural que o Ellis procedesse dessa forma, sendo um frouxo.

Batizado fatigante. Não paga a pena a gente imaginar que todos somos iguais, besteira! Mamãe, por causa da muita religião, imagina que somos. Inventou de convidar Ellis, mãe e tutti quanti pra comer um doce em nossa casa, vieram. Foi um ridículo oprimente pra nós os superiores, e deprimente pra eles os desinfelizes. Estavam esquerdos, cheios de mãos, não sabendo pegar na xicra. E eu então! Qualquer gesto que a gente faz, pegar no pão, na bolacha, pronto: já é diferente por classe da maneira, igualzinha muitas vezes, com que o pobre pega nessas coisas. Parece lição. A gente fica temendo rebaixar o outro e também já não sabe pegar na xicra mais. Custei pra inventar umas frases engraçadas, depois reparei que não tinham graça nenhuma por causa da Dora se dependurando nelas, não deixando a graça rir. De repente fui-me embora.

Não levou nem semana, o desgraçadinho pegou mirrando mais, mirrando e esticou. Número dois.

Ellis nem pôde tratar do enterro. Não é que estivesse penando muito, mas o caroço tinha dado de crescer no lado esquerdo agora. Na véspera tivera uma vertigem, ninguém sabe por que, junto do

filho morrendo. Foi pra cama com febrão de quarenta-e-um no corpo tremido.

Era a tuberculose galopante que, sem nenhum respeito pelas regras da cidade, estava fazendo cento-e-vinte por hora na raia daquele peito apertado. Quando Ellis soube, virou meu filho duma vez. Mandava contar tudo pra mim. Mas não sei por que delicadeza sublime, por que invenção de amizade, descobriu que não me dou bem com a tísica. O certo é que nunca me mandou pedir pra ir vê-lo. Fui. Fui, também uma vez só, de passagem, falando que estava na hora de ir pro trabalho. Mas não deixei faltar nada pra ele. Nada do que eu podia dar, está claro, leite de vacas magras.

Durou três meses, nem isso, onze semanas em que me parece foi feliz. Sim, porque virara criança, e talvez pela primeira vez na vida, inventava essas pequenas faceirices com que a gente negaceia o amor daqueles por quem se sabe amado. Mantimento, remédios, roupa, tudo minha mãe é que providenciava pra ele, conforme desejo meu. Pois de sopetão vinha um pedido engraçado, que Ellis queria comer sopa da minha casa, que si eu não podia mandar pra ele ãa meia igualzinha àquela que usara no batizado do desgraçadinho, com lista amarela, outra roxa até em cima... Uma feita mandou pedir de emprestado a almofada que eu tinha no meu estúdio e que, ele mandou dizer, até já estava bem velha. É lógico que almofada foi, porém dadinha duma vez.

Da minha parte era tudo agora gestos mecânicos de protetor, meu Deus! como a vida esperada se mecaniza... Não sei... Ellis creio que não, mas eu já fazia muito que estava acostumado a sentir Ellis morto. E aquela espera da morte já pra mim era bem ãa morte longa, um andar na gandaia dentro da morte, que não me dava mais que uma saudade cômoda do passado. Era amigo dele, juro, mas Ellis estava morto, e com a morte não se tem direito de contar na vida viva. Ele, isso eu soube depois, ele sim, estava vivendo essa morte já chegada, numa contemplação sublime do passado, única realidade pra ele. Dora tinha sido uma função. A vida prática não fora sinão comer, dormir, trabalhar. No que se agarraria aquele morto em férias? Em mim, é lógico. Isso eu sube depois... Levava o dia falando no amigo, pensando no amigo. E todas aquelas faceirices de

pedidos e vontadinhas de criança, não passavam de jeitos de se recordar mais objetivamente de mim. De se aproximar de mim, que não ia vê-lo.

Cheguei em casa pra almoçar, a mãe do Ellis viera dizer que ele estava me chamando, não gostei nada. Si agora ele principiava pedindo mais isso, eu que tenho um bruto horror de tísica... Enfim mandei a criada lá, que depois do almoço ia.

Quando cheguei na porta, os uivos da mãe dele me deram a notícia inesperada. Sim, inesperada, porque já estava acostumado a ficar esperando e perdera a noção de que o esperado havia mesmo de vir. Entrei. Estavam uma italianona vermelha de tanto choro por tabela e dois tizius fumando.

– Morreu!

– Ahm, su Beladzarte, tanto que o povero está chamando o sinhore!

– Mas já morreu, é!

– Que esperanza! desde manhãzinha está cham...

– Onde ele está? Um dos tizius.

– Está lá dentro, sim senhor.

Jogou o cigarro e foi mostrando caminho. Segui atrás. Pulei por cima dos uivos saindo duma furna que nunca viu dia, e lá numa sala mais larga, com entrada em arco sem porta dando pro quintal interior, num canto invisível, chorava uma vela, era ali. Ellis vasquejava com as borlas dos caroços dependurados pros lados, medonho de magro. Estava morrendo desde manhã, sempre chamando por mim.

– Mas por que não me avisaram!

Eram não sei quantas vezes que agarravam a vela nas mãos dele já em cruz, pra sempre fantasiadas de morte. De repente soluço parava. O moribundo engulia em seco e pegava me chamando outra vez. Afinal parara de chamar fazia mais de hora. Parece que a coisa estava chegando. Falei baixo, sem querer, me acomodando com o silêncio da morte:

– Ellis... ôh Ellis!

Nada. Só o respiro serrando na madeira seca da garganta. Os outros me olhavam, esperando o bem que eu ia fazer pro coitado.

Até parecia que o importante ali era eu. Insisti, lutando com a amizade da morte, mais uniforme que a minha. Com mentira e tudo, até me parece que eu insistia mais pra vencer a predominância da morte, e aqueles assistentes não me verem perder numa luta. Botei a mão na testa morna de Ellis, havia de me sentir.

– Ellis! sou eu, Ellis!... Sossegue que já cheguei, ouviu! Estou juntinho de você, ouviu!... Ellis!

O soluço parou.

– Pronto! Ansim que está fatchendo desde de manhã, ô povero!... Tira áa vela, Maria!

– Deixe a vela, ôh Ellis!

Ellis abriu as pálpebras, principiou abrindo, parecia que não parava mais de as abrir. Ficaram escancaradas, mas óleo de babosa não vê que escorrendo mais! pupilas fixas, retas, frechando o teto preto. Pus minha cara onde elas me focalizassem.

– Estou aqui, Ellis! Não tenha medo! você está me enxergando, hein!

– Está sim, seu Belazarte. Viu! desde manhã que está de olho fechado. Ele queria muito be... bem o senhor! também... também o senhor tem sido muito bom pro coitado... de meu filho, ai!... aaai! meu filho está morrendo, ahn! ahn! ahn!...

– Ellis! você está precisando de alguma coisa, hein! Eu faço!

A gelatina me recebia sem brilhar. As pálpebras foram cerrando um bocado. Instintivamente apressei a fala, pra que os olhos inda recebessem meu carinho:

– Eu faço tudo pra você! não quero que te falte nada, ouviu bem!

Os olhos se esconderam de todo com muita calma.

– Meu filho morreu! ai, ai!... Aaai!...

Tive um momento de desespero porque Ellis não dava sinal de me sentir. Insisti mais, ajoelhando junto da cama.

– Ora, o que é isso, Ellis!...

– ahan... só falava no senhor, ahn... ontem mesmo disse pra mim, ahan, que, ahn, melhorando cavava um poço... fundo, aain... pra enterrar todos os mi... micróbios pra depois, pedir pra morar, ahn... no porão da casa do senhor... aai!

– Levem ela! não vale a pena ele estar escutando esse choro! Transportaram os uivos. Estaria escutando ainda? Insisti numa esperança exacerbada pela anedota da negra, sem querer, perverso, voz pura, doce de carícia:

– Ellis! você não me responde mesmo!

Abriu um pouco os olhos outra vez. Me via!

...foi tão humilde que nem teve o egoísmo de sustentar contra mim a indiferença da morte. O olhar dele teve uma palpitação franca pra mim. Ellis me obedecia ainda com esse olhar. Fosse por amizade, fosse por servilismo, obedeceu. Isso me fez confundir extraordinariamente com os manejos da vida, a morte dele. Desapareceu mistério, fatalidade, tudo o que havia de grandioso nela. Foi ãa morte familiar. Foi ãa morte nossa, entre amigos, direitinho aquele dia em que resolvemos, meu aniversário passado, ele ir buscar o casamento e a choferagem de ganhar mais.

Cerrava os olhos calmo. Pesei a mão no corpo dele pra que me sentisse bem. Ao menos assim, Ellis ficava seguro de que tinha ao pé dele o amigo que sabia as coisas. Então não o deixaria sofrer. Porque sabia as coisas...

Número três.

VI  PIÁ NÃO SOFRE? SOFRE.
1926 [1934, 1943-1944]

Belazarte me contou:

Você inda está lembrado da Teresinha? aquela uma que assassinou dois homens por tabela, os manos Aldo e Tino, e ficou com dois filhos quando o marido foi pra correição?... Parece que o sacrifício do marido tirou o mau-olhado que ela tinha: foi desinfeliz como nenhuma, porém ninguém mais assassinou por causa dela, ninguém mais penou. Só que o Alfredo lá ficou no palácio chique da Penitenciária, ruminando os vinte anos de prisão que a companheira fatalizada tinha feito ele engulir. Injustiça, amargura, desejo... tantas coisas que muito bucho não sabe digerir com paciência, resultado: o Alfredo teve uma dessas indigestões tamanhas de desespero que ficou dos hóspedes mais incômodos da Penitenciária. Ninguém gostava dele, e o amargoso atravessava o tempo do castigo num areião difícil e sem fim de castiguinhos. Estou perdendo tempo com ele.

A Teresinha sofria, coitada! ainda semiboa no corpo e com a pabulagem de muitos querendo intimidades com ela ao menos por uma noite paga. Recusou, de primeiro pensando no Alfredo gostado, em seguida pensando no Alfredo assassino. Estava já no quasi, porém vinha sempre aquela idéia do Alfredo saindo da correição com uma faca nova pra destripá-la. E a virtude se conservava num susto frio, sem nenhum gosto de existir. Teresinha voltava pra casa com uma raiva desempregada, que logo descarregava na primeira coisa mais frouxa que ela. Enxergava a mãe morrendo em pé por causa da velhice temporã, pondo cinco minutos pra recolher uma ceroula do coaral, pronto: atirava a trouxa de roupa-suja na velha:

– A senhora é capaz que vai dormir com a ceroula na mão! Entrava. Podia-se chamar de casa aquilo! Era um rancho de tropeiro onde ninguém não mora, de tão sujo. Dois aspectos de cadeira, a

mesa, a cama. No assoalho havia mais um colchão, morado pelas baratas que de-noite dançavam na cara da velha o torê natural dos bichinhos desta vida.

No outro quarto ninguém dormia. Ficou feito cozinha dessa família passando muitas vezes dois dias sem fósforo acendido. Porque fósforo aceso quer dizer carvão no fogãozinho portátil e algum desses alimentos de se cozinhar. E muitas vezes não havia alimento de se cozinhar... Mas isso não fazia mal pro dicionário da Teresinha e da mãe, fogareiro não estava ali? E o dicionário delas dera pra aqueles estreitos metros cúbicos de ar mofado o nome estapafúrdio de cozinha.

Nessa espécie de tapera a moça vivia com a mãe e o filhote de sobra. De sobra em todos os sentidos, sim. Sobrava porque afinal amor pra Teresinha, meu Deus! vivendo entre injustiças de toda a sorte, desejando homem pro corpo e não tendo, se esquecendo do Alfredo gostado pelo Alfredo ameaçando e já com morte na consciência... E só tendo na mão consolada pela água pura, ceroulas, calças, meias com mais de sete dias de corpo suado... E além do mais, odiando uns fregueses sempre devendo a semana retrasada... Tudo isso a Teresinha agüentava. E pra tampar duma vez todos os vinhos do amor, inda por cima chegava a peste da sogra amaldiçoada, odiada mas desejada por causa dos dez milréis deixados mensalmente ali. A filha dum cane vinha, emproada porque tinha de seu aí pra uns trinta contos, nem sei, e desbaratava com ela por um nadinha.

Podia ter amor ãa mulher já feita, com trinta anos de seca no prazer, corpo cearense e alma ida-se embora desde muito!... E o Paulino, faziam já quasi quatro anos, dos oito meses de vida até agora, que não sabia o que era calor de peito com seio, dois braços apertando a gente, uma palavra "figliuolo mio" vinda em cima dessa gostosura, e a mesma boca enfim se aproximando da nossa cara, se ajuntando num chupão leve que faz bulha tão doce, beijo de nossa mãe...

Paulino sobrava naquela casa.

E sobrava tanto mais, que o esperto do maninho mais velho, quando viu que tudo ia mesmo por água a baixo, teve um anjo-da-

guarda caridoso que depositou na língua do felizardo o micróbio do tifo. Micróbio foi pra barriguinha dele, agarrou tendo filho e mais filho a milhões por hora, e nem passaram duas noites, havia lá por dentro um footing tal da microbiada marchadeira, que o asfaltinho das tripas se gastou. E o desbatizado foi pro limbo dos pagãos sem culpa. Sobrou Paulino.

É lógico que ele não podia inda saber que estava sobrando assim tanto neste mundo duro, porém sabia muito bem que naquela casa não sobrava nada pra comer. Foi crescendo na fome, a fome era o alimento dele. Sem pôr consciência nos mistérios do corpo, ele acordava assustado. Era o anjo... que anjo-da-guarda! era o anjo da malvadeza que acordava Paulino altas horas pra ele não morrer. O desgraçadinho abria os olhos na escuridão cheirando rúim do quarto, e inda meio que percebia que estava se devorando por dentro. De primeiro ele chorava.

– Stá zito, guaglion!

Que “stá zito” nada! Fome vinha apertando... Paulino se levantava nas pernas de arco, e balanceando chegava afinal junto à cama da mãe. Cama... A cama grande ela vendeu quando esteve uma vez com a corda na garganta por causa do médico pedindo aquilo ou vinte bagarotes pela cura do pé arruinado. Deu os vinte vendendo a cama. Cortou o colchão pelo meio e botou a metade sobre aqueles três caixões. Essa era a cama.

Teresinha acordava da fadiga com a mãozinha do filho batendo na cara dela. Ficava desesperada de raiva. Atirava a mão no escuro, acertasse onde acertasse, nos olhos, na boca-do-estômago, pláa!... Paulino rolava longe com uma vontade legítima de botar a boca no mundo. Porém o corpo lembrava duma feita em que a choradeira fizera o salto do tamanco vir parar mesmo na boca dele, perdia o gosto de berrar. Ficava choramingando tão manso que até embalava o sono da Teresinha. Pequeninho, redondo, encolhido, talqualmente tatuzinho de jardim.

O sofrimento era tanto que acabava desprezando os pinicões da fome, Paulino adormecia de dor. De madrugada, o tempo esfriando acordava o corpo dele outra vez. Meio esquecido, Paulino espantava de se ver dormindo no assoalho, longe do colchão da vó. Estava com

uma dorzinha no ombro, outra dorzinha no joelho, outra dorzinha na testa, direito no lugar encostado no chão. Percebia muito pouco as dorzinhas, por causa da dor guaçu do frio. Engatinhava medroso, porque a escuridão estava já toda animada com as assombrações da aurora, abrindo e fechando o olho das frestas. Espantava as baratas e se aninhava no calor ilusório dos ossos da avó. Não dormia mais.

Afinal, ali pelas seis horas, já familiarizado com a vida por causa dos padeiros, dos leiteiros, dos homens cheios de comidas que passavam lá longe, um calor custoso nascia no corpo de Paulino. Porém a mãe também já estava acordando com as bulhas da vida. Sentada, vibrando com a sensualidade matinal que bota a gente louco de vontade, a Teresinha quase se arrebatava, apertando os braços contra a peitaria, o ventre e tudo, forçando tanto uma perna contra a outra que sentia uma dor nos rins. Nascia nela esse ódio impaciente e sem destino, que vem da muita virtude conservada a custo de muita miséria, virtude que ela mesma estava certa, mais dia menos dia tinha de se acabar. Procurava o tamanco, dando logo o estrilo com a mãe, "si não sabia que não era mais hora de estar na cama", que fosse botar água na tina, etc.

Então Paulino, antes das duas mulheres, abandonava o calor nascente do corpo. Ia já rondar a cozinha porque estava chegando o momento mais feliz da vida dele: o pedaço de pão. E que domingo pra Paulino quando, porque um freguês pagou, porque a sogra apareceu, coisa assim, além do pão, bebiam café com açúcar!... Chupava depressa, queimando a língua e os beicinhos brancos, aquela água quente, sublime de gostosa por causa duma pitadinha de café. E saía comer o pão lá fora.

Na frente da casa não, era lá que ficavam a torneira, as tinas e o coaral. As mulheres estavam fazendo suas lavagens de roupa e era ali na piririca: briga e descompostura o tempo todo. Quem pagava era o reinação do Paulino. Acabava sempre com um pão mal comido e algum cocre de inhapa bem no alto do coco, doendo fino.

Deixou de ir para lá. Abria a porta só encostada da cozinha, descia o degrau, ia correcoendo se rir pra alegria do frio companheiro, por entre os tufo de capim e as primeiras moitas de carrapicho. Esse matinho atrás da casa era a floresta. Ali Paulino curti as penas sem

disfarce. Sentado na terra ou dando com o calcanhar nos olhos dos formigueiros, principiava comendo. De repente quasi caía levantando a perninha, ai! do chão, pra matar a saúva ferrada no tornozelinho de bico. Erguia o pão caído e recomeçava o almoço, achando graça no requetrequê que a areia ficada no pão, ganzava agora nos dentinhos dele.

Mas não esquecia da saúva não. Pão acabado, surgia, distraindo a fome nova, o guerreiro crila. Procurava uma lasca de pau, ia caçar formigas no matinho. Afinal, matinho não muito pequeno porque dava atrás na várzea, e não havia sinão um lembrete de cerca fechando o terreno. Mas nunca Paulino penetrou na várzea que era grande demais pra ele. Lhe bastava aquele matinho gigante, sem planta com nome, onde o sol mais preguiça nunca deixava de entrar.

Graveto em punho lá ia em busca de saúva. As formiguinhas menores, não se importava com elas não. Só arremetia contra saúva. Quando achava uma, perseguia-a paciente, rompendo entre os ramos entrançados dos arbustos, donde muitas vezes voltava com a mão, a perna ardendo por ter relado nalgum mandarová. Trazia a saúva pro largo e levava horas brincando com a desgraçadinha, até a desgraçadinha morrer.

Quando ela morria, o sofrimento recomeçava pra Paulino, era fome. O sol já estava alto, porém Paulino sabia que só depois das fábricas apitarem havia de ter feijão com arroz nos tempos ricos, ou novo pedaço de pão nos tempos felizmente mais raros. Batia uma fome triste nele que outra saúva combatida não conseguia distrair mais. Banzava na desgraça, melancolizado com a repetição do sofrimento cotidiano. Sentava em qualquer coisa, descansando a bochecha na mão, cabeça torcidinha, todo penaroso. Afinal, nalguma sombra rendada, aprendeu a dormir de fome. Adormecia. Sonhava não. As moscas vinham lhe bordando de asas e zumbidos a boquinha aberta, onde um resto de adocicado ficou. Paulino dormindo fecha de repente os beiços caceteados, se mexe, abre um pouco as perninhas encolhidas e mija quente em si.

Sono curto. Acordou muito antes das fábricas apitarem. Mastigou a boca esfomeada, recolheu com a língua os sucos perdidos nos beiços. Requetrequê de areia e uma coisinha meia doce no paladar.

Tirou com a mão pra ver o que era, eram duas moscas. Moscas sim, porém era meio adocicado. Tornou a botar as moscas na língua, chupou o gostinho delas, engoliu.

Foi assim o princípio dum disfarce da fome por meio de todas as coisas engulíveis do matinho. Não tardou muito e virou “papista” como se diz: trocou a caça das saúvas pelos piqueniques de terra molhada. Comer formiga então... Junto dos montinhos dos formigueiros encostava a cara no chão com a língua pronta. Quando formiga aparecia, Paulino largava a língua hábil, grudava nela a formiga, e a esfregando no céu-da-boca sentia um redondinho infinitesimal. Punha o redondinho entre os dentes, trincava e engolia o guspe ilusório. E que ventura si topava com alguma correição! De gatinhas, com o fiofó espiando as nuvens, lambia o chão tamandualmente. Apagava uma carreira viva de formiga em três tempos.

Nessa esperança de matar a fome, Paulino foi descendo a coisas nojentas. Isto é, descendo, não. Era incapaz de pôr jerarquia no nojo, e até o último comestível inventado foi formiga. Porém não posso negar que uma vez até uma barata... Agarrou e foi-se embora mastigando, mais inocente que vós, filhos dos nojos. Porém, compreende-se: eram alimentos que não davam sustância nenhuma. Fábrica apitava e o arroz-com-feijão vinha achar Paulino empanturrado de ilusões, sem fome. Pegou aniquilando, escurecendo que nem dia de inverno.

Teresinha não reparava. O buçal da virtude estava já tão gasto que via-se o momento da moça desembestar livre, vida fora. Foi o tempo em que tapa choveu por todas as partes de Paulino cegamente, caísse onde caísse. Quando ela vinha pra casa já escutava a companhia do Fernandez, carroceiro. Era um mancebo de boa tradição, desempenado, meio lerdo, porém com muita energia. Devia de ter vinte-e-cinco anos, si tinha! e se engraçou pela envelhecida, quem quiser saiba por que. Buçal arrebetou. Quando ele pôde carregar a trouxa pra ela, veio até a casa, entrou que nem visita, e Teresinha ofereceu café e consentimento. A velha, sujando a língua com os palavrões mais incompreensíveis, foi dormir na cozinha com Paulino espantado.

Em todo caso a bóia melhorou, e o barrigudinho conheceu o segredo da macarronada. Só que tinha muito medo do homem. Fernandez fizera uma festinha pra ele na primeira aparição, e quando saiu do quarto de-manhã e beberam café todos juntos, Paulino confiado foi brincar com a perna comprida do homem. Mas tomou com um safanão que o fez andar de orelha murcha um tempo.

É lógico que a sogra havia de saber daquilo, soube e veio. Teresinha muito fingida falou bom-dia pra ela e a mulatona respondeu com duas pedras na mão. Porém agora Teresinha não carecia mais da outra e refricou, assanhada feito irara. Bateboca tremendo! Paulino nem tinha pernas pra abrir o pala dali, porque a velha apontava pra ele, falando “meu neto” que mais “meu neto” sem parada. E mandava que Teresinha agora se arranjasse, porque não estava pra sustentar cachorrice de italiana acueirada com espanhol. Teresinha secundava gritando que espanhol era muito mais melhor que brasileiro, sabe! sua filha de negro! mãe de assassino! Não careço da senhora, sabe! mulata! mulatona! mãe de assassino!

– Mãe de assassino é tu, sua porca! Tu que fez meu filho sê infeliz, maldiçoada do diabo, carcamana porca!

– Saia já daqui, mãe de assassino! A senhora nunca se amolou com seu neto, agora vem com prosa aí! Leve seu neto si quiser!

– Pois levo mesmo! coitadinho do inocente que não sabe a mãe que tem, sua porca! porca!

Suspendeu Paulino esperneando, e lá se foi batendo salto, ajeitando o xale de domingo, por entre as curiosas raras do meidia. Inda virou, aproveitando a assistência, pra mostrar como era boa:

– Escute! Vocês agora, não pago mais aluguel de casa pra ninguém, ouviu! Protegi você porque era mulher de meu filho desgraçado, mas não tou pra dar pouso pra égua, não!

Mas a Teresinha, louca de ódio, já estava olhando em torno pra encontrar um pau, alguma coisa que matasse a mulatona. Esta achou melhor partir duma vez, triunfante ploque ploque.

Paulino ia ondulando por cima daquelas carnes quentes. Chorava assustado, não tendo mais noção da vida, porque a rua nunca vista,

muita gente, aquela mulher estranha e ele sem mãe, sem pão, sem matinho, sem vó... não sabia mais nada! meu Deus! como era desgraçado! Teve um medo pavoroso no corpinho azul. Inda por cima não podia chorar à vontade porque reparara muito bem, a velha tinha um sapatão com salto muito grande, pior que tamanco. Devia de ser tão doído aquele salto batendo no dentinho, rasgando o beijo da gente... E Paulino horrorizado enfiava quasi as mãozinhas na boca, inventando até bem artisticamente a função da surdina.

– Pobre de meu neto!

Com a mão grande e bem quente pegou na cabecinha dele, ajeitando-a no pescoço de borracha. Carregado gostoso naqueles braços bons, com o xale dando inda mais quentura pra gente ser feliz... E a velha olhou pra ele com olhos de piedade confortante... Meu Deus! que seria aquilo tão gostoso!... É assomo de ternura, Paulino. A velha apertou-o no peito abraçando, encostou a cara na dele, e depois deu beijos, beijos, revelando pro piá esse mistério maior.

Paulino quis sossegar. Pela primeira vez na vida o conceito de futuro se alargou até o dia seguinte na idéia dele. Paulino sentiu que estava protegido, e no dia seguinte havia de ter café-com-açúcar na certa. Pois a velha não chegara a boca ajuntada bem na cara dele e não dera aquele chupão que barulhava bom? Dera. E a idéia de Paulino se encompridou até o dia seguinte, imaginando um canecão do tamanho da velha, cheinho de café-com-açúcar. Foi se rir pras duas lágrimas piedosas dela, porém bem no meio da gota apareceu uma botina que foi crescendo, foi crescendo e ficou com um tacão do tamanho da velha. Paulino reprincipiou chorando baixo, que nem nas noites em que o acalanto da manha embalava o sono da Teresinha.

– Ara! também agora basta de chorar! Ande um pouco, vamos!

O salto da botina encompridou enormemente e era a chaminé do outro lado da rua. O pranto de Paulino parou, mas parou engasgado de terror. Chegaram.

Esta era uma casa de verdade. Entrava-se no jardinzinho com flor, que até dava vontade de arrancar as semprevivas todas, e, subida a escadinha, havia uma sala com dois retratos grandes na parede. Um

homem e uma mulher que era a velha. Cadeiras, uma cadeira grande cabendo muita gente nela. Na mesinha do meio um vaso com uma flor cor-de-rosa que nunca murchou. E aquelas toalhinhas brancas nas cadeiras e na mesa, que devia distrair a gente cortando tantas bolotinhas...

O resto da casa assombrou desse mesmo jeito o despatriado. Depois apareceram mais duas moças muito lindas, que sempre viveram de saia azul-marinho e blusa branca. Olharam duras pra ele. Aqueles quatro olhos negros desceram lá do alto e tuque! deram um cocre na alma de Paulino. Ele ficou tonto, sem movimento, grudado no chão.

Daí foi uma discussão terrível. Não sei o que a velha falou, e uma das normalistas respondeu atravessado. A velha asperejou com ela falando no "meu neto". A outra respondeu gritando e uma tormenta de "meu neto" e "seu neto" relampagueou alto sobre a cabeça de Paulino. A história foi piorando. Quando não teve mais agudos pras três vozes subirem, a velha virou um bofete na filha da frente, e a outra fugindo escapou de levar com a colher bem no coco.

A invenção de Paulino não podia ajuntar mais terrores. E o engraçado é que o terror pela primeira vez despertou mais a inteligência dele. O conceito de futuro que fazia pouco atingira até o dia seguinte, se alongou, se alongou até demais, e Paulino percebeu que entre raivas e maus-tratos havia de passar agora o dia seguinte inteiro e o outro dia seguinte e outro, e nunca mais haviam de parar os dias seguintes assim. É lógico: sem ter a soma dos números, mais de três mil anos de dias seguintes sofridos, se ajuntaram no susto do piá.

– Vá erguer aquela colher!

As metades do arco se moveram ninguém sabe como, Paulino levantou a colher do chão que deu pra velha. Ela guardou a colher e foi lá dentro. A varanda ficou vazia. Estava tudo arranjado, e as sombras da tarde rápida entravam apagando as coisas desconhecidas. Só a mesa do centro inda existia nitidamente, riscada de vermelho e branco. Paulino foi se encostar na perna dela. Tremia de medo. Chiava um cheiro gostoso lá dentro, e da sombra da varanda um barulhinho monótono, tique-taque, regulava as

sensações da gente. Paulino sentou no chão. Uma calma grande foi cobrindo o pensamento aniquilado: estava livre do tacão da velha. Ela não era que nem a mãe não. Quando tinha raiva não atirava botina, atirava uma colher levinha, brilhando de prateada. Paulino se encolheu deitado, encostando a cabeça no chão. Estava com um sono enorme de tanto cansaço nos sentimentos. Não havia mais perigo de receber com tamanco no dentinho, a mulatona só atirava aquela colher prateada. E Paulino ignorava se colher doía muito, batendo na gente. Adormeceu bem calmo.

– Levante! que é isso agora! Como esse menino deve ter sofrido, Margot! Olhe a magreira dele!

– Pudera! com a mãe na gandaia, festando dia e noite, você queria o que, então!

– Margot... você sabe bem certo o que quer dizer puta, hein? Eu acho que a gente pode falar que Paulino é filho-da-puta, não?

Se riram.

– Margot!

– Senhora!

– Mande Paulino aqui pra dar comida pra ele!

– Vá lá dentro, menino!

As pernas de arco balançaram mais rápidas. Uma cozinha em que a gente não podia nem se mexer. A velha boa inda puxou o capacho da porta com o pé:

– Sente aí e coma tudo, ouviu!

Era arroz-com-feijão. A carne, Paulino viu com olho comprido ela desaparecer na porta da varanda. Menino de quatro anos não come carne, decerto imaginou a velha, meia em dificuldades sempre com a educação das filhas.

E a vida mudou de misérias pra Paulino, mas continuou a sempre miserável. Bóia melhorou muito e não faltava mais, porém Paulino estava sendo perseguido pelos vícios do matinho. Nunca mais a mulatona teve daqueles assomos de ternura do primeiro dia, era uma dessas cujo mecanismo de vida não difere muito do cumprimento do dever. Aquele beijo fora sincero, mas apenas dentro das convenções da tragédia. Tragédia acabara e com ela a ternura

também. E no entanto ficara muito em Paulino a saudade dos beijos...

Quis se chegar pras moças porém elas tinham raiva dele, e podendo, beliscavam. Assim mesmo a mais moça, que era uma curiosa do apá virado e nunca tirava as notas de Margot na escola, Nininha, é que tomara pra si dar banho no Paulino. Quando chegava no sábado, o pequeno meio espantado e muito com medo de beliscão, sentia as carícias dum rosto lindo em fogo se esfregando no corpinho dele. Acabava sempre aquilo, a menina com uma raiva bruta, vestindo depressa a camisolinha nele, machucando, "fica direito, peste!" pronto: um beliscão que doía tanto, meu Deus!

Paulino descia a escada da cozinha, ia muito jururu pelo corredorzinho que dava no jardim da frente, puxava com esforço o portão sempre encostado, sentava, punha a mão na bochecha, cabecinha torcida pro lado e ficava ali, vendo o mundo passar.

E assim, entre beliscões e palavras duras que ele não entendia nada, "menino fogueto", "filho de assassino", ele também passava feito o mundo: magro escuro terroso, cada vez se aniquilando mais. Mas o que que havia de fazer? Bebia o café e já falavam que fosse comer o pão no quintal sinão, porco! sujava a casa toda. Ia pro quintal, e a terra estava tão úmida, era uma tentação danada! Nem ele punha reparo que era uma tentação porque nenhum cocre, nenhuma colherada, o proibira de comer terra. Treque-trrleque, mastigava um bocadinho, engulia, mastigava outro bocadinho, engulia. E ali pelas dez horas sempre, com a pressa das normalistas assombrando a calma da vida, tinha que assentar naquele capacho pinicando, tinha que engulir aquele feijão-com-arroz num fastio impossível...

– Minha Nossa Senhora, esse menino não come! Ói só com que cara ele olha pra comida! Pra que que tu suja a cara de terra desse jeito, hein, seu porcalhão!

Paulino assustava, e o instinto fazia ele engulir em seco esperando a colherada nunca vinda. Porém desta vez a velha tivera uma iluminação no mecanismo:

– Será que!... Você anda comendo terra, não! Deixe ver!

Puxou Paulino pra porta da cozinha, e com aquelas duas mãos enormes, queimando de quentes:

– Abra a boca, menino!

E arregaçava os beijos dele. Terra nos dentinhos, na gengiva.

– Abra a boca, já falei!

E o dedo escancarava a boquinha terrenta, língua aparecendo até a raiz, todinha da cor do barro. A sova que Paulino levou nem se conta! Principiou com o tapa na boca aberta, que até deu um som engraçado, bóo! e não posso falar como acabou de tanta mistura de cocre beliscão palmadas. E palavreado, que afinal pra criancinha é tabefe também.

Então é que principiou o maior martírio de Paulino. Dentro da casa, nenhuma queria que ele ficasse, tinha mesmo que morar no quintal. Antes do pão porém, já vinha uma sova de ameaças, tão dura, palavra-de-honra: Paulino descia a escadinha completamente abobado, sentindo o mundo bater nele. E agora?... Pão acabou e a terra estava ali toda oferecida chamando. Mas aquelas três beliscadoras não queriam que ele comesse a terra gostosa... Oh tentação pro pobre santantoninho! queria comer e não podia. Podia, mas depois lá vinha de hora em hora o dedão da velha furando a boquinha dele... Como?... Não como?... Fugia da tentação, subia a escadinha, ficava no alto sentado, botando os olhos na parede pra não ver. E a terra sempre chamando ali mesmo, boa, inteirinha dele, cinco degraus fáceis em baixo...

Felizmente não sofreu muito não. Três dias depois, não sei si brincou na porta com os meninos de frente, apareceu tossindo. Tosse aumentou, foi aumentando, e afinal Paulino escutou a velha falar, fula de contrariedade, que era tosse-de-cachorro. Si haviam de levar o menino no médico, em vez, vamos dar pra ele o xarope que dona Emília ensinou. Nem xarope de dona Emília, nem os cinco milréis ficados no boticário mais chué do bairro sararam o coitadinho. Tinha mesmo de esperar a doença, de tanto não encontrando mais sonoridade pra tossir, ir-se embora sozinha.

O coitado nem bem sentia a garganta arranhando, já botava as mãozinhas na cabeça, inquieto muito! engulindo apressado pra ver se passava. Ia procurando parede pra encostar, vinha o acesso.

Babando, olho babando, nariz babando, boca aberta não sabendo fechar mais, babando numa conta. O coitadinho sentava no lugar onde estava, fosse onde fosse porque não caía mesmo. Cadeira girava, mesa girava, cheiro de cozinha girava. Paulino enjoado atordoado, quebrado no corpo todo.

– Coitado. Olhe, vá tossir lá fora, você está sujando todo o chão, vá!

Ele arranjava jeito de criar força no medo, ia. Vinha outro acesso, e Paulino deitava, boca beijando a terra mas agora sem nenhuma vontade de comer nada. Um tempo estirado passava. Paulino sempre na mesma posição. Corpo nem doía mais, de tanto abatimento, cabeça não pensando mais, de tanto choque agüentado. Ficava ali, e a umidade da terra ia piorar a tosse e havia de matar Paulino. Mas afinal aparecia uma forcinha, e vontade de levantar. Vai levantando. Vontade de entrar. Mas podia sujar a casa e vinha o beliscão no peitinho dele. E não valia de nada mesmo, porque mandavam ele pra fora outra vez...

Era de-tarde, e os operários passavam naquela porção de bondes... enfim divertia um bocado pelo menos os olhos ramelosos. Paulino foi sentar no portão da frente. A noite caía agitando vida. Um ventinho poento de abril vinha botar a mão na cara da gente, delicado. O sol se agarrando na crista longe da várzea, manchava de vermelho e verde o espaço fatigado. Os grupos de operários passando ficavam quasi negros contra a luz. Tudo estava muito claro e preto, incompreensível. Os monstros corriam escuros, com moços dependurados nos estribos, badalando uma polvadeira vermelha na calçada. Gente, mais monstros e os cavalões nas bonitas carroças.

Nesse momento a Teresinha passou. Vinha nuns trinquês, só vendo! sapato amarelado e meia roseando uma perna linda mostrada até o joelho. Por cima um vestido azul claro mais lindo que o céu de abril. Por cima a cara da mamãe, que beleza! com aquele cabelo escuro fazendo um birote lúcido, e os bandós azulando de napolitano o moreno afogueado pelas cores de Paris.

Paulino se levantou sem saber, com uma burundanga inexplicável de instintos festivos no corpo, “Mamma!” que ele gritou. Teresinha virou chamada, era o figliuolo. Não sei o que despencou na

consciência dela, correu ajoelhando a sedinha na calçada, e num transporte, machucando bem delicioso até, apertou Paulino contra os peitos cheios. E Teresinha chorou porque afinal das contas ela também era muito infeliz. Fernandez dera o fora nela, e a indecisa tinha moçado duma vez. Vendo Paulino sujo, aniquiladinho, sentiu toda a infelicidade própria, e meia que desacostumou de repente da vida enfeitada que andava levando, chorou.

Só depois é que sofreu pelo filho, horroroso de magro e mais frágil que a virtude. Decerto estava sofrendo com a mulatona da avó... Um segundo matutou levar Paulino consigo. Porém, escondendo de si mesma o pensamento, era incontestável que Paulino havia de ser um trambolho pau nas pândegas. Então olhou a roupinha dele. De fazenda boa não era, mas enfim sempre servia. Agarrou nesse disfarce que apagava a consciência, "meu filho está bem tratado", pra não pensar mais nele nunca mais. Deu um beijo na boquinha molhada de gosma ainda, procurou engulir a lágrima, "figliuolo", não foi possível, apertou muito, beijou muito. Foi-se embora arranjando o vestido.

Paulino de-pezinho, sem um gesto, sem um movimento, viu afinal lá longe o vestido azul desaparecer. Virou o rostinho. Havia um pedaço de papel de embrulho, todo engordurado, rolando engraçado no chão. Dar três passos pra pegá-lo... Nem valia a pena. Sentou de novo no degrau. As cores da tarde iam cinzando mansas. Paulino encostou a bochecha na palminha da mão e meio enxergando, meio escutando, numa indiferença exausta, ficou assim. Até a gosma escorria da boca aberta na mão dele. Depois pingava na camisolinha. Que era escura pra não sujar.

VII  NÍZIA FIGUEIRA, SUA CRIADA.
1925 [1934, 1943-1944]

Belazarte me contou:

Pois eu acho que tem. Você já sabe que sou cristão... Essas coisas de felicidade e infelicidade não têm significado nenhum, si a gente se compara consigo mesmo. Infelicidade é fenômeno de relação, só mesmo a gente olhando pro vizinho é que diz o "atendite et videte". Macaco, olhe seu rabo! isso sim, me parece o cruzamento da filosofia cristã com a precisão de felicidade neste mundo duro. Inda é bom quando a gente inventa a ilusão da vaidade, e, em vez de falar que é mais desinfeliz, fala que é mais feliz... Toquei em rabo, e estou lembrando o caso do elefante, você sabe?... Pois não vê que um dia o elefante topou com uma penuginha de beijaflor caída numa folha, vai, amarrou a penuginha no rabo com uma corda grossa, e principiou todo passeando na serrapilheira da jungla. Uma elefanta mocetona que já estava carecendo de senhor pra cumprir seu destino, viu o bicho tão bonito, mexe pra cá, mexe pra lá, ondulando feito onda quieta, e se engraçou. Falou assim: "Que elefante mais bonito, porca la miséria!" Pois ele virou pra ela encrespado e: "Dobre a língua, sabe! Elefante não senhora! sou beijaflor." E foi-se. Eis aí um tipo que ao menos soube criar felicidade com uma ilusão sarapintada. É ridículo, é, mas que diabo! nem toda a gente consegue a grandeza de se tomar como referência de si mesmo. Quanto a que lhe suceda como com a Nízia, homem! isso estou imaginando que só com ela mesmo... Que Nízia?

...se chamava... não me lembro bem si Ferreira, Figueira... qualquer coisa em "eira", creio que era Nízia Figueira. Essa sim, de família nacional da gema, carijó irumoguara com Figueira ascendente até o século dezessete.

Quando em 1886, tendo vendido o sítio porcaria perto de Pinda, o pai dela veio pra S. Paulo, virou mexeu até que teve coragem de

comprar com o dinheiro guardado esse fiapo de terra baixa, então bem longe da cidade, no hoje bairro da Lapa. Em 88 Nízia com dezesseis anos de mocidade, guardada com olho de Figueira pai sempre em casa, foi com o velho e a criada preta que tinham, morar na chacinha recém-comprada. Figueira pai, nem bem mudou, deu com o rabo na cerca, por causa dum antraz que o panema dum boticário novato imaginou que era furúnculo. Resultado: antraz tomou conta de Figueira que morreu apodrecido. Dores tamanhas, que si tivesse vizinho perto, não podia dormir de tanto gemido que todo o orgulho daquela carne tradicional não podia que não saísse, arrancado do coração meio com bastante vergonha até.

Nízia se via só neste mundo, contando apenas dezessete anos e uma inocência ofensiva, bimbando estupidez, valha a verdade. Só, mais a “prima Rufina”, como ela desde criancinha se acostumara a chamar a criada preta. Prima Rufina tinha vinte e muitos, e era bem enérgica... Plantaram pereira, pessegueiro, uma horta grande. Nízia tricotava, tricotava, fazendo sapatinho, palitozinho, touquinha de lã pros filhos desses homens. Prima Rufina vendia tudo na cidade, couve hoje, pêsego verde pra doce amanhã, trabalhinho de lã todos os dias. Eu sei que chegava muito pra elas viverem e até Nízia guardar um pouco pra velhice.

Prima Rufina saía com o baú na mão, ia na casa dum, na casa doutro, se afreguesou num instante, com tanta lábia... Pêra de presente pra filha de dona Maria, bala-de-açúcar pros filhos de seu Guimarães, saber seu Quitinho como passou: trazia sempre dinheiro para o sustento. Menos o tostão ficado na venda, está claro, em troca de boa pinga de Deus.

Nízia olhava a dinheirama se engrossando, porém não sabia que dinheiro se gasta noutras coisas; e os milréis continuavam empilhados na gavetinha da cômoda. Prima Rufina é que aprendeu a vida... Não contava nada, quieta, preparando a janta, cachimbo no beijo grosso. No entanto bem que aprendeu... Não durou muito, se enrabichou por um canhambora safado que vivia ali mesmo, nas barbas da cidade. O filho-da-mãe abusou dela quanto quis, deixou prima Rufina barriguda e inda por cima desapareceu de repente, levando trinta-e-seis milréis que pedira de emprestado pra ela. Nízia

olhava aquela barriga redondinha que nem arandela, afinal perguntou:

– Uai! nhá Nízia, é doença! estamos trabaia má, barriga empina. A muié de nhô Marconde já me premeteu limão-brabo pra mim, limão-brabo sara eu!

Nízia pensava no antraz do pai e tinha medo.

Barriga, de tanto crescer, teve um dia em que careceu de botar o desgraçadinho pra fora. Prima Rufina veio correndo pra chacra, deixou o baú por aí, nem sabia mais na casa de quem, só portando na venda pra comprar a garrafa de caninha.

– Olha que tu vais por bom caminho, rapariga!

– Cuide de seus negóçu, viu!

Chegou, fechou-se por dentro no quarto, e o filho veio vindo sem que prima Rufina desse um gemido, tal-e-qual os animais do mato. Nízia mandava ela preparar a janta. “Não posso! perpare mecê!” ela roncava apertado. Que seria que tinha sucedido pra prima Rufina!... era o antraz, na certa... Nízia teve mortes, do medo de ficar sozinha.

– Mecê se deite, num s’incomode cum eu!

escutava, quando vinha chamada por aqueles guinchos abalados, que nem choro de criança. Não era choro não, naturalmente prima Rufina que sofria com o antraz... Que havia de fazer? a outra mandava ela deitar, deitou. Perguntou pra escuridão. Não tinha nem guincho mais no outro quarto. Decerto não era nada. Meia inquieta adormeceu.

Prima Rufina quando viu que não tinha mais vida na casa, se levantou. Pinga já estava toda no lugar do tiziu saído e sonhando na capa de xadrez. Carecia de coragem. Pois foi na guarda-comida buscar o espírito-de-vinho e mamou na garrafa mesmo. Enrolou bem a criancinha e saiu, saiu sim! De vez em quando sentava no caminho, suor correndo bica de dor, vista feito vidraça de neblina... Não era madrugada ainda, a preta já não tinha mais filho no braço. Dinheiro? não vê que se esquecera de trazer! primeira venda entreaberta, pronto: entrou. Foi um pifão daqueles. Só dia velho, empurrou a porta da casa, rindo boba, com os olhos derretidos num choro sem querer, cantando o “Nossa gente já tá livre, toca zumba zumba zumba”... Nízia até chorou de susto, pensando que prima

Rufina estava maluca, que maluca nada! era mas era a desgraça, saindo de mistura com bebida.

Prima Rufina ficou doente uns dias. Depois sarou e aprendeu. Quando tinha vontade, ia nas vendas procurando homem disposto. Porém não sei como fazia, sei que nunca mais teve antraz. E foi desde aquela noite que ela pegou chamando Nízia de "mia fia".

Nízia, vinte, vinte-e-um, vinte-e-dois anos, continuava esquecida naquela chacinha sem norte. Não tinha nada de feia, principiou se enfeitando, foi na cidade algumas vezes... Ficava no portão parada, sempre de hora em hora alguém havia de passar... Passava porém mal reparava em Nízia.

Pois até, uma feita, ela foi numa loja concorrida da cidade, se encostou no balcão esperando. Os caixeiros passavam, serviam todo mundo, pois não é que esqueceram de servir Nízia! esqueceram, meu caro! não estou fantasiando não! Então ela chamou um e pediu entremeio.

– Sim, senhora, já trago.

Outro pediu que ele endireitasse a pilha de chita quasi caindo, começou a endireitar, endireitou, não sei quem pediu entremeio pra ele, serviu a outra freguesa e esqueceu Nízia. Ela ficou ali muito serena, esperando. Quando viu que entremeio não vinha mesmo, desolada foi-se embora. E prima Rufina continuou comprando tudo quanto Nízia precisava.

Desejos, não posso dizer que não tivesse desejos, teve. Olhava os homens passando, alguns eram bem simpáticos, havia de ser bom com eles... Mas iam tão distraídos na rua republicana já!... Nízia voltava murcha pra dentro, sempre matutando que havia de ser bom com eles. Porém isso era fogo-de-palha, sapatinho de lã toma atenção sinão a gente erra o número dos pontos. Que-dê tempo pra imaginar nos homens?...

O que cresceu foi a intimidade com prima Rufina, principiaram conversando mais. Nízia inventava curiosidades depois do jantar, ali sentadas na varanda: a filha de nhô Guimarães enfim tinha casado com o moço médico; o caso da mulher que matou o marido na rua Major Quedinho, e assim. Então quando teve aquela dor-de-dente, por causa duns limões verdes que andou chupando e comeram o

esmalte dum canino, prima Rufina fez ela beber um trago importante de cachaça. Nízia quase morreu de angústia, ficou tonta, lançou que foi um horror. Prima Rufina sempre junto dela, consolando, limpando a blusa suja, deitando a bêbeda com tanto carinho... A dor-de-dente passou, isso é que eu sei. E a intimidade entre as duas aumentou muito. Nunca mais Nízia bebeu, mas a outra contava as razões da pinga, e Nízia acabou sabendo as tristezas do nosso mundo.

Teve um momento em que a humanidade pareceu se lembrar dessa apartada, foi com seu Lemos o caso. Seu Lemos era fluminense não sei donde, meio pálido, com bigodinho torcido e cabelo crespo repartido do lado. Vinha pela estrada, sem custo carregando o corpo baixote, saber duas, três vezes por semana o protetor como passou, lá num sítio enorme que ficava mais ou menos onde é o bairro do Anastácio agora. Assim também o graúdo, que já dera pistolão pra ele entrar como carteiro do Correio nem bem chegadinho do Estado do Rio, não se esquecia de arranjar coisa melhor. Homem... será mesmo que seu Lemos queria coisa melhor?... Indivíduo macio, fala rara, não olhando. Sentava, ficava ali uma boa meia-hora, respondendo si perguntavam, que ele ia bem, que mamãe também ia passando bem, que o serviço ia muito bem... tudo ia bem pra seu Lemos! Depois pegava no chapéu, ia-se embora pra casinha, alugada debaixo do viaduto do Chá.

- Sua bênção, mamãe.
- Como vai seu Anastácio?
- Bem.

Comiam. Estou pensando que foi esse Anastácio que decerto deu nome ao bairro, não?... Depois seu Lemos ia palitar o dente na janela baixa. A noite vinha descendo, tapando o Anhangabaú com uma escuridão solitária. Os quintais molhados do vale, botavam uma paininha de névoa sobre o corpo e ficavam bem quietinhos pra esquentar. Era um silêncio!... Poc, pocpoc... Alguém passando no viaduto. Sapo, que era uma quantidade. Luzinha aqui, luzinha ali, mais sapo querendo assustar o silêncio, qual o que! silêncio matava São Paulo cedinho, não eram nem nove horas. Seu Lemos não tinha

mais no que imaginar. Ia direito botar o restico de palito mastigado no lixo, fazia o Nome-do-Padre e caía na cama já dormindo.

A mãe inda ficava rezando, uns pares de horas, pra cada santo esquisito que ela escarafunchava lá de quanta alcova tem o Paraíso. Santo Anastácio mártir; novena de S. Nicolau; oração pra evitar mordedura de cobra; oração pra evitar esbarro-de-estômago; oito Creím-dos-padres pra não pegar fogo na cidade. Acabava rezando a missa das almas do outro mundo, de que ela tinha um bruto dum pavor. Vela também se acabava. Era um despesão de vela naquela casa, porém São Paulo nunca pegou fogo, ninguém não teve esbarro-de-estômago na família, e seu Lemos nunca foi mordido de cobra quando ia na rua do Carmo, rua de Santa Teresa, por ali, entregando carta.

Filho bom ele não era não... Respeitar a mãe, respeitava nisso da gente tomar a bênção, não fumar na frente dela, falar bom-dia, boa-noite, levar ela ver Senhor Morto na noite de Sexta-feira Santa. Mas a pobre que cozinhava, inda lavava e engomava toda a roupa do filho, etc. Nem conversa. Aliás seu Lemos não conversava mesmo com ninguém. E quando a mãe morreu de repente, o que sentiu foi o vazio inquieto de quem nunca lidara com pensão nem lavadeira.

E foi então que, palitando dente na janela, ele afinal principiou reparando naquela moça do portão. No dia seguinte, francamente, foi até lá só pra ver si tinha mesmo moça no portão daquela chacra. Nízia estava lá meia lânguida, mui mansa, não pedindo nada, só por costume duma esquecida que não esperava mais ninguém.

Quando palitou de novo a barulhada dos sapos nesta noite, seu Lemos começou a pensar que ali estava uma moça boa pra casar com ele. Não refletiu, não comparou, não julgou, não resolveu nem nada, seu Lemos pensava por decretos espaçados. Pois um decreto apareceu em letras vagarentas no bestunto dele: "Ali está uma moça boa pra casar com você." Na palitação do dia seguinte, estava escrito na cabeça dele: "Você vai casar com a moça do portão." Então seu Lemos foi visitar o Anastácio e, passando, cumprimentou a moça do portão. Nízia estava já tão esquecida de si mesma que nem se assustou com o cumprimento, respondeu. Seu Lemos, que não via razão pra visita todo dia na chácara do padrinho, passava,

cumprimentava, andava mais meio quilômetro pra disfarçar, ficava por ali dando com o pé na tiririca poeirenta, olhava qualquer pé de agarra-compadre do caminho, voltava, e cumprimentava de novo, rumo do Anhangabaú.

Depois de mê e meio de tanto bate-perna, seu Lemos, palitando, soletrou o decreto novo aparecido de repente na cachola: “Amanhã é domingo pé-de-cachimbo, e você vai pedir a mão da moça da chácara.” Note bem a graça desses decretos: de primeiro só falavam em moça do portão, mas agora vinham falando em moça da chacra, mais útil pra casar.

Ali pelo meio-dia, prima Rufina muito espavorida veio ver quem que estava batendo, era seu Lemos. Prima Rufina quase que dá o suíte no indivíduo, mas enfim dona Nízia havia de saber o que era aquilo. Decerto encomenda...

– Mecê entre!

Seu Lemos não esperou nem dois minutos no copiar, veio Nízia, assim como estava, com o trabalhinho no colo. Ele falou que vinha pedir a mão dela em casamento, ela respondeu que estava bom. Foi lá dentro dizer que prima Rufina preparasse também uns bolinhos pro café e voltou. Entraram na varanda. Nízia continuando o sapatinho principiado.

– Como é a sua graça?

Olhou pra ele espantada, perguntar como era a graça dela... decerto que ela é que não sabia! Seu Lemos esclareceu:

– Me chamo Lemos, José Lemos, seu criado. Queria também saber o nome da senhora.

– Nízia Figueira, sua criada.

– Sim senhora.

Seu Lemos parou de brincar com os dedos em cima das pernas.

– A senhora gosta muito de fazer sapatinho, dona Nízia?

– Já estou muito acostumada.

– Muito bonito esse que a senhora está fazendo, é presente?

– Não senhor, eu vendo.

– Ahn...

– Quantos eu faço, prima Rufina vende nas casas.

– Sei... Quem é prima Rufina?

Seu Lemos recomeçou brincando com os dedos em cima das pernas.

– A preta que recolheu o senhor.

– Ahn... mas ela não é prima da senhora, não?

– É minha criada. Me acostumei chamando ela de prima Rufina desde criança. E ficou.

– Engraçado.

Trinta-e-seis, trinta-e-nove, quarenta-e-oito, pronto, acabava mais uma carreira.

– Está um dia bonito hoje, não?

– Está mesmo.

– Que sol mais claro, não?

– Quem sabe si está incomodando o senhor? eu fecho a janela...

– Não senhora, até nem me incomoda.

Veio o café-com-leite e bolinhos. Tomaram café-com-leite e comeram dois bolinhos cada um. Fazia uma tarde sublime lá fora, claro, claro, com o sol quente jiboando sobre os campos. E por esse instinto de domingo que a natureza parece ter, aquela baixada estava num sossego imenso, tomava um ar de repouso largado, voluptuosamente largado, esparramado no chão. Eles ficaram ali fechados naquela sala-de-jantar, seu Lemos palitava, Nízia tricotava, até que enxergaram os primeiros ruivores passarem longe no horizonte, entardecendo o dia.

– Bom, já vou indo.

Então Nízia percebeu a ventura inconcebível que lhe trazia aquele seu Lemos. Olhou. Viu na frente o bigode e o topete simpático, sorriu pra eles. O vestido de cassa recortava as redondezas do corpo dela, feito como era costume naquele tempo, quasi gordo, mais gordo que magro, peitos enchumaçados, pernas grossas, curtas, mãos parando no meio. Na cara, os olhos castanhos embaçavam o rubor liso que vinha empalidecendo até um queixo feito barrete frígio. Nariz simples, com as narinas quasi grandes, ondulando nas mesmas curvas dos bandós castanhos. A boca sorrindo era pálida, com dentes cerrados e monótonos. Falou um “Já vai” meio pergunta, meio aceitação, duma calma dominical.

– Já vou sim, dona Nízia, são horas. Tive muito prazer em conhecê-la.

Inquietação antiga desmanchou a cara dela:

– E o senhor volta!

– Volto. Não volto sempre porque creio que vou mudar de emprego, trabalho no Correio, é. Meu padrinho parece que vai arranjar qualquer coisa pra mim na Secretaria do Tesouro, mas volto. Passe bem.

Ele entregou-lhe a mão e a vida:

– Passe bem.

Acompanhou-o até o portão. Ficou ali, enquanto ele partiu pelo caminho rúim. Tomando a estrada larga, seu Lemos nem se voltou pra dizer outro adeus. Nízia entrou. Andava meia sem serviço pela casa.

– Essas toalhinhas-de-crochê estão carecendo lavar, prima Rufina.

– Antão num lavei elas na semana retrasada mêmo!

– Mas olhe como estão!

– Num inxergo nada não, porém mecê qué eu lavo! Tou vendo mas é que seu Leme veio atrapaiá tuda a vida nesta casa! Mecê inté parece que nem num sabe adonde assentá! cadera num farta! Sente, fique sussegada que é mió!

– Você não gostou de eu ficar noiva, é?

– Até que gostei bem. Mecê carece dum home nesta casa que lhe proteja mas porém ansim! premero que aparece, vai ficando noiva! nem num sabe si seu Lemes quem é, arre credo! Será que anda de bem cum os puliça! isso é que num posso assigurará pra mecê!

– Como você está braba comigo, prima Rufina! ele é empregado no Correio!

– Isso antão é imprego que se tenha! Gente boa num carece di andá iscrevendo carta não! véve que nem nois mêmo, bem assussegado no seu canto! Mia fia, vassuncê num cunhece nada desse mundo, mundo é mais rúim que bão... Essa história di sê impregado no Correio, num mi parece que seja coisa direita não, infim...

Foram deitar. A felicidade de Nízia fizera dela uma desgraçada. Do passado e esquecimento de dantes não se lembrava, mas o agora é

que fazia ela sofrer. Noivo, seu Lemos achou que não carecia mais de passar todo santo dia pela casa tão longe da noiva, a tarde veio e seu Lemos não veio. Nízia vivia num deslumbramento simultâneo de felicidade e amargura. Que amasse não digo, mas tinha alguém que se lembrava da existência dela. Isso lhe dava um gosto inquieto, gosto de comparação, gosto de mais de um, não sei si explico bem. De repente ficara desgraçada. "Vem amanhã ", murmurou sofrendo de prazer. E repetiu "Vem amanhã " até na quinta-feira.

Seu Lemos chegou não eram bem seis horas, jantado. Entregou pra ela o brochinho de ouro, escrito LEMBRANÇA.

– Muito obrigado, seu Lemos.

– A senhora tem passado bem?

Etc.

Ficou lá até oito, creio. Nízia trabalhando, sob o lampião de querosene, ele assuntando as assombrações do teto. Falavam de vez em quando aquelas frases de companheiro que não esperam resposta, só pra reconhecimento de existência junta, um pouco de Correio, um pouco de trabalhinho de lã. Prima Rufina pitando na cozinha. Seu Lemos afirmou que voltava no domingo e então haviam de combinar o casório.

Não veio no domingo, veio na terça-feira. Que andara muito atrapalhado por causa duma visita que fora obrigado a fazer. Depois tivera de levar uma carta do tal pra um graúdo, estava quasi arranjado o lugar na Secretaria. Trazia aquela meia-dúzia de lencinhos, desculpasse. Nízia foi lá dentro e voltou, feliz duma vez, com o cachênê feito por ela na mão. Seu Lemos agradeceu e achou que estava muito bonito. Estava. Era pardo, todo com listas pretas, barra de lã-com-seda.

Seu Lemos levou uma semana sem aparecer. Só na outra terça-feira estourou na chacrinha, muito afobado, apenas tivera tempo pra arranjar aquelas cravinas, de tão atrapalhado que andava, desculpasse. Saíra a nomeação, e no dia seguinte tomava posse.

– Custou mas enfim!...

– Quem espera sempre alcança.

– É mesmo mas custou. Já ia desanimado.

Seu Lemos estava mais tagarela. Nesse dia sapatinho de lã não entrou na conversa, era só serviço rúm do Correio, serviço bom da Secretaria, ordenado bem melhor, seu Chefe de seção, “me disseram” e outras coisas nessa toada.

Nízia escutando. As palavras caíam dentro dela talqualmente flor de paina, roseando a alma devagar. Foi-se embora mais cedo? Não fazia mal! Nem soube que eram nove horas, que eram dez e muito mais, ficou sozinha no trabalho, sem saber que trabalhava, acabando carreira numa conta, acabando sapatinho, acabando outro sapatinho, escutando. Não tinha nem bulha na noite fora. Os homens estavam dormindo em São Paulo. Nem poeira nem grilo nem vento, que nada! um silêncio de matar gesto do braço. Nízia tricotando sem saber. A luz do lampião mariposava em volta da cabeça dela e, no calor seco da sala, as palavras de seu Lemos se pronunciavam ainda, sonoras de verdade, como afago doce de companheiro. Nízia sofreu que você não imagina. Sofreu aquele sapatinho de lã; sofreu por causa de prima Rufina que estava envelhecendo muito depressa; sofreu aqueles vestidos de cassa eternamente os mesmos, carecia fazer outros; as toalhinhas de crochê não ficaram bem lavadas; ela era um poucadinho bem mais gorda que seu Lemos; também prima Rufina nunca trouxera uns pés de cravina pra plantar no jardim! flor tão bonita...

Todas essas infelicidades que nunca sentira, e que doem tanto pra quem não pode ter outras: era a voz de seu Lemos que trazia, pondo como espelho diante dela o corpo do companheiro. Foi pro quarto e pela primeira vez depois do antraz da preta, não dormiu logo. Pensar não pensou, era também do gênero dos decretos. Como decreto não vinha, ficou espalhada na escuridão, sentindo apenas que vivia, feliz, encostada na vida do companheiro.

Seu Lemos levou duas semanas sem aparecer.

– Puis é! si mecê já tivesse priguntado pra ele adonde que ele mora, eu ia inté lá sabê si é duença...

Numa quarta-feira seu Lemos apareceu. Vinha com barba por fazer e de mãos vazias, puxa! que serviceira! estava arrependido. Depois, tanta responsabilidade!... Entregar carta, a gente entrega e pronto, agora? escreve número aqui, escreve número noutra parte, e

não se pode errar porque livro de Secretaria não é coisa que a gente ande rabiscando nem raspando. Depois: ainda não estava bem enfronhado do serviço que barafunda! nunca imaginei que fosse tão difícil!...

O engraçado é que ali mesmo, diante de Nízia, sem se lembrar dela, seu Lemos estava lendo os decretos da cabeça. E não pense que lia todos em voz alta que nem estou fazendo, não! Parava de falar às vezes, e lia só consigo. E que diferença agora a cabeça de seu Lemos! Antigamente era um vazio grande sem nada, só de três em cinco palitões um decretinho curto. Agora? era ver página do *Correio Paulistano* "que barafunda!", como ele dizia... Foi-se embora remoendo decreto sem parada.

Nízia ficou na porta, metade do corpo na noite, metade dentro de casa, partida pelo meio. Bem sentiu que seu Lemos, coitado! não era por querer, porém, estava escapando dela. Voltou pra dentro, e custava se lembrar do que seu Lemos falara. Quis sossegar-se, coitado! tanta ocupação... Sossegou-se, mas num sossego sozinho, de morte e de desagregação. Quando ficou bem só, não sofreu mais, dormiu.

Seu Lemos só apareceu vinte dias depois, vinha magro, passando. Viu Nízia no portão, parou pra saudar. Tinha que ir ver o protetor, por causa duma embrulhada que sucedera lá na repartição. Ela meia que ficou até espantada com a figura do estrangeiro. Teve uma dor horrível.

– Na volta o senhor entra sempre, seu Lemos?

– Pra falar verdade, dona Nízia, não sei si posso parar, si puder, paro. Mas não se incomode por minha causa não. Passe bem.

– Passe bem.

Seu Lemos tinha revivido nela uma infelicidade pesada. Mas não desejou que seu Lemos não voltasse, como seria melhor pra ela e foi. Seu Lemos não voltou. Padrinho deu o estrilo com ele por causa da tal encrenca, seu Lemos zangou com o padrinho, seu Lemos saiu da Secretaria, seu Lemos banzou sem decretos uma porção de dias, seu Lemos arranjou emprego numa loja de fazendas... O coitado não queria riqueza, queria era sossego... Arranjou ãa mulata gorda pra cozinhar, dormiu uma noite no quarto da Sebastiana e depois todas

as noites a Sebastiana no quarto dele, que era mais espaçoso. Sebastiana cozinhava, porém não era cozinheira mais: dona-de-casa, sempre querendo chinela nova no pé cor-de-sapota.

Nízia... Teve um homem que veio morar bem perto da chacinha dela. Não durou muito uma família vizinou com o tal. E aos poucos foi se fazendo a rua Guaicurus, foi se fazendo mais um bairro desta cidade ilustre. Uns se davam com os outros; uns não se davam com os outros; ninguém não se dava com Nízia; prima Rufina se dava com todos. Nízia serenamente continuava esquecida do mundo.

Deu mas foi pra beber. Banzando pela casa, quis matar uma barata e encontrou debaixo da cama de prima Rufina a garrafa que servia pra de-noite. Roubou um pouco por curiosidade. Muito pouquinho, com vergonha da outra. A primeira sensação é rúm, porém o calor que vem depois é bom.

Não levou nem mês, prima Rufina percebeu. Não falou nada, só que trouxe um garrafão de pinga, e principiaram bebendo juntas, cada mona!... Não digo que fosse todo dia, pelo contrário. Nízia trabalhava, prima Rufina vendia, sempre as mesmas. Trintonas, quarentonas, isto é, prima Rufina, sempre muito mais velha que a outra. Dera pra envelhecer rápido, essa sim, uma coitada que não o mundo porém a vida esquecera, quasi senil, arrastando corpo sofrido, cada nó destamanho no tornozelo, por causa do artrismo. Quando a dor era demais, lá vinha o garrafão pesado:

– Mecê também qué, mia fia?

– Me dá um bocadinho pra esquentar.

– Puis é, mia fia, beba mêmo! Mundo tá rúm, cachaça dexa mundo bunito pra nós.

Era dia de bebedeira. Prima Rufina dava pra falar e chorar alto. Nízia bebia devagar, serenamente. Não perdia a calma, nem os traços se descompunham. A boca ficava mais aberta um pouco, e vinha uma filigrana vermelha debruar a fímbria das narinas e dos olhos embaçados. Punha a mão na cabeça e o bandó do lado esquerdo se arrepiava. Ficava na cadeira, meia recurvada, com as mãos nos joelhos, balanceando o corpo instável, olhar fixo numa visão fora do mundo. Prima Rufina, se encostando em quanta parede achava, dando embigada nos móveis, puxava Nízia. Nízia se

erguia, agarrava o garrafão em meio, e as duas, se encostando uma na outra, iam pro quarto.

Prima Rufina quase que deixou cair a companheira. Rolou na cama, boba duma vez, chorando, perna pendente, um dos pés, arrastando no assoalho. Nízia sentava no chão e recostava a cabeça na perna de prima Rufina. Bebia. Dava de beber pra outra. Prima Rufina punha a mão sem tato na cabeça de Nízia e consolava a serena:

– É isso mêmo, mia fia... num chore mais não! A gente toma pifão, pifão dá gosto e bota desgraça pra fora... Mecê pensa que pifão num é bom... é bão sim! pifão... pifãozinho... pra esquentá desgraça desse mundo duro... O fio de mecê, num sei que-dele ele não. Fio de mecê deve de andá pur aí, rapaiz, dicerto home feito... Dicerto mecê já isbarrô cum ele, mecê num cunheceu seu fio, seu fio num cunheceu mecê... Num chore mais ansim não!... Pifão faiz mecê esquecê seu fio, pifão... pifão... pifãozinho...

Nízia piscava olhos secos, embaçados, entredormindo. Escorregava. Ia babar num beijo mole sobre o pezão de prima Rufina. Esta queria passar a mão na outra pra consolar, vinha até a borda da cama e caía sobre Nízia, as duas se misturando num corpo só. Garrafão, largado, rolava um pouco, parava no meio do quarto. Prima Rufina inda se mexia, incomodando Nízia. Acabava se aconchegando entre as pernas desta e fazendo daquela barriga estufada um cabeceiro cômodo. Falava “pifão” não sei quantas vezes e dormia. Dormia com o corpo todo, engruvinhado de tanta vida que passara nele, gasta, olhos entreabertos, chorando.

Nízia ficava piscando, piscando devagar, mansamente. Que calma no quarto sem voz, na casa... Que calma na terra inexistente pra ela... Piscava mais. Os cabelos meio soltos se confundiam com o assoalho na escuridão da noitinha. Mas inda restava bastante luz na terra, pra riscar sobre o chão aquele rosto claro. Muito sereno, um reflexo leve de baba no queixo, rubor mais acentuado na face conservada, sem uma ruga, bonita. Os beijos entreabriam pro suspiro de sono sair. Adormecida calma, sem nenhum sonho e sem gestos.

Nízia era muito feliz.

BELAZARTE
BEM MAIS QUE MODERNISTA

Tatiana Longo Figueiredo

“Belazarte me contou:”. Dois pontos, parágrafo.

Este bordão enseja o discurso de Belazarte nos sete contos do livro. A personagem surge em 1923, nas Crônicas de Malazarte, série de dez textos publicada por Mário de Andrade na revista carioca *América Brasileira*:

Malazarte e Belazarte, que darão a modalidade destas crônicas, são amigos íntimos. Nada há porém mais discordante que estes senhores. Malazarte é irônico. Brincalhão e ilusionista. Cabotino também, por que não? Belazarte é rabugento. Tristonho e realista. Sentimental às vezes, por que não? Ambos terrestremente brasileiros. Tão diversos e tão braços-dados! Assim é. Só numa coisa eles se igualam: é na mentira. Nela ambos são geniais. Malazarte corre mundo e conta o que não vê, Belazarte olha em torno da taba e conta o que julga ver.²⁵

Na série que começa em outubro de 1923, o quinto e o décimo textos interrompem a seqüência das crônicas que tomam aspectos da vida dos modernistas. São ali classificados “intermédios”. Em fevereiro do ano seguinte sai O besouro e a Rosa e, em julho, Caim, Caim e o resto. O rótulo leva-nos, de imediato, à sensibilidade e ao conhecimento musical de Mário de Andrade que, sabidamente, reverberam na transdisciplinaridade, na criação do poeta e do ficcionista. Na produção do poeta, antes da publicação destas duas narrativas de Belazarte, destaca-se o Noturno de *Paulicéia desvairada*, no qual a intensidade da noite se espria como nas composições homônimas de Chopin. No mesmo livro de 1922, o oratório profano As enfibraturas do Ipiranga subverte o cânon religioso na peça que dramatiza a luta modernista, e traz indicações musicais detalhadas para subsidiar a execução.

Nessa vertente, situa-se a classificação “intermédio”, composição avulsa, musical ou teatral, utilizada como intervalo, entre meio de uma obra maior. Nas Crônicas de Malazarte, os dois contos-intermédios introduzem o ficcionista moderno. Nestes, e nos outros contos atribuídos a Belazarte e firmados como tal pelo autor²⁶, o monólogo conta com um ouvinte único, Mário de Andrade, aludido em Menina de olho no fundo: “Você é músico, e do conservatório grande lá da avenida São João, por isso há-de se divertir com o caso...” Belazarte conta “casos” que não se restringem a um acontecimento datado, sujeito ao testemunho, uma vez que suas histórias atingem questões humanas muito mais amplas.²⁷

Belazarte, solidário, recolhe situações do arrabalde paulistano que o tocam em profundidade. Não habita o mesmo espaço dessas histórias, “fielmente” gravadas pelo autor que as transfigura na prosa de ficção culta, montada, por artifício, na oralidade. Situados em bairros na época bem afastados do centro da cidade – como Lapa e Brás – os contos colocam em cena brasileiros e imigrantes – sobretudo os italianos –, homens e mulheres, trabalhadores e marginais.

A condição de Belazarte, intelectual de classe média, enquanto narrador, personagem e *alter ego* de Mário de Andrade, acentua-se no conto Túmulo, túmulo, túmulo, anunciado como “caso” – “Caso triste foi o que sucedeu lá em casa mesmo...” A classificação, logo na segunda linha do texto, ao aproximar o conto do caso, descobre o recurso para reforçar a coerência da personagem e da trama que incorpora marcas da autobiografia do escritor e o projeto lingüístico modernista por ele articulado no decênio de 1920. Marcas que o desdobram na personagem de ficção, Belazarte. Este, como seu criador, é um dândi que vive com a mãe, “dona Mariquinha”, em um sobrado próximo ao centro; acata a etiqueta à mesa e teve recursos para contratar alguém especialmente para servi-lo. No período consagrado à escritura dos sete contos, no primeiro tempo do modernismo, Belazarte expressa-se na língua portuguesa falada no Brasil, isto é, dentro da construção literária que absorve a pesquisa realizada pelo contista. Chega a radicalizar no desprezo a regras da

gramática, do mesmo modo que o fazem o narrador em *Amar, verbo intransitivo*, ou o rapsodo em *Macunaíma*, livros publicados em 1927 e 1928. Ao lhe garantir voz, os contos asseguram o pleno ingresso de solecismos, barbarismos e gíria na esfera culta. Porém, a ficção que se debruça sobre os sonhos e as desventuras de Ellis – criado negro e pobre, ironicamente dono de um nome de inglês²⁸ –, e sobre a filantropia do patrão dele, “seu Belazarte”, vai bem mais longe. Ultrapassa a denúncia da servidão dos pobres, sobretudo dos negros, na sociedade brasileira, ao desnudar a servidão do homem no mundo dividido em classes e castas: “foi tão humilde que nem teve o egoísmo de sustentar contra mim a indiferença da morte. [...] Ellis me obedecia ainda com esse olhar. Fosse por amizade, fosse por servilismo, obedeceu.” Túmulo, túmulo, túmulo alcança, igualmente, a sombra da culpa no esforço solidário de todos nós.

Belazarte narrador transpõe, portanto, histórias ou casos do cotidiano. Na ânsia de participar, dá azo, por vezes, à própria imaginação, para, logo em seguida, desmentindo-se metalingüisticamente, buscar a confiança do ouvinte/leitor através de afirmações como: “Isto é... João não viu nada disso, estou fantasiando a história.” (O besouro e a Rosa), ou “Porém coisa que não vi, não juro. E falo sempre que não sei.” (Jaburu malandro). A força e a coerência na construção de Belazarte provocam, no contista, cogitações a respeito da autonomia desta sua personagem, conforme se lê na carta a Carlos Drummond de Andrade, em 23 de novembro de 1926:

Eu estou achando que o defeito de certas histórias de *Belazarte* é que estão um pouco pesadonas de tão compridas porém contra isso não posso nada. É estilo de Belazarte e não meu. Por mais que considere artisticamente esses casos não posso diminuí-los! Não são meus e palavra que não estou fazendo blague. São de Belazarte figura imodificável.²⁹

Esta formulação surpreende o amigo poeta que a contesta em 7 de fevereiro de 1927: “é estilo de Belazarte e não meu’. Ora, sebo, seu Mário, então isso é coisa que se diga? Quem escreve os contos

de Belazarte é você ou é Belazarte?”³⁰ A questão será respondida três anos mais tarde em um Prefácio,³¹ nunca publicado:

Se o livro fosse apenas meu, não deixava ele sair como sai. Mudava-lhe inteirinha a dicção. Mas é de Belazarte em principal, não meu. E solilóquio, justifica-se que fale como o livro está.

Há os que acham que a gente pode modificar à vontade os calungas que inventa. Começo por não aceitar a “invenção” dos calungas. São o que são mais por eles que por nós. Possuem evidência tão sensível que mudar-lhes um gesto ou maneira-de-ser é tornar-se hipócrita pra com uma realidade que se torna hipócrita. Não faço. Aliás basta freqüentar um bocado estas páginas pra ver que Belazarte não sou eu. Terá muito de mim como filho, é verdade, mas tem imensas variações de estranhos cromossomos. Se não respeito os cromossomos, reconheço que são mais poderosos que eu. Da mesma forma com que desprezando a Medicina, sempre achei irrecusável uma operação de apendicite. Por isso tudo Belazarte existe e estes “meus” contos ele é que os contou.

Na defesa da livre movimentação da personagem, retomada em carta ao jovem escritor Fernando Sabino, em 22 de setembro de 1943, Mário de Andrade reconhece o paradoxo em que se encaixa Belazarte, seu *alter ego*, ao mesmo tempo em que compreende a impossibilidade de regressar a propostas abandonadas:

[...] quando a gente sai do espírito dum livro, é muito difícil, senão impossível a gente se reconduzir a esse espírito. Tenho um caso quase dramático na minha vida que são dois assuntos de contos concebidos por Belazarte que, o tempo foi passando, o espírito de Belazarte se acabou em mim e os contos ficaram por fazer. Pois V. sabe uma coisa estranha? Está claro que me seria impossível hoje escrever como Belazarte em 1923 a 26, mas os assuntos existem, são, imagino, excelentes. Mas me é impossível os apresentar no meu espírito atual. São contos, são assuntos que só a Belazarte era possível aproveitar!³²

Pode-se considerar que o poeta de *Eu sou trezentos...* (1929) acolhia o Belazarte de seu passado modernista dentro da multiplicação de seu ser, como uma espécie de heterônimo.³³

Na esteira da crítica

Belazarte chega às livrarias, no início de 1934, em tiragem paga pelo autor na gráfica da editora Piratininga. A dedicatória impressa homenageia Antônio de Alcântara Machado que, em 1927, nos contos de *Brás, Bexiga e Barra Funda*³⁴ escolheu recorte social semelhante. Em 19 de junho deste último ano, na resenha do livro, Mário de Andrade assim se manifestara:

A.M. produziu obra universalmente humana. [...] O livro são contos passados em São Paulo, trata de um fenômeno étnico que está se dando também em São Paulo e aproveita o patuá peculiar a certa gente de São Paulo, não tem dúvida. [...] O artista que representa a naturalidade objetiva fica muito aquém da realidade subjetiva, única que importa em ficção. A.M. atinge essa realidade subjetiva com uma pontaria sóbria mas certa. Os tipos dele são totais e encostam de verdade na gente.³⁵

Vale lembrar que, em 1927, dentre os contos que estarão em *Belazarte*, *O besouro* e *a Rosa*, assim como *Caim*, *Caim* e o resto já haviam sido publicados e que, conforme o autor, a criação dos outros já ocorrera – *Jaburu malandro*, em 1924, *Menina de olho no fundo* e *Nízia figueira, sua criada.*, em 1925 e *Túmulos, túmulos, túmulos e Piá não sofre? Sofre.*, em 1926. Além disso, é preciso dizer que a análise de Mário, abrange também, de forma velada, as histórias de *Belazarte*. Invertendo-se as iniciais no artigo, “A.M.” (Alcântara Machado), pode-se imaginar que o crítico refletia sobre proposta comum a *Belazarte* e *Brás, Bexiga e Barra Funda*.

Belazarte conta, de imediato, com entusiástica recepção no meio intelectual paulistano. Em 1993, Décio de Almeida Prado, nas comemorações dos 100 anos do nascimento de Mário de Andrade, recorda que, em 1935, ao ingressar nesse meio, o livro que “mais via ser elogiado era o *Contos de Belazarte* [...] e sobretudo um conto, *Piá não sofre? Sofre.*, aplaudido por unanimidade”.³⁶

Os jornais confirmam. Sérgio Milliet, n’*A Platéia*, em 23 de abril de 1934, ressalta a maestria do contista:

E contou alegre ou triste, ao acaso dos casos ocorridos, como acontece na vida, sem prefácios sabidos, sem declarações morais ou ensinamentos de qualquer ordem... [...] *Belazarte* é a cristalização do prosador. Não no sentido Maupassant de arte perfeita, com preocupações construtivas de forma, com tendência para monumento, mas de expressão simples, lapidada, sem falhas nem sobras, de uma emoção forte.³⁷

Plínio Barreto, em 26 de maio do mesmo ano, no rodapé Livros Novos, por ele mantido n' *O Estado de S. Paulo*, acentua em *Belazarte* a capacidade de captar a "curiosa mescla de destroços humanos de várias partes que é a plebe dos nossos bairros, espécie de feijoada social em que há de tudo e para todos os paladares". Entende o alcance maior da arte renovadora do artista que "faz prodígios para dar ao leitor a sensação do verdadeiro, do vivido. E dá. Ninguém lê qualquer dos seus contos sem encontrar, mesmo nas situações extravagantes em que a sua fantasia se recreia, gente de carne e osso como a natureza a modelou e a sociedade a desarticulou".

Conforme analisa Agripino Grieco, *Belazarte* passa facilmente do "sarcasmo à ternura"³⁸ e traz

notações irônicas, em que se sente o sorriso do encenador [...]. Se alguém é fascista e anti-clerical, é porque leu no *Fanfulla*. Até a sereia do carro que leva os criminosos para a cadeia em São Paulo não omite uma "fermata" de efeito como no "Addio" dos tenores. Os olhos de um "tiziú" "adoçavam tudo que nem verso de Rilke".³⁹

Em 1944, quando a segunda edição de *Belazarte* sai no Rio de Janeiro, a acolhida é prejudicada, pois o autor, diante da quantidade de erros impingidos ao livro, desentende-se com a Americ-Edit, faz suspender a venda e, logo depois, em fevereiro de 1945, morre. Não acompanha, portanto, a nova publicação, em suas Obras Completas, contratadas com a Livraria Martins Editora. O falecimento de Mário suscita um sem número de depoimentos e artigos focalizando a importância do escritor. Em 21 de junho de 1945, Wilson Martins

escreve para a *Folha da Manhã*, de São Paulo, Memória sobre Belazarte. Centraliza o elogio fúnebre na análise de *Belazarte*:

Reputo *Belazarte* uma das obras fundamentais para a compreensão de Mário de Andrade. Não só para compreendê-lo como para “descobri-lo”, pois um leitor inteligente, caminhando pela mão de Belazarte, não terá dificuldades em estabelecer os pontos essenciais do pensamento, da estética, das tendências humanas e literárias, da filosofia, enfim, desse vulto supremo da inteligência brasileira, que, desaparecendo, deixa um vácuo enorme em nossos corações e rouba um pedaço incalculável do futuro do Brasil.

E tem razão o crítico; em *Belazarte* o narrador, que vai fundo nas histórias, consegue transpor, artisticamente, a visão aguda de quem o inventou, como assinala Telê Ancona Lopez, em Um contista bem contado:

Inclinado sobre os desvalidos da sorte, [...] movido pelo sentimento fraterno do cristão, pela solidariedade e crítica das estruturas sociais, conhecidas no expressionismo alemão. O humilde, o periférico, as vidas fora do brilho da metrópole, minguadas e mediócras, o operário, a mulher, o imigrante, o pária – firmam o conto urbano.⁴⁰

Bem mais que modernista

Belazarte espelha, sem psicologismo barato, a angústia do homem; denuncia, sem panfleto, as contradições da sociedade. À trama de cada conto prende-se a intensidade e mesmo o mistério de sentimentos e paixões humanas, fazendo com que as personagens transcendam situações datadas. Paralelamente, a ausência de perspectiva das vidas entregues à pobreza e à mediocridade, na São Paulo da década de 1920, continua no Brasil e em parcelas do mundo no século XXI. Desta forma, *Belazarte* sobrepuja o modernismo em que surgiu, ao mesmo tempo em que comunga a literatura de circunstância, voltada para o aqui e agora, um dos pontos-chave no projeto modernista andradiano. Em *Paulicéia desvairada*, por exemplo, está a paródia do Hino Nacional e ouve-se

o pregão “Batat’assat’ô furrn!”, respectivamente em O domador e Noturno; em *Belazarte*, Jaburu malandro capta esse exato pregão ao qual soma o anúncio na rua – “Nugá! nugá! nugá!...”. No livro de 1922, o futebol vibra na menção a clubes e aos craques Mário Andrada (o “xará maravilhoso” do poeta), Bianco, Bartô e Friedenreich; em Caim, Caim e o resto, os irmãos Aldo e Tino torcem pelo Palestra (Palmeiras), e divergem a respeito da competência de Bianco e Amílcar. Em *Losango cáqui*, de 1926, o poema XL incorpora, através da colagem, os versos e o papelzinho, brinde da bala-de-estralo; em Jaburu malandro o volante do circo ganha reprodução fac-similar, pretensioso na ortografia pejada de erros.

O falar de Belazarte

Como salienta Tasso da Silveira na revista carioca *Festa*, em outubro de 1934: “a língua é o grande segredo de Mário de Andrade. Todo o frescor de vida que ele cria vem por esse canal.” Certamente. É por ele que o ficcionista transpõe aspectos do falar de brasileiros e imigrantes, pobres e remediados. “*Belazarte* é estilo falado e não, escrito”, evidencia Mário em carta ao amigo Bandeira, de 20 de abril de 1942.⁴¹

No artigo já citado, Memória sobre Belazarte, Wilson Martins pontua: “Havia no criador de Belazarte a preocupação de estreitar cada vez mais as ligações entre a língua falada e a língua escrita, até torná-las, se possível, uma única manifestação da vida humana no campo das relações.”

Preocupado com a sonoridade do texto, o escritor utiliza soluções de cunho lingüístico já empregadas em *Macunaíma*, tais como a intensidade verbal “correcorrendo” (Piá não sofre? Sofre.), ou a locução verbal “vinha vindo” (O besouro e a Rosa), também trabalhada na duplicação “vinham vindo, vinham vindo” (Jaburu malandro).

A mesma preocupação consolida, n’*Os contos de Belazarte*, o uso da onomatopéia, um dos recursos do contador de casos para prender a atenção do ouvinte. Ou concretizar, perante o leitor, através do som, determinadas cenas: em “Zzz, zzz,

zzzuuuuummmm, pá ", a entrada triunfal do besouro; no "Trrrrrrrr..." do rufar do tambor, o número do Homem Cobra; em "tlim... tlrintintim", a passagem do padeiro pela rua, e várias outras.

O experimentalismo e a pesquisa, que estribam a proposta lingüística no projeto literário dos contos, são explicitados por Mário de Andrade, quando Souza da Silveira, em carta de 26 de dezembro de 1934, em meio a fartos elogios, aponta incoerências na construção sintática, sobretudo no que tange à colocação pronominal. A resposta ao filólogo em 15 de fevereiro de 1935, ao valorizar os meneios sintáticos praticados, firma uma posição:

[...] minha linguagem não é popular, nem mesmo popularesca. É uma linguagem literária, artificial, e que portanto, poderia chegar a ilações, a generalizações de fenômenos particulares. Por outro lado, estas generalizações não implicam obrigação absurda de sempre escrever do mesmo jeito. [...] Uma das riquezas admiráveis do português [...] é a extrema riqueza sintática, que faz de tantos dos nossos escritores, estilistas.⁴²

Era uma vez...

As narrativas de Belazarte, como as conversas de subúrbio, retomam personagens como quem amarra os capítulos de uma novela. Carmela, personagem secundária em *O besouro* e a Rosa, torna-se protagonista em *Jaburu malandro*, onde reaparece João, o enamorado de Rosa, para ser novamente desiludido. Teresinha que acaba viúva de marido vivo, em *Caim, Caim e o resto*, ressurgem em *Piá não sofre? Sofre*. Invertendo a lógica dos contos de fada cujo final afiança que os protagonistas "viveram felizes para sempre", as mulheres, n' *Os contos de Belazarte*, Rosa, Carmela, Teresinha, cada qual "foi/era muito infeliz"; as outras foram falsamente felizes. No "Prefácio" abandonado, Mário de Andrade diverge de seu *alter ego* – Belazarte "não sabe conceber o que seja a felicidade. Quando a busca não acha ou a supõe nos bêbados. É uma limitação amarga e insuportável".

²⁵ Trecho da primeira crônica, na *América Brasileira*, Rio de Janeiro, out. 1923.

26 As edições dos contos, durante a vida de Mário de Andrade, são focalizadas por Aline Nogueira Marques, em Uma história que Belazarte não contou, estudo de abertura da presente edição de *Os contos de Belazarte*.

27 Foi aqui considerada a teorização de Jolles a respeito do caso, como uma das formas da narrativa oral. JOLLES, André. *As formas simples*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 145-166.

28 O nome de batismo de Ellis traz à lembrança o do pernóstico Jimmy, retratado na crônica Romances de aventura, no *Diário Nacional* de 16 de abril de 1929 (V. ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas* no Diário Nacional. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, p. 85-87 e IDEM. *Os filhos da Candinha*. Edição anotada de João Francisco Franklin Gonçalves. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 76-78).

29 ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos & Mário: correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*. Organização: Lélia Coelho Frota; apresentação e notas às cartas de Mário de Andrade: Carlos Drummond de Andrade; apresentação e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade: Silvano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002, p. 262.

30 Ibidem, p. 269.

31 Mário de Andrade tinha por hábito escrever prefácios, no desejo de esmiuçar os projetos que norteavam sua criação de artista.

32 ANDRADE, Mário de. *Cartas a um jovem escritor*. Rio de Janeiro: Record, 1993, p. 83-84.

33 IDEM. *Remate de Males*. São Paulo: Ed. do Autor no Estabelecimento Gráfico Eugenio Cupolo, 1930, p. 7-8.

34 Na biblioteca de Mário de Andrade, está o exemplar com a dedicatória que evidencia, por parte do autor, a leitura, em 1923, dos contos/intermédios nas Crônicas de Malazarte, na *América Brasileira*: "Para Mario de Andrade/– grande poeta do Brás/ e do resto –, este livro de poesia of. o/ Alcântara/ –março 927 ". Como se vê, Alcântara Machado une, na paródia, seu próprio título a Caim, Caim e o resto.

35 ANDRADE, Mário de. Alcântara Machado. *A Manhã*. São Paulo, 19 de junho de 1927. Artigo republicado em MACHADO, Antônio de Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra Funda*: notícias de São Paulo. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 1982. (Reprodução fac-similar da ed. de 1927, acompanhada, em v. separado, por comentários e notas de Cecília de Lara, p. 105-107).

36 *Eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta*. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 96.

[37](#) MILLIET, Sérgio. Belazarte. *A Platéia*. São Paulo, 23 abr. 1934, p. 18-19. Artigo recolhido por Diléa Zanotto Manfio em pesquisa sobre a crítica de Mário de Andrade.

[38](#) GRIECO, Agrippino. Belazarte. In: *Gente nova do Brasil: veteranos – alguns mortos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935, p. 124. Texto também recolhido por Diléa Zanotto Manfio.

[39](#) Ibidem, p. 123.

[40](#) LOPEZ, Telê Ancona. "Um contista bem contado". In: *Mariodeandradiando*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 85.

[41](#) MORAES, Marcos Antônio de, org. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp/IEB, 2000, p. 661.

[42](#) FERNANDES, Lygia, org. *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968, p. 156.

 DOSSIÊ 

PREFÁCIO INÉDITO

Uma perturbadora intoxicação de vaidade causada por alguns acontecimentos que desde início de 1930 me predisuseram a acreditar excessivamente em mim, me fizeram retardar, pra não dizer abandonar a publicação deste livro. E mais do que isso, causaram em mim uma crise dolorosa que, bem ajuizada agora, não foi mais que o desequilíbrio entre aquela vaidade e minhas forças pessoais. Crise que tive o bom-senso de conservar dentro comigo e agüentar sozinho, foram certamente horríveis os furores românticos, sim, românticos que me fizeram sofrer. Andei mais ou menos extraviado, atirado num sacolejante jogo-de-empurra dos mais extremos requintes de aristocracismo espiritual pros mais decididos aspectos do Comunismo. Mas tudo isso não era eu nem posso ser. A precisão de inteligência, auxiliada por um retorno a melhor saúde física, me repôs na minha querência legítima e aqui estou, retomando o azulejo deixado em meio.

Na verdade a significação única da minha obra é inteiramente nacional. O pouco de internacionalismo, ou melhor, de universalidade que possa ter um *Macunaíma* por exemplo, são ou reflexos indispensáveis do mundo sobre mim, ou ilações naturais do menor pro maior, pois que todo o nacional participa do humano. Mas a minha obra tem de ser uma obra de nacionalidade, está visto: sem nenhum dos aspectos hediondos por onde o nacional mal compreendido e apaixonado empecilha a marcha do mundo. Nem é propriamente com o designativo "nacional" que me devo achincalhar, porque eu detesto o Brasil-nação, detesto as pátrias como conceito político. Tristão de Ataíde observou algures que eu tinha uma singular incapacidade em compreender e viver a noção política da

pátria. É verdade que não tem pessoa mais infensa à política do que eu, mas não é exato que eu não tenha vivido em mim a noção política da pátria. Só que já a ultrapassei. A significação básica, destinada, primária e interessada das minhas obras é a procura do racial. Minha obra não é nacionalizante, é racializante. Obedeço às coordenações geográficas da vida e desprezo às vaidades políticas e imperialistas da inteligência. Materialismo, não. Realismo.

Depois que escrevi o poema herói-cômico de Macunaíma e o li, meu desespero foi enorme ante a obra-prima que falhou. O filão era de obra-prima porém o faiscador servia só pra cavar uns brilhantinhos de merda. Apesar de toda a minha honestidade não servi pra enriquecer ninguém. E aos mais coitados assanhei. Alguns me compreenderam; e os que me atacaram ou puderam estimar na minha obra o que havia nela de estimável, me fizeram bem. Não renego o meu melhor livro. Mas o odeio. Ele representará pra mim sempre, não sei que explosão de Guido Reni, bangalô de aluguel, e uma amargura que maior não posso imaginar. Foi o único proveito que me deu. Porém renegá-lo é impossível com esta boca cheia de saudades e bons dentes, eu completado de esperanças e remorsos, difíceis de precisar mas que só dele me vêm.

Então figurei bem esta resolução que pouco a pouco e sem escândalo, vou realizando. Já agora me vou quase off-side, e a vida se tornou um excelente campo de batatas. Fui plantar batatas, com metáfora e sem ela. As batatas úteis eu tenho desejo que dêem de comer pra certas maiúsculas terrestres. As inúteis me pertencem. Por elas que ninguém me amole porque não amolo mais ninguém. Meus livros de mim, editados por mim, nem pra crítica os mando mais. Não é sinal de desprezo, é consciência da inutilidade mais dela que minha, no estado em que ela agora está. Ou estamos, se quiserem...

O que fica de mais bonito em mim, e tenho de mais odiável, é o trabalho diário, a atividade em prol de alguma coisa. Jamais esse trabalho foi em proveito meu e isso é irritante, eu sei. Pratiquei, continuarei a praticar muitíssimas mentiras e extorsões. Desperdicei e desperdiçarei meus elogios e ataques com aquela mesma experiência com que o provérbio inglês afirma que da lama atirada,

alguma fica sempre. Não atiro lama, questão de metro e muito de altura e esta lealdade que detesta romantismo e outros jogos de azar. Mas atiro elogios e ataques. Pelas pessoas? Mando todo mundo, um por um, àquela parte. E eu também. Se atiro é pelo que isso possa ter dum humano valor. Ah, sacrifícios que nada poderá pagar... Uma consciência lâmina cortando, cortando sem parada a gente pelo meio... E a gente se grudando a cola-tudo, ilusão, guspe, a grampo, num desejo em desespero de se conservar íntegro e forte... Nem forte, nem íntegro, rapazes, a ilusão é insuficiente.

Mas era preciso que alguém deitasse falação about Cendrars chegando, era eu. Comigo eu pensava sorumbático: Musicologia brasileira não há. Fiat lux! *Klaxon* era revista moderna, portanto: crítica de cinema sem cavação e vez primeira. Ora o que que eu tenho com Di Cavalcanti ou Vítor Brecheret? Nada, a não ser gostar de. Eu não sou brasileiro! eu não sou cinemático! Sou um dançarino mirífico esfolhado pelo vendaval. Meu braço esquerdo, tubarão comeu. Minha preguiça caiu na praia do Madeira e ficou lá naquela tarde cor-de-rosa que nem sei. Meu desejo ficou no Nordeste e se Deus me der dinheiro é lá que hei-de morrer.

"Vôm'imbora, vôm'imbora

Pá Paraíba do Norte!

Olê rosêra!"

Olê Lioné, cadê o resto? O resto paira nesses mundos surcando o vendaval.

Uma vez, faz muitos anos, encontrei com um sujeito de madrugada. Por mais que me lembre dele, e o tenho completinho na memória, é impossível negar que ele tivesse três orelhas. Duas ouviam e a terceira se movia ora num, ora noutro lugar. Essa terceira orelha movente, que nunca mais pude achar em ninguém e não é símbolo de nada, me impressionou demais porque era a prova de que eu carecia pra perceber que o corpo humano anda muitíssimo errado.

Corpo humano espacial, eis o que não entendo. O corpo humano é temporal, só temporal; e a só coisa que lhe concederia de espacial

era um braço, braço, antebraço e mão de polaca, bem nutridos e flácidos, irrompendo da testa feito um corno de todas as nossas ambições, desejos e necessidades individuais. Porque isso é que o homem é, para vingança do meu campo de batatas.

Enfim, seu Serafim, foi isso o que se deu. O que sofri por dentro não se conta. O que banquei por fora não interessa contar. Vale mais o respeito pragmático pelas aventuras humanas. Isso é que faz-me publicar este livro dos dias passados da experiência brasileiroista.

Quando fiz estes contos, a maioria no tempo em que Elísio de Carvalho sustentava a *América Brasileira*, e pra ela destinados, o momento pra mim era de exercícios de estilo. Isso quanto a exterior. Nem bem principiado o primeiro conto, o leitor verá, lembrando este Prefácio, que esse tempo até pra mim já passou já. Hoje o que eu sonho é um dicionário de 50 palavras, com todos os milhares de outras esperando o momento de estourar. Se o momento não vier que não estourem nunca e fiquem esperando outro escritor.

Se o livro fosse apenas meu, não deixava ele sair como sai. Mudava-lhe inteirinha a dicção. Mas é de Belazarte em principal, não meu. E solilóquio, justifica-se que fale como o livro está.

Há os que acham que a gente pode modificar à vontade os calungas que inventa. Começo por não aceitar a "invenção" dos calungas. São o que são mais por eles que por nós. Possuem evidência tão sensível que mudar-lhes um gesto ou maneira-de-ser é tornar-se hipócrita pra com uma realidade que se torna hipócrita. Não faço. Aliás basta freqüentar um bocado estas páginas pra ver que Belazarte não sou eu. Terá muito de mim como filho, é verdade, mas tem imensas variações de estranhos cromossomos. Se não respeito os cromossomos, reconheço que são mais poderosos que eu. Da mesma forma com que desprezando a Medicina, sempre achei irrecusável uma operação de apendicite. Por isso tudo Belazarte existe e estes "meus" contos ele é que os contou.

Mas não acreditem que eu seja tão forte como este Prefácio me indica, não sou mais. Acabo de reler o que escrevi, fico espantado, não sou eu! Isto é: sou eu, mas o que foi tamanha decisão assim? Justamente agora em que até a idéia de suicídio virou mosca... Não. Prefiro um som de saxofone que me volte aos meus desertos de

tocaia. O medo é que este saxofone seja de reminiscências orquestrais... Foi desespero, desespero só. Mas agora procuro em vão uma tristeza, algum abatimento pra encerrar com justiça este Prefácio. Não acho. Vou dar um giro e na volta acabarei.

Agora sim: estou salutarmente fatigado e bem disposto. Sinto-me feliz e posso continuar mais triste.

Eu estava falando nestes contos... Não sei o que eles valem e a distância vasta que me separa deles não me permite mais aquele ardor com que o artista se ilude sobre o que faz no momento. Porém gosto deles principalmente porque abrem com modéstia um rumo novo pra mim.

Se esteticamente *Macunaíma* foi bem o ponto-de-chegada da minha experiência brasileiro, espiritualmente era pra mim um beco sem saída. Se não é possível em mim sequer uma esperança de mudar meu pessimismo neste país desgraçado em que cada mocidade é um monturo nojento de fraquezas, ignorâncias, complacências e ambições paupérrimas, é por vias mais humanas que terei de cantar a elegia do caráter morimbudo e a imundície de tudo quanto somos.

Belazarte é um bom começo. Tem piedade dos seres reais, que não tenho. E não sabe conceber o que seja a felicidade. Quando a busca não acha ou a supõe nos bêbados. É uma limitação amarga e insuportável.

Mas por ele recomeçam de novo em mim vivendo os seres reais. Não me interessam mais assombrações. É um mundo fácil em que o espírito cria como quer com suas mortíferas preguiças. Vagamente eu já pressentira isso quando ao principiar *Macunaíma*, de que faria, eu pensava, um puro brinquedo livre em que meu ser em férias se desfaticasse do mundo, fui logo botando nele intençõeszinhas, imagens, alusões que o tornaram a caricatura dolorida que é. Ôh! esse vácuo abominando entre *aquilo que existe* e a sua imagem, na certa é o único empecilho que nos impede de aferrar com nitidez a realidade!

Espero que este livro seja detestado. Isso não prova que ele seja bom, mas me liberta. O maior castigo do artista é ser gostado. Não lhe dá amigos, lhe dá muitos companheiros. Os outros principiam

compreendê-lo *excessivamente* e não tem nada que deforme e suje mais uma entidade que a excessiva compreensão dos outros.

É verdade que muito eu já tenho recomeçado... Só que nunca me veio uma sensação tão livre de recomeço. E este deserto é que ambiciono mais, meus saxofones. Porém meu medo, meu receio tristonho, é que os meus saxofones sejam tão somente umas reminiscências orquestrais...

MÁRIO DE ANDRADE



[São Paulo] 2 de maio de 1930 [1931]



NOTA DA EDIÇÃO

Manuscrito datado "2-V-930"; datiloscrito original, fita preta gasta, 7 folhas. A primeira folha, mais antiga no papel jornal, padrão ofício (32,2 x 21,8 cm), mostra um primeiro texto, versão com rasuras a máquina e em autógrafo a grafite e a tinta preta. As demais folhas são de papel branco amarelecido, filigrana "CASA PRATT/ BRAZIL", datilografia com tinta de fita nova; rasuras a máquina e em autógrafo a tinta preta. Possuem diferentes medidas, pois juntam três folhas inteiras, padrão ofício (33,1 x 21,7 cm, f. 3 -4 e 7) e fragmentos cortados a tesoura (13,4 x 21,4 cm, f. 2; 4,1 x 21,7 cm, f. 5 ; 18,8 x 21,7 cm, f. 6), os quais indicam a existência de um segundo texto. Páginas com numeração final a grafite, sobreposta, consolidando uma terceira versão. Esta tem, no verso da p. 6, quatro linhas datilografadas remanescentes de "Terno itinerário ou trecho de antologia", em versão anterior à da crônica publicada por Mário de Andrade no *Diário Nacional* de São Paulo, em 15 de fevereiro de 1931. No verso da última folha, o escritor escreve a lápis: "Prefácios/ abandonados de/ Belazarte". O Prefácio, aqui publicado, acolheu a terceira versão.

 MANUSCRITOS E EDIÇÕES 

MA-MMA-17-91

Mario de Andrade

Primeiro A n d a r

Contos

CASA EDITORA ANTONIO TISI
R. FLORENCIO DE ABREU, 4 - S. PAULO
1926

Capa da 1ª edição, 1926.



Capa de Iokanaan, 1ª edição, 1934.

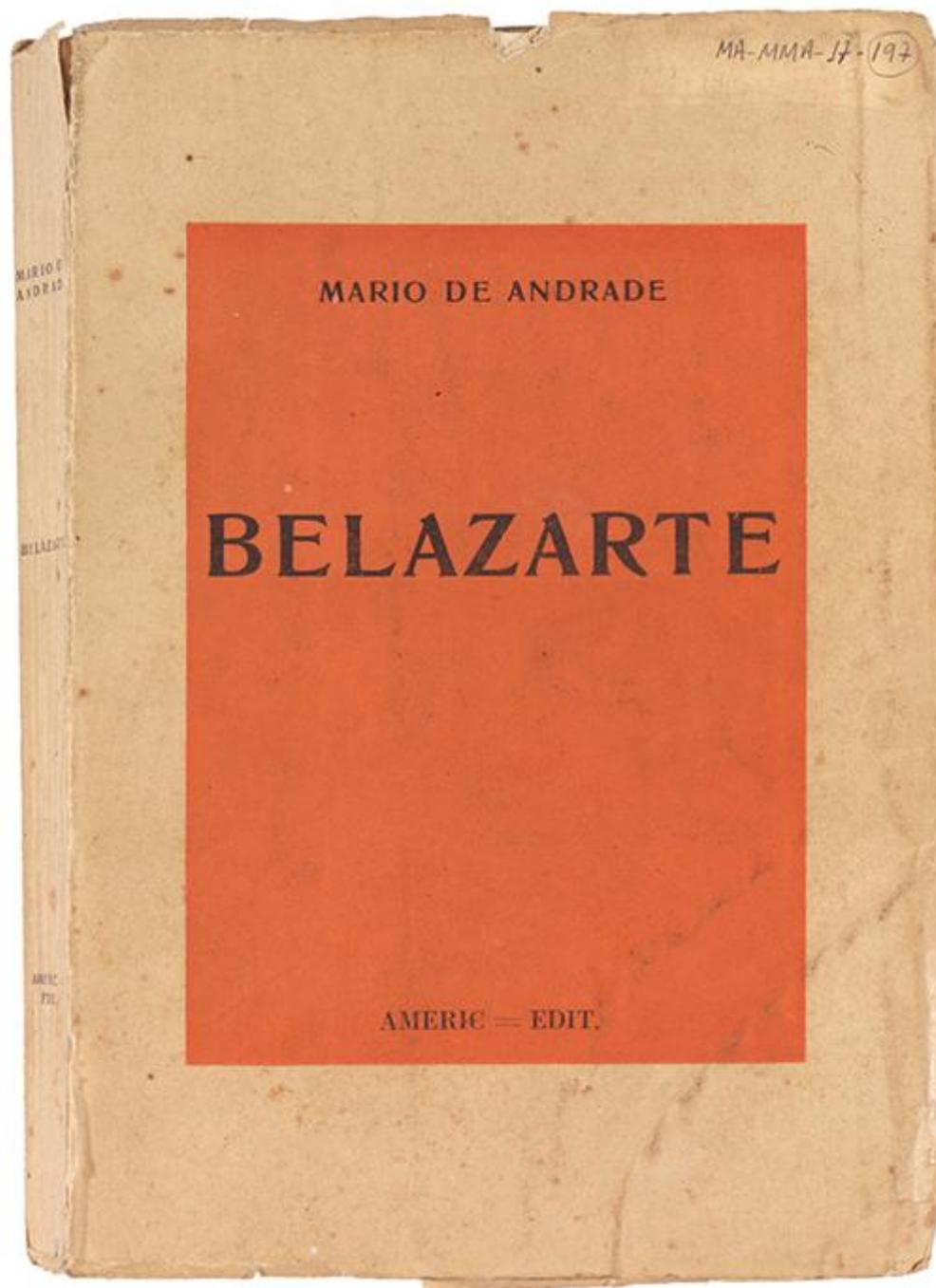
O BE^SXOURO E A ROSA

a Luis Emilio Soto

Belazarte me contou:

Não acredito em bicho maligno mas be^Sxouro, ^{xy} Não sei não. Olhe o que sucedeu ^{prá} Rosa . . . Dezoito anos. ^{com a} E não sabia que os tinha. Ninguem reparára nisso. Nem ^{e/} dona Carlotinha nem dona Ana, ^{Entretanto eram} velhucas e solteironas, ^{Ambas} quarenta e muito. Rosa ^{1/a} viera prá companhia delas aos sete anos quando lhe morreu a mãe. Morreu ou deu a filha que é a mesma coisa que morrer. Rosa crescia. O português adorável do tipo dela se desbastava aos poucos das vaguezas físicas da infância. Dez anos, quatorze anos, quinze . . . Afinal dezoito em ^{Maio} passado. ^{Porém} Rosa ^{1/m} continuava com sete, pelo menos no que faz a alma da gente. Servia sempre as duas solteironas com a mesma fantasia caprichosa da antiga Rosinha. Ora limpava bem a casa ora mal. A's vezes se esquecia do paliteiro no botar a mesa pro almoço. E no quarto afagava com a mesma ignorância de mãe de brinquedo a mesma bo-

O besouro e a Rosa – exemplar de trabalho em Primeiro andar, 1943.



Capa da 2ª edição, 1944.

MA-MMA-17-199

45-46-55-56-95-102-105-107-
108-178-179-191-197-

8 anos novos: 197-

BELAZARTE

Exemplar de Belazarte corrigido pelo autor, 1944.

com a dona

MA-MMA-17-(245)

Menina de olho no fundo 95

que esperava muita coisa. Pôs ambição no conselho e a boba da mocinha sentiu um golpe bom dentro da paciência. Saiu feliz sem saber de quê, porém mesmo nesse dia inda foram quase duas horas de ré maior.

Seu Gomes sorumbático puxou a cigarreira pra fumar. Viu a cara embaçada na tampa de prata. E daquela cara regular dum moreno pálido, com o cabelo crespo negrejando sôbre as entradas, descia um corpo que encostasse nêle. E seu Gomes piâzinho inda machucara muito uma unha. Ficara aquela mancha preta grande que até dava espirito pra mão. Saiu sorumbático. Aqueia menina era bem capaz de fazer dêle... isso não, que não era nenhum lesó! A Serafina. (É a vizinha). Não podia ser acaso não. De primeiro inda era só de tarde, hora mesmo da gente estar na janela, mas agora ao meio-dia, pronto: sorrindo pálido pra saudação dêle. Serafina. Doce nome... Todas as raças são iguais... Seu Gomes entardeceu num sossêgo largado, muito suave. Sorriu livre, tornando a pensar na Dolores, que sapequinha! Enfim, fôra bom porque agora sabia com quem estava tratando.

que não era pra comas: capaz de aguentar

X

X

de-

X

Exemplar de Belazarte corrigido pelo autor, 1944.

Belazarte me contou:

italico

Talvez ninguém reparasse, nem eles mesmo, porém foi sim, foi depois daquela noite, que os dois começaram a brigar por um nada. Dois manos brigando dêsse jeito onde se viu! E dantes tão amigos... Pois foi naquela noite. Sentados um a par do outro, olhando a quermesse. O leilão estava engraçado. O Sadresky dera tres milréis por um cravo da Flora. Éta mulatinha esperta! Também com cada olhão de jaboticaba rachada, branco e preto luzindo melado, ver suco de jaboticaba mesmo... onde estará ela agora? até com seu doutor Cerquinho!...

— Você foi pagar a conta pra êle, Aldo?

— Já.

Contemplavam o povo entrançado no largo. Seguiam um, seguiam outro, pensando só com os olhos. Nem trocavam palavra, não era preciso se conheciam bem por dentro. De repente viraram-se um pro outro como pra espiar onde que o mano olhava. Aldo fixou Tino. Tino não quis retirar primeiro os olhos. Olho

H brigando

H3

H nam

1, é

/ mais :

14

13

Caim, Caim e o resto *no apógrafo* de Os contos de Belazarte, 1944.

TEXTO DE ORELHA

 Na década de 1920, o Brasil ingressava com dificuldades na modernidade – e São Paulo era a porta de entrada dessa modernização tardia. Industrializando-se e urbanizando-se aos poucos, em muitos aspectos a cidade – e o país – continuava amarrada à tradição rural.

É esse o contexto dos contos de Belazarte, que Mário de Andrade começou a publicar na revista *América Brasileira* ainda nos anos 20. Nessas narrativas, introduzidas sempre pela frase “Belazarte me contou”, o autor tentou, segundo ele próprio, “grafar exatamente, com o mais contraditório realismo, as inconseqüências da fala popular”, pesquisa de linguagem que utilizaria em *Amar, verbo intransitivo* (1926) e que chegaria ao ápice em *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (1928).

O narrador recolhe casos da periferia de São Paulo, distantes de sua própria realidade. “Tristonho e realista”, como o qualifica Mário de Andrade, narra histórias de mães e filhos, de meninas que se tornam mulheres, das comunidades de italianos recém-imigrados, a outra face da sociedade urbana brasileira, representada em *Amar, verbo intransitivo* pela burguesia industrial. Ao mesmo tempo que encontramos em *Belazarte* as contradições da sociedade e da modernização, os contos se aproximam da angústia do homem preso em seu cotidiano sem brilho, desenraizado e muitas vezes coberto de sofrimento.

O pessimismo dos *Contos de Belazarte* é um traço do narrador, que ganhou uma voz tão particular que o autor quase não reconhecia os textos como seus. “Belazarte não sou eu”, afirma Mário, invertendo a famosa defesa de Flaubert. “Por isso tudo Belazarte existe e estes ‘meus’ contos ele é que os contou.” Mas, certamente, é uma das faces do escritor plural que disse ser trezentos, trezentos e cinqüenta.

 SOBRE O AUTOR 

 *Belazarte – alter ego de MÁRIO DE ANDRADE (1893-1945) – tem sua origem nas Crônicas de Malazarte, publicadas pelo autor na revista América Brasileira entre 1923 e 1924. Reunidos em 1934, Os contos de Belazarte foram modificados pelo autor para a segunda edição, de 1944, até chegar à presente configuração.*

Mário de Andrade iniciou sua carreira literária em 1917 com Há uma gota de sangue em cada poema. Estreou em livro de contos com Primeiro andar, publicado em 1925 e posteriormente incluído em sua Obra imatura. Colaborou com crônicas, contos e críticas em diversos periódicos, como A Cigarra, O Echo, A Gazeta, Revista do Brasil e Terra Roxa e Outras Terras. Entre seus mais de vinte livros está o romance Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, de 1928, marco do modernismo brasileiro.

Copyright © 2008
Herdeiros de Mario de Andrade

Produzido em conjunto com a Equipe Mario de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), coordenada por Telê Ancona Lopez.

Projeto gráfico
Ana Luisa Escorel | Ouro sobre Azul

Capa
Direção de Arte | **Ana Luisa Escorel** | Ouro sobre Azul
Design | **Laura Escorel** | Ouro sobre Azul

Fotografia de capa
Arquivo Caio Prado Jr. | IEB-USP

Revisão
Clara Diament

Produção editorial
Lucas Bandeira de Melo

Produção de ebook
Mariana Mello e Souza

CIP BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS RJ

A568c

Andrade, Mário de, 1893-1945

Os contos de Belazarte

Mário de Andrade;

estabelecimento de texto Aline Nogueira Marques

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013

Obras completas de Mário de Andrade

ISBN 978 85 209 3346 6

1. Conto brasileiro. I. Título. II. Série.

07 1748

CDD 869.93

CDU 821 134 3(81) 3

Todos os direitos reservados à

Editora Nova Fronteira Participações S.A.

Rua Nova Jerusalém, 345 | Bonsucesso

CEP 21042 235 | Rio de Janeiro RJ

T 21 3882 8200 | F 21 3882 8212 | 3882 8313

 TEXTO DE QUARTA CAPA 

 *Depois se fixou em mim é verdade que um pouquinho metamorfoseada, mais vivacidade e menos pessimismo tristonho. Mas pessimista. Quase todas as histórias acabam com o refrão Fulano foi muito infeliz. Fulano foi muito feliz vem em duas histórias só, são felizes uma bêbeda esquecida do mundo Nízia Figueira e um moço bobo. Bobo no sentido da medicina popular. E veja, hoje, todos os gêneros se baralham, isso até Croce já decretou e está certo. Romances que são estudos científicos, poemas que são apenas lirismo, contos que são poemas, histórias que são filosofias etc. etc.*

Carta a Carlos Drummond de Andrade,
23 de novembro de 1926

